

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
VANESSA BALSANELLO XAVIER**

**OS BRASIS DE MONTEIRO LOBATO: DE JECA TATU
AO DESENCANTAMENTO**

CURITIBA

2010

VANESSA BALSANÉLLO XAVIER

**OS BRASIS DE MONTEIRO LOBATO: DE JECA TATU
AO DESENCANTAMENTO**

Dissertação apresentada como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em História junto ao Programa de Pós-Graduação em História, do Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes da universidade Federal do Paraná.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Andréa Carla Doré.

CURITIBA

2010

Catálogo na publicação
Sirlei do Rocio Gdulla – CRB 9ª/985
Biblioteca de Ciências Humanas e Educação - UFPR

Xavier, Vanessa Balsanéllo

Os brasis de Monteiro Lobato: de Jeca Tatu ao desencanta-
mento / Vanessa Balsanéllo Xavier. – Curitiba, 2010.
132 f.

Orientadora: Profª. Drª. Andréa Carla Doré
Dissertação (Mestrado em História) - Setor de Ciências Huma-
nas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná.

1. Lobato, Monteiro, 1882-1948 – crítica e interpretação.
2. Revista do Brasil -1916-25. 3. Jeca Tatu. 4. Literatura
brasileira – história e crítica. I. Título.

CDD B869. 309




UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES.
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
Rua Gal. Carneiro, 460, 7º andar, sala 716, fone/fax + 55 (41) 3360-5086,
80.060-150, Curitiba, PR, Brasil.
E-mail: cpghis@ufpr.br Website: www.poshistoria.ufpr.br

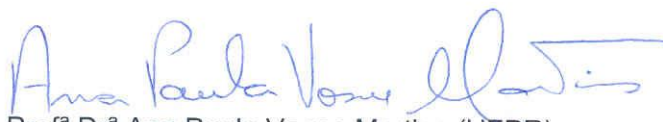
PARECER DA BANCA EXAMINADORA

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Paraná (PGHIS/UFPR) para realizar a argüição da Dissertação de Mestrado de Vanessa Balsanéllo Xavier, intitulada: **Os Brasis de Monteiro Lobato: do Jeca Tatu ao desencantamento**, após terem inquirida a aluna e realizado a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua Aprovação....., completando-se assim todos os requisitos previstos nas normas desta Instituição para a obtenção do Grau de **Mestre em História**.

Curitiba, quatro de novembro de dois mil e dez.


Profª Drª Andréa Carla Doré (Orientadora)
Presidente da Banca Examinadora


Profª Drª Tania Regina de Luca (UNESP)
1º Examinador


Profª Drª Ana Paula Vosne Martins (UFPR)
2º Examinador

AGRADECIMENTOS

Primeiramente à orientação da Professora Andréa Carla Doré pelas leituras atentas e comprometidas de meus textos, à sua paciência e compreensão com relação aos meus atrasos em mandar os capítulos e pelas necessárias discussões teóricas, imprescindíveis para o progresso da pesquisa.

Às sugestões dadas pelas professoras Ana Paula Vosne Martins e Roseli Terezinha Boschilia na banca de qualificação, que foram sem dúvida de grande valia para que o trabalho chegasse à presente forma.

Às professoras que fazem parte desta banca de defesa, Ana Paula Vosne Martins e Tania Regina de Luca, o meu muito obrigada por disponibilizarem do seu tempo.

Aos colegas de trabalho, que me liberaram e cobriram o meu horário inúmeras vezes quando precisei sair. Ao meu grande amigo Felipe Luiz, que acompanhou a gestação do projeto, as viagens na busca pelas fontes e foi meu guia aqui em Curitiba, me orientando pela cidade até a Biblioteca Pública, nos outros campus da Universidade Federal, na busca por livros que não estavam na biblioteca da reitoria. O meu agradecimento por sua companhia e também por nossas conversas e discussões.

A todos os colegas e professores que participaram do Minter, em especial ao professor Bonamigo, grande incentivador da minha produção acadêmica desde a graduação; e a professora Claídes, que também sempre esteve disponível para conversar e contribuir com materiais.

E por último, mas não menos importante, à minha mãe que me proporcionou constante incentivo e apoio incondicional. E ao meu irmão que por inúmeras vezes emprestou e devolveu os livros que eu precisava da UNIPAR.

RESUMO

Esta dissertação tem por objetivo analisar como a questão do progresso foi assumindo diferentes formas a partir das três fases do personagem Jeca Tatu, de Monteiro Lobato, e ponderar sobre dois momentos da obra do escritor: a construção do Jeca Tatu e a crítica ao progresso, contida em seus últimos trabalhos. Para tal, discute-se a questão sanitária, racial, da identidade nacional até chegar ao descontentamento com relação ao progresso e à modernidade, baseados no contexto histórico da virada do século XIX para o XX, que gerou um amplo processo de mudanças, das quais o autor participou. Valendo-se da literatura do período como fonte histórica para compreender os processos de integração e interação vivenciados por Monteiro Lobato e o grupo social do qual fazia parte, utilizamos artigos da *Revista do Brasil*, no período que vai de 1916 a 1925, e várias obras do escritor.

Palavras-chave: Jeca Tatu, Progresso, Literatura, Desencantamento.

ABSTRACT**THE MONTEIRO LOBATO'S BRAZIL: FROM JECA TATU TO THE
DISENCHANTMENT**

This dissertation has for objective to analyze how the question of progress was assuming different forms from the three phases of character Jeca Tatu, of Monteiro Lobato and consider about the two moments the work of the writer: the construction of Jeca Tatu and the critical against he, contained in his later works. For this, discusses the health question, racial, the national identity until arriving at the discontent with respect to the progress and modernity, based on the historical context of the turn of century XIX for the XX, that generated an extensive process of changes, of which the author participated. Drawing on literature of the period as historical source to understand the processes of integration and interaction experienced by Monteiro Lobato and social group which was part, this dissertation uses articles published in *Revista do Brazil* in the period from 1916 to 1925, and others Lobato's works.

Keywords: Jeca Tatu, Progress, Literature, disenchantment.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO 1 – JECA TATU: PRODUTO DE UMA SOCIEDADE	11
1.1: Monteiro Lobato: entre o campo e a cidade	11
1.2: Literatura, jornalismo e crítica social	23
1.3: Jeca Tatu: o mal da terra	36
CAPÍTULO 2 – MUTAÇÕES E APROPRIAÇÕES DO JECA	49
2.1: Jeca Tatuzinho e o discurso sanitarista	52
2.2: Zé Brasil	72
CAPÍTULO 3 – QUE PROGRESSO PARA O BRASIL?	78
3.1: O progresso visto de perto	78
3.2: Somos todos Jecas Tatus	92
3.3: O desencantamento	101
CONSIDERAÇÕES FINAIS: A construção de um mito	110
FONTES PRIMÁRIAS	118
BIBLIOGRAFIA	121

INTRODUÇÃO

*“A história não é todo o passado e também não é tudo o que resta do passado. Ou, por assim dizer, ao lado de uma história escrita há uma história viva, que se perpetua ou se renova através do tempo, [...]”*¹

Com este fragmento inicia-se este trabalho em que o tema continua atual. Monteiro Lobato, Jeca Tatu, a ideia de progresso, de identidade e cultura nacional, são assuntos que, à medida que o tempo passa, parecem ganhar vida ao se fazerem permanentes nos debates de senso comum ou nos mais cientificamente elaborados.

Sendo esta uma dissertação da linha de pesquisa Espaços e Sociabilidades, vertente que estuda os contornos assumidos pelas sociedades modernas e contemporâneas, as pesquisas partem da suposição de que essas configurações sociais produzem novas formas de relacionamento e a composição de espaços diferenciados. Pensando nisso, procuraremos compreender os processos de integração e interação vivenciados por Monteiro Lobato e o grupo social de que fazia parte. Consideraremos assim, as maneiras como eles utilizavam, pensavam, representavam, construíam e controlavam os diferentes espaços, principalmente dos meios de comunicação a que tinham acesso para propagar seus conceitos.

Ao pensar em Monteiro Lobato é imprescindível analisar o contexto histórico em que estava inserido, porque, muito mais do que um escritor de sucesso, ele foi o representante de um grupo, precursor de uma ideologia, e acima de tudo, um enunciador em potencial. O período em que viveu e escreveu foi de transição entre o fim da escravidão, com a consequente mudança nas relações de trabalho e na estrutura econômica do país, a vinda dos imigrantes, o início da República, ainda com uma elite oligárquica muito forte e presente e o início da industrialização e modernização das cidades.

Assinalando nitidamente um amplo processo de mudanças na virada do século XIX para o XX, o advento da ordem republicana no Brasil foi marcado por uma série de transformações culturais, desestabilização política e reajustamento social. Os resquícios culturais e sociais do Império deveriam ser substituídos pela modernização republicana, acarretando a inserção compulsória do Brasil na *Belle Époque*, como afirma Nicolau Sevcenko.² Além disso, o período compreende os preparativos para a comemoração do

¹ HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Trad. Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006, p. 86.

² SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. p. 44-46.

Para o mesmo autor, porém em outra obra, o momento correspondente a Belle Époque no Brasil abrange o período de duração da primeira grande guerra europeia. Sobre o assunto ver: SEVCENKO, Nicolau. Introdução:

centenário da independência, o golpe de 1930 e, por fim, a ditadura do Estado Novo. Tudo isso influenciou fortemente a produção do escritor, que passou por inúmeras fases, sendo que as mais importantes são representadas pelas metamorfoses sofridas pelo personagem Jeca Tatu.

Este, muito mais que um personagem, foi o próprio discurso de Lobato, a representação das mudanças sofridas por seu criador. *A Revista do Brasil* foi o meio utilizado pelo autor para propagar seus ideais. Além dela, ele utilizou-se de jornais, entre eles *O Estado S. Paulo*, de seus livros e das cartas escritas ao amigo Godofredo Rangel, reunidas em *A barca de Gleyre* e publicadas em 1944.³ Sobre as cartas, o próprio Lobato afirmava ao amigo, em 1943:

Desconfio, Rangel, que essa nossa aturada correspondência vale alguma coisa. É o retrato fragmentário de duas vidas, de duas atitudes diante do mundo – e o panorama de toda uma época. Literatura, história e mais coisas. [...] Minha correspondência geral é incrível. Tenho cartas de todo mundo importante desta terra e de outras.⁴

Escrever sobre um assunto que já foi amplamente debatido, pesquisado e registrado sob vários aspectos, tais como literatura infantil, produção editorial, luta pela nacionalização do petróleo, sua relação com os modernistas, entre outros, não é algo fácil, torna-se um desafio. Entre os escritores lobatianos⁵ mais notáveis estão: Marisa Lajolo, Cassiano Nunes, Regina Zilberman, José Guilherme Merquior, Aluizio Alves Filho, André Luiz Vieira de Campos, Edgard Cavalheiro, Tadeu Chiarelli, Paulo Dantas, Vasda Bonafini Landers, Enio Passiani, e muitos outros. Contudo, estudar Monteiro Lobato a partir de uma nova perspectiva, faz com que o trabalho tenha um viés diferente dos demais. Monteiro Lobato e o seu embate permanente com relação ao progresso é o tema deste trabalho.

Sendo assim, a presente pesquisa propõe-se a analisar como a questão do progresso foi assumindo diferentes formas a partir das três fases do personagem Jeca Tatu. Ponderando também sobre os dois momentos existentes na obra do escritor: a construção do Jeca Tatu e a

O prelúdio, astúcias da ordem e ilusões do progresso. In.: NOVAIS, Fernando A. (Coord.). **História da vida privada no Brasil, 3**: República: da Belle Époque à era do rádio. São Paulo: Companhia das Letras, 1999. p. 35.

³ As cartas de Monteiro Lobato a Godofredo Rangel foram escritas de 1903 até 1948, pouco antes de sua morte. São setecentas e cinquenta e duas páginas em dois volumes, publicados sob o título de *A barca de Gleyre*. Contudo, a primeira edição publicada ainda em vida por Lobato, reuniu as cartas enviadas até 1943, depois da morte do escritor foram acrescentadas as demais.

⁴ Carta de 05/09/1943, encontrada em: LOBATO, Monteiro. **A barca de Gleyre**. São Paulo: Brasiliense, 1959. v.2, p. 352.

⁵ Isto é, aqueles que estudaram e se aprofundaram na vida ou obra do escritor de uma maneira bastante contundente. Sem contar, e não foram aqui citados, aqueles que se referiram e analisaram Lobato de uma maneira ou de outra, nas diferentes pesquisas realizadas sobre as temáticas que se relacionavam ao escritor, ao personagem Jeca Tatu ou a outros personagens.

crítica romântica, ou crítica social ao progresso, que o autor faz através de suas últimas obras, passaremos pela questão sanitária, racial e pela identidade nacional. A crítica romântica é assim entendida porque se aproxima do que Michel Lowy apresenta como uma crítica social à sociedade capitalista e, conseqüentemente, ao progresso.⁶

O que possibilita a execução desta análise são os textos literários e políticos do autor contidos na *Revista do Brasil*, de 1916 a 1925, que remetem à imagem do Jeca Tatu e ao ideal de progresso existente no período, como *As novas possibilidades das zonas cálidas* (1918) e *A nossa doença* (1918). Outros textos que não foram escritos por ele, mas que fazem menção ao personagem: *A humanidade de Jeca Tatu* (1920), de Câmara Cascudo, *Géca Tatú e o principio da exceção creadora* (1922), de Brenno Ferraz, *O dialeto caipira* (1916), de Amadeu Amaral e *A questão Social e Política no Brasil* (1919), de Ruy Barbosa. Além dos contos *Urupês* e *Uma Velha Praga* (ambos de 1914), do jornal *O Estado S. Paulo*, há alguns editoriais da *Revista* que retratam o momento, cartas escritas ao amigo Godofredo Rangel (*A barca de Gleyre*), a familiares e outros amigos (*Cartas Escolhidas*) e algumas das obras finais do autor, como *A Chave do Tamanho* (1942), *O Minotauro* (1939) e *América* (1932).

O trabalho está disposto na perspectiva de que a *Revista do Brasil*, Monteiro Lobato e o Jeca Tatu, nossos três principais elos da pesquisa, foram veículos propagadores e efetivadores de novos panoramas para a construção de um Brasil segundo os ideais da época. Cada um deles teve um papel a cumprir: a *Revista* foi o texto, Lobato o enunciador e o Jeca o discurso.

Centro das atenções e referência no circuito literário das décadas de 1910 e 1920, Monteiro Lobato tornou-se alvo dos ataques modernistas, tendo simbolicamente sua morte decretada por Mário de Andrade, em 1926, o que o afastou do cenário literário do período, fazendo-o direcionar-se a outros setores da cultura nacional, como a literatura infantil e a representação do país no exterior. O escritor, assim como a maioria dos intelectuais de seu tempo, admirava o progresso científico e tecnológico de sua época, e lutou, de diversas formas, para incluir o país dentro deste contexto, especialmente através de sua literatura, da qual fazia seu principal instrumento de expressão e ação.

Jeca Tatu, personagem criado por Lobato para representar o morador do interior paulista, recebeu críticas e elogios, tendo surgido inúmeras figuras opostas ou semelhantes a

⁶ LOWY, Michel. A crítica romântica e a crítica marxista da civilização moderna. In.: _____. **Romantismo e messianismo**: ensaios sobre Lukács e Benjamin. São Paulo: Edusp, 1990, pp.35-51.

ele, como meio de complementá-lo. Jeca Tatu reflete as ideias de seu autor sobre o progresso e a civilização, ideias essas que marcaram as primeiras décadas do século XX no Brasil.

O primeiro Jeca era um agregado. O segundo, Jeca Tatuinho, um pequeno proprietário, por isso, e só assim, conseguiu enriquecer e tornar-se fazendeiro. E o terceiro, Zé Brasil, era um empregado. Podemos considerar então, basicamente, dois momentos desse personagem: a primeira e a última versão como expressão da realidade ou, pelo menos, proximidade desta, e a segunda como ficção, demonstração de um desejo.

Já a *Revista* analisada busca construir um ideal de nação a partir de São Paulo, refletindo assim a conjuntura do momento em que os autores propagavam suas opiniões. Toda a discussão encontra-se disposta em três capítulos: 1 – **Jeca Tatu: produto de uma sociedade**, 2 – **Mutações e apropriações do Jeca**, 3 – **Que progresso para o Brasil?**

No primeiro capítulo pretende-se abordar, de maneira detalhada, os seguintes assuntos: *Revista do Brasil*, Monteiro Lobato (trajetória), Jeca Tatu em sua primeira fase, de maneira a analisar como um está ligado ao outro não fazendo sentido separados. Foi na *Revista do Brasil*, periódico de maior importância da República Velha, que Monteiro Lobato tornou-se efetivamente um autor e editor consagrado, pelo fato de ter sido em suas páginas que ele ganhou um maior espaço para divulgar seu ideário. Além desses itens, aborda-se também o panorama literário do período, a crítica romântica, a oposição campo-cidade e a literatura regionalista.

Para a construção deste tópico, levando-se em conta a teoria da análise do discurso, os três sujeitos analisados ficariam assim definidos: *Revista*, Lobato e Jeca, como linguagens da comunicação (texto, enunciador e discurso, respectivamente), utilizadas para construir e concretizar uma ideia de Brasil presente entre a elite nacional. Vinculados a este conceito, Monteiro Lobato seria um enunciador, por elaborar um discurso sobre o país, sintetizado na figura do Jeca. A *Revista do Brasil* seria o veículo que reproduz o texto escrito ou editado por Monteiro Lobato.

Conforme Eni Orlandi⁷, texto é igual a discurso, portanto, à medida que Lobato ia escrevendo seus textos, literários ou não, discursava sobre uma causa. Deste modo, a *Revista* e o seu editor definiam uma ideologia, eram portadores de determinados interesses e estabeleciam a linguagem que podia ser usada. E o Jeca seria a representação do caboclo do interior, a crítica humanizada por Lobato. Contudo, esta divisão não “dá conta” da

⁷ ORLANDI, Eni Pulcinelli. **A linguagem e seu funcionamento**: as formas do discurso. São Paulo: Brasiliense, 1983, p.138.

própria flexibilidade do autor que se utilizou de mais de um meio para propagar suas convicções e de mais de uma imagem para demonstrar suas intenções e seu pensamento.

A literatura e a história das mentalidades também ajudam a compreender alguns aspectos, como o conceito apresentado por Michel Vovelle sobre a história das mentalidades: “estudo das mediações e da relação dialética entre, de um lado, as condições objetivas da vida dos homens e, de outro, a maneira como eles a narram e mesmo como a vivem.”⁸ Assim, não se deixa de circular, ainda que brevemente, sobre este campo da história, uma vez que se trabalha com as cartas de Monteiro Lobato, enviadas a Godofredo Rangel. Ao trabalhar com elas, percebe-se alguns elementos a que remetem as mentalidades, ou seja, a lembrança, a memória e as formas de resistência.⁹

A literatura também leva a este caminho. Segundo Antonio Candido, a literatura são os

fatos eminentemente associativos; obras e atitudes que exprimem certas relações dos homens entre si, e que, tomadas em conjunto, representam uma socialização dos seus impulsos íntimos. Toda obra é pessoal, única e insubstituível, [...] tornando-se uma “expressão”. A literatura, porém, é coletiva, na medida em que requer uma certa comunhão de meios expressivos (a palavra, a imagem), e mobiliza afinidades profundas que congregam os homens de um lugar e de um momento, - para chegar a uma “comunicação”.¹⁰

Para André Campos, a literatura é um dos melhores “documentos do imaginário” para a história das mentalidades, pois através dela o autor revela os seus conflitos e desejos não realizados e também da época em que foi feita, mostrando muitos elementos que possam ter sido deixados de fora da história oficial.¹¹ De acordo com o contexto do período (1916-1925), o Jeca Tatu passou a ser o estereótipo do homem brasileiro (do interior) a ser superado, mas que de certo modo representava a revolta de uma classe. Ele foi usado para mostrar aquilo que o Brasil não poderia ser.

Seguindo a ideia do mesmo autor, o intenso debate que envolveu a figura de Jeca Tatu desde sua primeira aparição, girava em torno, fundamentalmente, do papel da questão racial na construção da nacionalidade e das possibilidades de modernização do país. O Jeca deu margem para muitas interpretações logo na sua primeira versão. Para uns, era o retrato fiel do

⁸ VOVELLE, Michel. **Ideologias e mentalidades**: um esclarecimento necessário. In.: _____ . Ideologias e mentalidades. São Paulo: Brasiliense, 1987, p.24.

⁹ VOVELLE, **op. cit.**, p.19.

¹⁰ MELLO e Souza, Antonio Candido. A literatura na evolução de uma comunidade. In.: _____ . **Literatura e sociedade**: estudos de teoria e história literária. 8.ed. São Paulo: T.A.Queiroz, 2000. pp.139-167. p. 139.

¹¹ CAMPOS, André Luiz Vieira de. **A República do pica-pau amarelo**: uma leitura de Monteiro Lobato. São Paulo: Martins Fontes, 1986, p.XIV.

homem sertanejo do norte e do sul, para outros, era uma vítima da irresponsabilidade social do governo, e para os críticos do projeto liberal, era o exemplo que colocava em dúvida a viabilidade do jogo democrático. Havia ainda os que o avaliavam como um produto do meio e aqueles que o consideravam exagerado.¹²

A proximidade de Lobato com a crítica romântica que se enfatiza aqui, a fase do seu descontentamento em relação ao progresso, tem como base a discussão proposta por Michel Lowy. Conforme Lowy, antes mesmo de Marx, os poetas e escritores românticos já criticavam a sociedade burguesa moderna. Nascido na segunda metade do século XVIII, o anticapitalismo romântico pode ser definido como uma forma de ver o mundo e pode ser encontrado, não só nos trabalhos de escritores e poetas mas também nos romances de realistas, nos trabalhos de economistas políticos e de sociólogos.¹³ Ao mesmo tempo em que Lobato aponta as deficiências do progresso, Walter Benjamin alerta para a catástrofe eminente mantendo-se o curso do progresso.¹⁴

O segundo capítulo, trata das propostas, das críticas, dos complementos e, principalmente, das apropriações sofridas pela figura do Jeca Tatu. Jeca Tatuzinho, o discurso sanitarista, a questão da identidade, da cultura nacional e das teorias raciais, são amplamente debatidos aqui. Além de apresentar o panorama de uma época que tinha a necessidade de defender a cultura nacional, vinculada à perspectiva de progresso para o país e vivendo num momento de transição, os intelectuais do início do século XX incumbiram-se dessa missão, utilizando-se dos mais diversos meios para isso.

A imagem do Jeca continuou ressurgindo volta e meia no cenário nacional, reacendendo polêmicas. Entre as figuras contrárias ao Jeca Tatu, apontamos as críticas feitas a este personagem através de outros, criados para lhe fazer oposição: Mané Chique-Chique, de Ildefonso Albano e Jeca Leão, de Rocha Pombo, ambos de 1919. Em seguida, apresenta-se uma crítica que vem dos heróis nacionais modernistas. Estes oscilavam entre o otimismo e o pessimismo, numa alternância que se iniciou com Juca Mulato, um caboclo romantizado por Menotti del Picchia (1917) e que ficou conhecido por ser “ágil como um poltro”, e seguiu durante o Movimento, tendo como ponto culminante o aparecimento de Macunaíma, que

¹² Ver: DE LUCA, Tania Regina. **A Revista do Brasil**: um diagnóstico para a (N) ação. São Paulo: UNESP, 1999.

¹³ LOWY, **op. cit.**, p.35.

¹⁴ LOWY, Michael. **Walter Benjamin**: aviso de incêndio. Uma leitura das teses “Sobre o conceito de história”. Trad. Wanda Nogueira Caldeira Brant. São Paulo: Boitempo, 2005.

pode ser considerada a figura complementar do Jeca, por retomá-lo em suas características morais, físicas e sociais.¹⁵

Ainda neste capítulo, aborda-se o tema da defesa da cultura nacional que tem por objetivo analisar a indigência do momento (República Velha) e identificar uma cultura própria para o país. Além disso, busca-se relacionar as transformações, pelas quais o personagem Jeca Tatu passou, a essa necessidade de desmistificar a visão romantizada que se tinha da nação, mostrando sua real situação e valorizando o que existia de bom no território brasileiro.

Em Jeca Tatuzinho, Jeca Tatu se recupera pela ação dos medicamentos. Tornou-se um grande fazendeiro porque era proprietário, diferentemente do original, que era um agregado, morando em terras que não eram suas. Lobato mostra que era preciso vencer o estado de pobreza, a sujeira, o analfabetismo e a ignorância para atingir a civilização, o que justifica o lema “Saúde e Educação” adotado pela campanha de saneamento do Brasil.

O uso de medicamentos, não está apenas associado à cura da doença, o amarelão, mas também, à possibilidade de progresso, à recuperação da produção e da produtividade do país, uma vez que, nesta nova interpretação sobre os males da nação, a improdutividade do caipira não seria proveniente da indolência, mas da doença. Nas duas últimas décadas da Primeira República, o movimento pela reforma da saúde pública influenciou o processo de construção de uma ideologia da nacionalidade. A doença e o abandono seriam os males do Brasil, segundo a conclusão deste movimento.

Já Zé Brasil é uma revisão dos anteriores, é uma denúncia contundente contra as condições sociais responsáveis pela miséria e pela falta de ânimo dos trabalhadores rurais. Nesse período, compartilhando algumas ideias comunistas, Lobato coloca nesta narrativa a figura de Luís Carlos Prestes. A publicação desta obra foi elaborada de forma didática, semelhante a uma cartilha, assim como Jeca Tatuzinho. Com isso, pode-se dizer que a intenção de Lobato foi a de enfatizar e mostrar, durante as três fases de seu personagem, o perfil de um trabalhador nacional.

Partindo do fim da escravidão, da Proclamação da República e da eclosão da Primeira Guerra Mundial, que reacenderam a necessidade de pensar o Brasil do ponto de vista brasileiro, os intelectuais do início do século XX, período que conforme Tania Regina de Luca pode ser definido como pré-moderno, partem à procura dos fundamentos, características e especificidades da nação brasileira com o intuito de construir e agregar todos em torno do

¹⁵ LANDERS, Vasda Bonafini. **De Jeca a Macunaíma**: Monteiro Lobato e o modernismo. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1988, p.48.

sentimento de brasilidade. Segundo eles, era necessário apontar caminhos, colocar o país em sintonia com seus valores, mas acima de tudo agir.¹⁶

Contudo, as comemorações e preparativos para o centenário da Independência e a Primeira Guerra Mundial trouxeram à tona um questionamento central sobre a nacionalidade, que passou a ser discutido com maior ênfase na *Revista do Brasil*. Do mesmo modo, a necessidade de debater certos assuntos também foi um incentivo para a criação da *Revista*, que seria um espaço apropriado para o estudo e aprimoramento de conceitos.

O terceiro capítulo tem como tema central o período no qual Monteiro Lobato passou fora do país, e todo o seu encantamento pelo mundo norte-americano, fato que provocou mudanças em certas concepções que possuía, como a do progresso, que foi enaltecido desde o começo de toda a sua obra. Este período pouco documentado - do qual utiliza-se, para a construção da análise, as cartas contidas em *A Barca de Gleyre*, no primeiro volume de *Cartas Escolhidas*, e o livro *América* - interessa, sobretudo pela mudança ocorrida no pensamento do escritor. Tenta-se avaliar, o impacto causado por esta viagem, principalmente nas expectativas que Lobato possuía com relação ao Brasil.

Lobato exaltava tanto o progresso, que chegou ao ponto de criar um personagem que ridicularizava o povo brasileiro (principalmente do interior) para comprovar que o país estava atrasado e mostrar tudo o que o Brasil não poderia ter e ser para conseguir o progresso. Nessa primeira fase, assim como os outros intelectuais do período, Lobato mostrou suas convicções sobre a população brasileira, culpando-a pelo retardamento da nação, influenciado pelas inúmeras teorias raciais em voga no final do século XIX e início do XX.

A reviravolta ocorrida na maneira de Monteiro Lobato ver o Jeca (na segunda fase do personagem) também está relacionada ao fato de que, no pós Primeira Guerra, as teorias europeias seguidas no Brasil começaram a ser deixadas de lado e iniciou-se um processo de revalorização da cultura nacional. O que era visto como negativo, até então, passou a ser apreciado.¹⁷

O tempo que viveu nos Estados Unidos (1927-1931) foi decisivo para solidificar a visão que o autor tinha a respeito do progresso. Ele retornou maravilhado e cheio de expectativas, porém, nenhuma se consolidou. Vistas de perto, as consequências resultantes do progresso idealizado por Monteiro Lobato, e concretizado na América do Norte e na Europa, mostraram que ele não era tão vantajoso e que a sua falta de controle poderia gerar saldos

¹⁶ DE LUCA, *op. cit.*, p.41.

¹⁷ VELLOSO, Mônica Pimenta. **A brasilidade verde-amarela: nacionalismo e regionalismo paulista**. Estudos Históricos, 11, CPDOC/FGV, Rio de Janeiro, 1993, p.89-112. p.91.

desastrosos para todos, como foi o caso da Primeira e da Segunda Guerra Mundial, a quebra da bolsa de valores e a completa desarmonia do mundo.

Desde o século XIX, alguns escritores criticavam radicalmente a moderna civilização industrial e o processo de quantificação da vida através do trabalho, em nome de certos valores sociais e culturais pré-capitalistas. Pode-se perceber que durante toda a produção de Monteiro Lobato alguns ideais são constantemente reformulados. O seu retorno dos Estados Unidos, somado às suas decepções, fazem com que o autor modifique suas ideias em relação ao progresso, não deixando de apoiá-lo, mas conseguindo enxergar também o seu lado negativo.

Os itens deste capítulo trabalham especificamente com o conceito de progresso e com a questão do descontentamento em relação a ele que Monteiro Lobato expressou e que, segundo André Vieira Campos, pode ser encontrado em suas obras das décadas de 1930 e 1940. Para Campos, “A fé no progresso, a esperança de conquistar um futuro de bem-estar na Terra, a crença em que a redenção do homem brasileiro passava pela construção da sociedade industrial [...] vão ser colocadas em dúvida num dos últimos livros infantis de Lobato: *A Chave do Tamanho*.” Pela primeira vez, na obra infantil de Lobato, a sociedade americana é descrita de maneira negativa.¹⁸

Ainda segundo o mesmo autor, foi durante a Segunda Guerra Mundial que Lobato publicou livros em que questionou o progresso humano. Em “*O Minotauro*” de 1939 e “*A Chave do Tamanho*” de 1942 (já citado), é possível encontrar referências ao excesso que o progresso pode acarretar. Nesta fase do autor, o progresso está sempre ameaçado pela natureza humana, em função tanto dos problemas decorrentes da vida moderna como da eficiência bélica que ele causa. Além dos itens já expostos, discorreremos sobre a auto-identificação de Monteiro Lobato com seu personagem Jeca Tatu, exposto em seu livro *Idéias de Jeca Tatu* (1919) e em outros momentos de suas diversas obras.

Oscilações do autor e complexidades das leituras sobre o Brasil são características de um período de transformações que permitem perceber, além das inúmeras bandeiras levantadas pelo autor (advogado, empresário, fazendeiro, editor, contista e fundador da literatura infantil no país), um eficiente manipulador das palavras. Uma pessoa que soube usar o seu talento a seu próprio favor, em diferentes momentos e por diversas causas. Criando para si um espaço único e privilegiado não só na literatura, mas na política de uma maneira

¹⁸ CAMPOS, *op. cit.*, p.147.

geral. Mostrou-se assim, mais que um crítico, ou apenas um regionalista, um nacionalista acima de tudo.

CAPÍTULO 1 – JECA TATU: PRODUTO DE UMA SOCIEDADE

1.1: Monteiro Lobato: entre o campo e a cidade

Quando pensamos em Monteiro Lobato, o relacionamos diretamente ao Sítio do Pica-Pau Amarelo, com todos os seus personagens e encantos e ao Jeca Tatu. Imediatamente somos remetidos ao mundo da diversão, da imaginação, das brincadeiras, das histórias de dar água na boca, em geral, a tudo que nos lembra e nos leva à infância. Ligação mais que natural, uma vez que grande parte da obra deste autor foi produzida e direcionada às crianças.

Quanto de nós crescemos assistindo ao Sítio e comemorando na escola o dia do livro com a imagem da Emília ou do Visconde de Sabugosa? Atividade ainda muito praticada. A intenção aqui não é criticar fatos e imagens que se encontram ligados a este autor, - pois alguns estudos discutem que ele foi o principal responsável pela formação do campo literário brasileiro - pelo contrário, é refletir sobre o papel desempenhado por ele, perante a sociedade, através de suas obras.¹⁹

Sendo a linguagem um modo de ação interacional, todo texto reflete uma realidade intencional.²⁰ Monteiro Lobato, assim como todos, tinha convicções a serem transmitidas aos seus leitores, mesmo nos textos infantis. Convicções essas que alguns pesquisadores e biógrafos do autor propagam em muitos dos estudos relacionados às suas publicações.²¹

O que percebemos a partir da leitura de seus escritos, é um Lobato militante, capaz de denunciar ou apoiar causas através do instrumento mais poderoso que tinha nas mãos - a literatura. Através dela, construiu-se um Lobato enunciator dos males causados à natureza pelas queimadas feitas pelos “Jecas” no Vale do Paraíba; do mal-estar e do descontentamento dos cafeicultores da referida região (num primeiro momento); do descaso das autoridades para com esses “Jecas” do interior brasileiro (num segundo momento); das crenças que tinha sobre as possibilidades de progresso do Brasil; das maravilhas pelas quais se encantou nos Estados Unidos, mas também, dos males que a humanidade sofria e poderia sofrer pelos estragos que esse mesmo progresso, que o impressionou, poderia causar, e por fim, foi enunciator de suas próprias mudanças.

¹⁹ Sobre o assunto consultar: PASSIANI, Enio. **Na trilha do Jeca: Monteiro Lobato e a formação do campo literário no Brasil**. Bauru: Edusc, 2003.

²⁰ ORLANDI, Eni Pulcinelli. **A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso**. São Paulo: Brasiliense, 1983. p.139.

²¹ Sobre o assunto ver: CAMPOS, André Luiz Vieira de. **A República do pica-pau amarelo: uma leitura de Monteiro Lobato**. São Paulo: Martins Fontes, 1986.
NUNES, Cassiano. **Monteiro Lobato: o editor do Brasil**. Rio de Janeiro: Contraponto: PETROBRAS, 2000.
PASSIANI, **op. cit.**

José Renato Monteiro Lobato nasceu em 18 de abril de 1882 na cidade de Taubaté, interior de São Paulo.²² Filho e neto de fazendeiros teve uma história de vida (pelo menos até a adolescência) e uma formação muito parecidas com a dos outros meninos pertencentes à aristocracia cafeeira, como relata a maioria das biografias escritas sobre o autor.

O menino, que nasceu e foi criado no interior, cumpriu o desejo de seu avô e talvez de todo um grupo que precisava posicionar-se novamente na sociedade paulista do início do século XX. Foi estudar na cidade grande, São Paulo, onde se formou bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade de Direito do Largo São Francisco em 1904. Como nos fala Sérgio Miceli, o meio principal que as famílias falidas do Vale do Paraíba (ex-cafeicultores) tinham de recuperar, pelo menos em parte, sua posição social era através das letras.²³ Lobato fazia parte deste grupo e carregou estas convicções consigo.

Em São Paulo, longe da família, mas rodeado por amigos e influenciado pela tradição literária da Faculdade de Direito²⁴, redescobriu o gosto e a função da escrita, já iniciada na infância quando publicou o *Guarani*.²⁵ Além dos escolares, Lobato colaborava desde a época da faculdade para jornais de circulação regional como *O Minarete*, de Pindamonhangaba. Residindo em Areias, como promotor, tornou-se colaborador de *A Tribuna*, de Santos, e de *A Gazeta de Notícias*, do Rio de Janeiro. Fez também algumas traduções do *Weekly Times*, do qual era leitor, para *O Estado S. Paulo*.²⁶

Podemos afirmar que este gosto aliado à sua criatividade e a uma forma peculiar de ver as coisas, proporcionou-lhe a utilização dos mais diversos meios para comunicar e enunciar suas ideias: jornais locais, escolares e regionais; livros, revistas e almanaques farmacêuticos. A intenção era de que não importasse como, a notícia, o texto, o conto, a história, enfim, sua mensagem, chegasse até o leitor, ou seja, a todos os brasileiros, independente da distância.

Isso se revela no modo como conduzia seus negócios, principalmente a *Revista do Brasil* e sua editora. Lobato iniciou sua colaboração para este periódico em 1916, quando foi fundada. Em 1918 foi convidado a assumir sua direção, mas acabou adquirindo a Revista em maio do mesmo ano. Logo após a aquisição criou a editora, tendo a primeira obra publicada e assinada com o nome Monteiro Lobato em julho – *Urupês* - esta foi impressa nas oficinas do

²² O Bento substituiu o Renato na adolescência.

²³ MICELI, Sérgio. **Poder, sexo e letras na República Velha**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1977. p. 22-23.

²⁴ Antonio Candido em “Literatura e sociedade”, afirma que em São Paulo só houve literatura após a Independência e notadamente, depois da Faculdade de Direito. Sobre o assunto, ver: MELLO e Souza, Antonio Candido. **Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária**. 8.ed. São Paulo: T.A. Queiroz, 2000.

²⁵ Um jornal estudantil, publicado em 1996, quando tinha 14 anos. Ver: NUNES, **op. cit.**, p.6.

²⁶ Idem, p.10.

jornal *O Estado S. Paulo*. A firma Monteiro Lobato & Cia surgiu oficialmente em março de 1919, com maquinário e sede própria.²⁷

O programa editorial da revista se ajustava perfeitamente às diretrizes básicas do projeto literário lobatiano, [...]. Uma dessas diretrizes [...] era a formação de uma “consciência nacionalista” [...]. Por consciência nacionalista entenda-se o combate aos modismos culturais, artísticos e literários importados da Europa [...], o estudo detido da realidade nacional, a valorização da língua da terra [...], o resgate de nossas raízes mais profundas [...], enfim, tudo aquilo que poderia ser reunido sob a rubrica de “brasilidade” [...].²⁸

Com seu espírito empreendedor, Lobato alterou o formato, o papel, a maneira de escrever, de arriscar, e de distribuir seus produtos, mesmo não gostando da ideia de vender seus pensamentos: “Acho estranho isto de ganhar um dinheiro qualquer com o que nos sai da cabeça”, disse em carta enviada ao amigo de longa data, Godofredo Rangel.²⁹ Mas fez disso um negócio de larga produção e talvez por isso seja também muito estudado como um editor e não somente como um escritor.

Lobato conheceu e fez amizade com Godofredo Rangel quando ingressou na Faculdade de Direito de São Paulo. Nesse período, os estudantes residentes em repúblicas formavam grupos que liam e discutiam as obras literárias do momento. Lobato e Rangel faziam parte do Cenáculo e do Minarete, este último era o nome dado ao local onde moravam. Rangel, formado em Direito, tornou-se juiz, mas não deixou a literatura, é autor do romance *Vida Ociosa*. Apesar de residir em Minas Gerais, nunca parou de se corresponder com Lobato, mandava suas obras para que o amigo lesse, opinasse e publicasse ou encaminhasse para a publicação. Lobato também mandava o que escrevia para Rangel ler e opinar.

Após a morte do avô, em 1911, Monteiro Lobato deixou Areias, cidade do interior paulista onde era promotor, e assumiu a fazenda Buquira que recebeu como herança. Tentou torná-la próspera novamente, mas não obteve muito êxito. Foi nesse período como fazendeiro (1911-1916) que entrou em contato com o caboclo, agregado em pequenas propriedades, promotor de queimadas, sem instrução e dono de todos os demais adjetivos usados pelo escritor para descrever e intitular este sujeito: “Velha Praga”, “Urupês” e “Jeca Tatu”. Esse indivíduo é, num primeiro momento, abominado por Lobato, cuja ignorância e forma de vida causavam repulsa, o que fica evidente nas palavras que usou para descrevê-lo:

²⁷ NUNES, *op. cit.*, p. 12-14.

²⁸ PASSIANI, *op. cit.*, p.126.

²⁹ LOBATO, Jose Bento Monteiro. *A barca de Gleyre*. São Paulo: Brasiliense, 1959. Obras Completas, v.I. p.250.

[...] parasita, um piolho da terra, peculiar ao solo brasileiro [...]. Este funesto parasita da terra é o CABOCLO, espécie de homem baldio, semi-nômade, inadaptável à civilização, mas que vive à beira dela na penumbra das zonas fronteiriças. [...] O caboclo é uma quantidade negativa. [...] ³⁰

Foi referindo-se a este indivíduo que Lobato falou do desconhecimento que o povo brasileiro tinha a respeito dos habitantes do interior. Segundo Maria das Graças Paulino, Lobato, assim como Darcy Azambuja, Valdomiro Silveira, Simões Lopes Neto e Cornélio Pires, “optaram por aproximar sua obra o mais possível do universo popular.” ³¹ Além de utilizarem-se de uma narrativa curta, próxima do caso ou da anedota, tentaram escrever textos simples, preferindo falar sobre a realidade interiorana, e ficaram conhecidos por isso como regionalistas.

Vasda Bonafini Landers afirma que ele inventou ao trazer um novo elemento para a literatura, o público, que “pela primeira vez passa a fazer parte da obra literária como elemento integrante em espírito com o que lê.” ³² Popularizou a literatura ao ser lido por todos e não só pela elite. E inovou a linguagem, deixando-a mais abasileirada, a partir do uso do dialeto do campo.

Seguindo este critério, reuniu os saberes populares em um livro com o intuito de valorizar a cultura do país. Em 1917, Lobato organizou, na edição vespertina do jornal *O Estado S. Paulo*, chamada *Estadinho*, um inquérito sobre o Saci Pererê. Em carta ao amigo Godofredo Rangel escreveu: “Abri no Estadinho um concurso de coisas sobre o Saci Pererê e convido-te a meter o bedelho – você e outros sacizantes que haja por aí.” ³³ Obtendo inúmeras colaborações, o escritor decidiu publicar o resultado da pesquisa.

Também preparo para o chumbo o “Inquérito do Saci”, que fiz no *Estadinho*. Dá 300 paginas, mas não aparece com meu nome. *Demonólogo Amador*, é como assino. Será livro popular e de vender bem. De modo que a minha estréia será um livro não assinado e feito com material dos outros. Meu, só os comentários, prefácios, prólogos, epílogos [...].

Para fazer alguma coisa, resolvi tornar-me editor. Começo publicando os contos do Valdomiro Silveira, outros do Agenor Idem e o *Saci-Pererê*. [...] o *Saci* é um livro sui-generis – para crianças, para gente grande fina ou burra, para sábios folclóricos; ninguém escapa.

Meu *Saci* está pronto, isto é, composto; falta só a impressão. ³⁴

³⁰ Lobato, Monteiro. **Uma velha praga**. Jornal O Estado de São Paulo, São Paulo. 12.nov.1914. p.03. Biblioteca Pública de Curitiba, rolo nº 60, gaveta 10/nº 30.

³¹ PAULINO, Maria das Graças R. Leitura popular: o novo e o repetido. In.: ZILBERMAN, Regina (org.). **Atualidade de Monteiro Lobato**: uma revisão crítica. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1983. p.55-56.

³² LANDERS, Vasda Bonafini. **De Jeca a Macunaíma**: Monteiro Lobato e o modernismo. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1988. p.39-40.

³³ Carta de 10/01/1917 encontra-se em: LOBATO, Jose Bento Monteiro. **A barca de Gleyre**. São Paulo: Brasiliense, 1959. v.II. p.129.

³⁴ Cartas enviadas a Godofredo Rangel nas seguintes datas: 10/05/1917, 24/09/1917 e 08/12/1917. Ver: LOBATO, **op. cit.**, p. 138. 151,152 e 160.

O volume intitulado *O Saci-Pererê*, saiu no início de 1918 com aproximadamente 300 páginas e teve sua primeira edição esgotada em dois meses. Bem como escrito nas cartas, Lobato não apareceu como autor ou organizador do livro, apesar de ter colhido e organizado os testemunhos, escrito o prefácio, o prólogo, as notas e o epílogo. Segundo Passiani, este livro reuniu todas as ideias do escritor sobre arte e literatura. O inquérito foi uma forma encontrada pelo autor de valorizar a cultura nacional, além de testar suas habilidades como editor.³⁵

Em 1916, Monteiro Lobato vendeu a fazenda, mas chegou a São Paulo só em 1917, onde já era conhecido por suas contribuições na imprensa e, a partir de então, passou a se dedicar integralmente às letras. Para Tadeu Chiarelli, Lobato, no início de sua inserção como intelectual na cena brasileira, apresentou-se como um crítico engajado num projeto de arte brasileira. Suas propostas de uma arte nacional serviram de base para que o intelectual, aos poucos, expandisse sua visão para um projeto que retirasse o Brasil de seu atraso.³⁶

Em 1918, seu envolvimento com este meio acabou culminando na aquisição da *Revista do Brasil*. Para ele, que sempre gostou de inovar, estar no comando de uma revista era uma grande oportunidade de mostrar aos brasileiros novas publicações e popularizar a literatura. No mesmo ano, Lobato aderiu à campanha de Belisário Pena, em prol do saneamento no Brasil, mudando a forma de ver e falar sobre o Jeca. Convicto de que “o Jeca está assim e de que não é assim” por causa do descaso das autoridades, da falta de saneamento e das doenças que o vitimavam, o autor, na segunda edição de *Urupês*, se retratou com o povo ao qual havia se referido tão mal.

O fim da revista e da editora foi determinado pela Revolução de 1924 e pela seca ocorrida em São Paulo que obrigou a Light, a companhia responsável pelo fornecimento de energia, a racioná-la, fazendo com que as máquinas parassem. Sem produtos para vender, Lobato não tinha como pagar o financiamento feito pelo Banco do Brasil para comprar novos equipamentos e as demais contas e dívidas que tinha.

Após este episódio, mudou-se para o Rio de Janeiro (1925) e tornou-se representante da Companhia Editora Nacional. Em 1927, teve a oportunidade de ver de perto o país que sempre admirou e que era o símbolo da modernidade e da prosperidade, os Estados Unidos. Lobato foi designado adido comercial brasileiro em Nova York, após um pedido de Alarico Silveira feito ao presidente Washington Luís. Alarico temia que Lobato sofresse represálias por suas

³⁵ Sobre o assunto ver: NUNES, **op. cit.**, p.12 e PASSIANI, **op. cit.**, p.155.

³⁶ CHIARELLI, Tadeu. **Um jeca nos vernissages**: Monteiro Lobato e o desejo de uma arte nacional no Brasil. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1995. p.43.

críticas feitas à Marinha através de seu personagem “Mr. Slang”, criado na imprensa carioca.

37

Nunes, a partir das correspondências de Lobato, conclui que depois de inúmeras observações, o autor retornou com novas ideias e convencido de que “o progresso americano se baseava no aumento da eficiência do homem através da máquina.”³⁸ Contudo, estas eram feitas de ferro e movidas a petróleo, portanto, o Brasil precisava produzir o seu petróleo e aproveitar os recursos disponíveis. Seu retorno, em 1931, foi determinado pela Revolução de 1930. De volta ao país de origem, iniciou uma campanha a favor desses dois recursos brasileiros para alcançar o mesmo progresso que o dos Estados Unidos.

Cassiano Nunes cita a tese *The Children’s Literature of José Monteiro Lobato: a Pedagogy for Progress*, da educadora norte-americana Rose Lee Hayden, em que afirma:

[...] para Lobato, a promessa de progresso permanente estava no conhecimento científico e tecnológico. Progresso – ele deduz – é a aplicação da ciência à vida do homem, à sociedade humana. [...] Lobato reconhece que só o progresso tecnológico não basta; também é indispensável o conhecimento da cultura, que expressa as maiores esperanças e os bons sentimentos do ser humano.³⁹

Em 1941, foi preso por causa de uma carta enviada ao Presidente Getúlio Vargas questionando o Conselho Nacional de Petróleo. Após a prisão, começou a expressar sua decepção com o país e a política. Não aceitava a relação amistosa existente entre os Estados Unidos e o governo ditatorial brasileiro. Para demonstrar sua insatisfação, pediu demissão em 1945 da União Cultural Brasil - Estados Unidos, da qual era sócio. Lobato percebeu a relação de exploração estabelecida pelo capitalismo americano com os países menos desenvolvidos e a convivência dos governos destes. Em 1944, abandonou a Companhia Editora Nacional e fundou com Artur Neves e Caio Prado Jr. a Editora Brasiliense. Em 1946, foi à Argentina fazer alguns trabalhos, retornando em 1947. Morreu em 4 de julho de 1948, vítima de um espasmo vascular.⁴⁰

Lobato lia muito, principalmente as versões francesas das obras de seus autores favoritos. Dentre os lidos e comentados com o amigo Rangel nas cartas estão Shakespeare, Machiavel, Spencer, Le Bon, Balzac e Nietzsche, leituras bastante comuns para um bacharel

³⁷ Mr. Slang foi um personagem criado na imprensa carioca. Com ele, o autor discutia vários assuntos referentes a vida brasileira. E através dele fazia inúmeras críticas, principalmente à Marinha brasileira. O personagem é um inglês que estava no Brasil a 40 anos e morava na Tijuca (RJ). Em 1927 virou livro: *Mr. Slang e o Brasil*. Sobre o assunto ver: NUNES, **op. cit.**, p.16-17 e LANDERS, **op. cit.**, p.191-192.

³⁸ NUNES, **op. cit.**, p.17-18.

³⁹ Idem, p. 50-51.

⁴⁰ CAVALHEIRO, Edgard. **Monteiro Lobato: vida e obra**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1955. v.II. p.473-850.

em Direito. Em meados da década de 1910, Lobato pertencia a um grupo de escritores denominados “escritores-cidadãos”, que criticavam a sociedade da época e viam na literatura o caminho para combater e denunciar o que consideravam errado na sociedade.⁴¹ Nesse período, trocou o francês pelo inglês como meio de importar outras formas de pensamento que não fossem as europeias, mas sim, a ideologia norte-americana.

Tenho lido muito em inglês – viagens. Há cá uma porção de números de *Wide World Magazine* e do *Strand*. Enjoei-me do francês. [...] Não há ar nessa literatura francesa. [...] Como perder tempo com bobagens? Ler é coisa penosa; temos de mastigar, ensalivar e engulir – e que grande tolice comer palha! Alimentemo-nos dos Sumos – os Balzacs, os Shakespeares, os Nietzaches, os Bains, os Kiplings, os Stuart-Mills.⁴²

Lobato era um sujeito político. Não podemos vê-lo sozinho, pois sempre esteve ligado a grupos reunidos por anseios, projetos e pensamentos comuns, fosse enquanto estudante pertencente ao Cenáculo, em *O Estado S. Paulo* ou na *Revista do Brasil*. E sua atividade editorial só reforçou sua influência e seu nome. Podemos usar a fala de Eni Orlandi para compreender um pouco mais quem foi Monteiro Lobato: “Como a apropriação da linguagem é constituída socialmente, os sujeitos da linguagem não são abstratos e ideais, mas sujeitos mergulhados no social que os envolve, de onde deriva a contradição que os define.”⁴³ Ou seja, por mais aspirações que se possa ter estas não deixam de ser reflexo daquilo que se vive, e que faz parte do dia-a-dia, assim como as ações, pois somos seres socialmente construídos. Ninguém expressa aquilo que não vive e que não sente, e essa expressão pode se dar com gestos, ações e palavras escritas ou faladas. Essa aparente contradição de que fala Orlandi poderá se verificar quando Lobato integrar a defesa e a crítica ao progresso, principalmente após seu retorno dos Estados Unidos, e da eclosão da Primeira Guerra Mundial.

Lobato utilizou-se muito bem das letras, pois, como ele mesmo conta em uma de suas cartas, era um péssimo orador: “Fizeram-me orador do nosso Clube Recreativo, e no último domingo, em sessão de posse, meti-me por um longo discurso, que me saiu uma sucessão de caroços inacreditáveis.”⁴⁴ Porém, esta escrita não era desprovida de subjetividade. Para convencer e envolver seu leitor serviu-se de uma série de recursos, tais como humor, ironia, imaginação (contos) e inúmeras comparações, para tornar suas palavras e seu pensamento, que se encontravam ali expressos, mais agradáveis.

⁴¹ CAMPOS, *op. cit.*, p.8.

⁴² Carta de 15/03/1906 encontra-se em: LOBATO, Jose Bento Monteiro. *A barca de Gleyre*. São Paulo: Brasiliense, 1959. v.I. p.119.

⁴³ ORLANDI, *op. cit.*, p.138.

⁴⁴ Carta enviada à Godofredo Rangel em 18/07/1905, apud LOBATO, Jose Bento Monteiro. *A barca de Gleyre*. São Paulo: Brasiliense, 1959. Obras Completas, v.I. p.103.

Segundo Orlandi, o mais importante numa interlocução, não são os locutores ou ouvintes, mas a relação que se constitui entre ambos, a chamada interação, isto é o que realmente caracteriza e justifica a interlocução. Para ela, “a linguagem é um modo de ação interacional”, pois a interação que é construída ou a ação que se pretende do leitor ao terminar a leitura é social e não individual, por isso, “a existência de tensão e às vezes até de confronto entre texto e contexto.”⁴⁵

Lobato, quando escrevia, - podemos ver isso claramente em suas obras, quando fala do Jeca destruidor das matas, quando adere à campanha de saneamento, a do ferro, a do petróleo e por último quando tentou conscientizar as pessoas dos males que o progresso podia trazer – queria agir na realidade em que vivia, e compartilhou essa vontade com seu leitor, desejando que ele também se manifestasse.

Pierre Bourdieu defende que

O uso da linguagem, ou melhor, tanto a maneira como a matéria do discurso, depende da posição social do locutor [...]. O acesso aos instrumentos legítimos de expressão e, portanto, a participação no quinhão de autoridade institucional, está na raiz de toda a diferença [...].⁴⁶

O que podemos verificar é que Monteiro Lobato só conseguiu alcançar a interação e a ação através de sua fala porque estava autorizado por meio de uma instituição. Não bastaria discursar, falar e escrever se não tivesse uma estrutura que desse o suporte que era necessário. É preciso estar autorizado a falar o que se fala. E Lobato sabia muito bem disso: “A *Revista do Brasil* aparece em janeiro e pelos modos vai ser coisa de pegar, como tudo que brota do Estado, empresa sólida e rizomática. Razão para aderirmos.”⁴⁷

De acordo com Passiani, *O Estado S. Paulo* era o grande instrumento capacitador para os intelectuais e literatos do início do século XX: “o jornal possibilitou a profissionalização do escritor e permitiu seu conhecimento e reconhecimento, arrancando os literatos do anonimato.”⁴⁸ Já Miceli afirma:

Não havendo, na República Velha, posições intelectuais relativamente autonomizadas em relação ao poder político, o recrutamento, as trajetórias possíveis, os mecanismos de consagração, bem como as demais condições necessárias à produção intelectual sob suas diferentes modalidades, vão depender quase que inteiramente das instituições e dos grupos que exercem o trabalho de dominação. Em termos

⁴⁵ ORLANDI, **op. cit.**, p.139.

⁴⁶ BOURDIEU, Pierre. Linguagem e poder simbólico. In.: _____ . **A economia das trocas lingüísticas**: o que falar quer dizer. São Paulo: Edusp, 1996. p.87.

⁴⁷ Carta enviada a Godofredo Rangel em 21/09/1915, apud LOBATO, Jose Bento Monteiro. **A barca de Gleyre**. São Paulo: Brasiliense, 1959. v.II. p. 48-49.

⁴⁸ PASSIANI , **op. cit.**, p.119.

concretos, toda a vida intelectual era dominada pela grande imprensa que constituía a principal instância de produção cultural da época e que fornecia a maioria das gratificações e posições intelectuais.⁴⁹

Monteiro Lobato só conseguiu a repercussão e o reconhecimento que teve pelo fato de estar o tempo todo ancorado em instituições e instrumentos que lhe conferiam legitimidade. Ele só publicou os artigos “Uma Velha Praga” e “Urupês” no jornal *O Estado S. Paulo*⁵⁰, porque já fazia parte daquele grupo de intelectuais, através de traduções e artigos para este e para outros periódicos:

Tenho escrito alguma coisa, mas ando exigente e refaço muito. Vai sair no *Estado* um meu estudo sobre a caricatura, em duas partes.
[...] o Estado vai pagar-me os artigos a 25 mil réis, logo que a folha volte à normalização financeira [...] Também tenho escrito umas diabruras para *O Povo*, jornalzinho de Caçapava no qual sou livre como o era no *Minarete*.⁵¹

Um estranho que não compartilhasse das ideias destas instituições não conseguiria dispor destes instrumentos para expressar seu pensamento. Além disso, representava os anseios de um grupo: os falidos cafeicultores do Vale do Paraíba, como podemos verificar no trecho abaixo, retirado do livro *Idéias de Jeca Tatu* (1919), em que faz uma queixa sobre a atenção dada a região pelos governantes e fala sobre seu desenvolvimento econômico:

Quis o Destino que esse vale visse nascer em seus extremos duas metrópoles humanas, dois aglomeramentos com indefinidas possibilidades de expansão: Rio e S. Paulo, a cidade termino e a cidade interlandica; a cidade-porto e a cidade-entrepoto, núcleo de convergência dum conjunto de zonas produtoras. Possui, pois, o vale um alto valor estratégico do ponto de vista comercial: o de celeiro colocado entre dois apetites recrescentes. Sua função será, cada vez mais, satisfazer esses apetites: abastecer esses dois grandes mercados. [...] Rio e S. Paulo estão, pois, naturalmente, subordinados ao vale do Paraíba, que é suficientemente amplo para abastecer-los dessas coisas eternas, iterativamente reclamadas pelo estomago humano: o leite, o cereal, a carne, o legume, o ovo. Mas tudo no Brasil ainda está em retardo *fieri*. Apesar de todas as suas vantagens naturais e estratégicas, o vale do Paraíba só agora começa a erguer-se e a demonstrar o seu imenso valor econômico. A princípio passou por lá o Café, montado na Onda Verde, acampando nas terras mais altas dos contrafortes. [...] Mas o Café passou, na sua marcha atilesca rumo ao roxo-terra oestino; como lembrança deixou casarões apalaçados nas cidades e a samambaia e o sapezal na morraria. E o vale do Paraíba foi caindo na maior desolação. Um dia apareceu um homem dotado dessa coisa tão rara que se chama “olhos para ver” [...] iniciou no vale uma cultura experimental de arroz. Provou assim, com fatos, que as terras baixas, sempre tidas como inúteis, prestavam-se maravilhosamente a cultura desse grão. E o Arroz, substituto do Café desertor, deu inicio a obra do reerguimento econômico do vale do Paraíba. [...] Mas nunca o vale do Paraíba foi olhado como “um sistema”, nem estudado na sua verdadeira significação. Como tudo no Brasil, teve um desenvolvimento ao Deus dará, sem plano preestabelecido, sem antevisão do futuro [...]. O que o vale do Paraíba pede é a intervenção construtiva do estado para a obra, que só ele pode

⁴⁹ MICELI, **op. cit.**, p. 14 -15.

⁵⁰ O jornal *O Estado de São Paulo* era da família Mesquita, estava ligado ao PD (Partido Democrático), este era o partido da oligarquia decadente e fazia oposição ao PRP (Partido Republicano Paulista). Ver: PASSIANI, **op. cit.**, p.123.

⁵¹ LOBATO, Jose Bento Monteiro. **A barca de Gleyre**. São Paulo: Brasiliense, 1959. v.II. p. 11, 19, 22 e 33, respectivamente.

empreender, de coordenar, ligar, entrosar – isto é, suprimir a fricção. [...] Um diamante só se transforma em brilhante depois de lapidado. O vale do Paraíba só pede lapidação.⁵²

Desde o início da atividade cafeeira no Estado de São Paulo, o centro foi o Vale do Paraíba do Sul. Os então chamados barões do café haviam assumido, por sua condição econômica, o controle político do Império, que tinha por base o latifúndio-escravista. Porém, uma série de acontecimentos ocorridos no final do século XIX e início do XX fizeram com que o Vale do Paraíba deixasse de ser a grande região cafeeira. Entre os principais acontecimentos estão a crise do trabalho escravo (e a consequente abolição da escravidão) e a crise do regime monárquico.

Além disso, as terras das antigas fazendas estavam empobrecidas e para voltarem a ser produtivas, era necessário o investimento de grandes capitais que a maioria dos fazendeiros não possuía. Era preciso modernizar, mas a restrição de créditos e as oscilações constantes nos preços do café não permitiam que isso ocorresse. Segundo Boris Fausto, a crise do Vale nasceu da devastação dos solos, o que provocou o declínio da produtividade dos cafezais e do valor das terras. A riqueza se concentrou então, no estoque de escravos que tendia a se reduzir e acabar com a Abolição. Ao longo das décadas de 1880 e 1890, essas circunstâncias favoreceram a expansão cafeeira do Oeste Novo, contudo, na paisagem regional, ficaram os traços de uma ascensão social de meio século que se transformou numa acelerada decadência.

53

Para Fausto, a expansão da economia cafeeira no Oeste Paulista se deu pelo fato de os fazendeiros que se instalaram na região contarem com solos de melhor qualidade do que os do Vale e empregarem técnicas mais modernas no plantio e no beneficiamento do café. Dessa empresa cafeeira concentrada no Oeste, surgiu uma nova classe baseada nas relações capitalistas de produção. Nas últimas décadas do Império, essa burguesia do café já havia assumido o controle do aparelho estatal da província de São Paulo. Com a chegada da República, sua hegemonia se estendeu ao plano nacional, assegurada pela Constituição de 1891.⁵⁴

Conforme Passiani, os últimos vinte anos do Império correspondem ao início da crise em todo o Vale do Paraíba e ao impressionante avanço da cafeeira no Oeste Paulista, que teve como base as relações capitalistas de produção. Surgiu, a partir deste contexto, uma nova

⁵² LOBATO, Jose Bento Monteiro. O Vale do Paraíba – diamante a lapidar. In.: _____. **Idéias de Jeca Tatu**. 11 ed. São Paulo: Brasiliense, 1964. pp.225-231.

⁵³ FAUSTO, Boris (org.). **O Brasil republicano, volume 1: estrutura de poder e economia (1889-1930)**. In.: *Historia Geral da Civilização Brasileira*. 6 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997. p.197.

⁵⁴ FAUSTO, **op. cit.**, p. 198-200.

burguesia do café, que contava com o apoio do aparelho do Estado. A consolidação econômica deste novo ator social excluiu os antigos barões do café do Vale do Paraíba, que viram na mudança do regime político (a República), uma oportunidade de voltar a ocupar sua antiga posição social e econômica.⁵⁵

Lobato se dividia entre dois objetivos: atender aos interesses dos cafeicultores da referida região, uma vez que era originário dela, e investir seu talento na busca da cultura nacional, junto com intelectuais de outras partes do país. Para isso, seguiu por um tempo conciliando o trabalho no jornal *O Estado S. Paulo* e na *Revista do Brasil*. Porém, logo passou a se dedicar só à *Revista*. Dela fazia parte a elite pensante do país, grandes escritores que defendiam a causa da criação de uma cultura nacional. Por pertencer ao grupo, Lobato tornou-se autorizado a propagar sua opinião e, acima de tudo, era muito respeitado, continuando neste patamar mesmo depois de comprar a *Revista*, montar uma editora e lançar novos nomes para o país, além de editar seus próprios livros.

Após o golpe de 1930, ao não se colocar a serviço do governo e recusar o convite do presidente Getúlio Vargas para assumir uma das secretarias do governo, Monteiro Lobato ficou desautorizado a expor, principalmente seus pensamentos. A realidade política nacional era outra e talvez por ainda estar preso a um projeto político e social que não mais correspondia ao momento, ele se decepcionou. Suas causas passaram a ser solitárias dali por diante.

Bourdieu novamente nos explica este fenômeno:

[...] o poder das palavras reside no fato de não serem pronunciadas a título pessoal por alguém que é tão – somente “portador” delas. O porta-voz autorizado consegue agir com palavras em relação a outros agentes e, por meio de seu trabalho, agir sobre as próprias coisas, na medida em que sua fala concentra o capital simbólico acumulado pelo grupo que lhe conferiu o mandato e do qual ele é, por assim dizer, o procurador.⁵⁶

Ou seja, a defesa de uma causa solitária não tem repercussão. As palavras e os atos ganham proporção na medida em que servem para conquistar causas coletivas ou que esses ideais sejam também de outros grupos sociais. Quanto maior o número de interessados, mais poder terão as palavras usadas para atingir os objetivos. Com Lobato não foi diferente. À medida que ficava sozinho suas conquistas não eram realizadas.

⁵⁵ Sobre o assunto ver: CAMPOS, **op. cit.**, p. 3-4; PASSIANI, **op. cit.**, p.170 e LUCA, Tânia Regina de. **A Revista do Brasil: um diagnóstico para a (N) ação**. São Paulo: UNESP, 1999. p.64.

⁵⁶ BOURDIEU, **op. cit.**, p.89.

Monteiro Lobato, do ponto de vista literário e político, cresceu e produziu seus maiores sucessos num período denominado de Pré-modernismo, situado no contexto da República Velha. Segundo Miceli, esse período ficou entre o desaparecimento da geração de 1870⁵⁷ que teria ocorrido por volta de 1908 e 1910, com a morte de Machado de Assis e Joaquim Nabuco e a eclosão do movimento modernista em 1922. Ainda conforme este autor “O termo *pré-modernismo* constitui um recurso político dos modernistas com o qual dataram os detentores da autoridade intelectual nos anos vinte.” Contudo, este foi um período em que houve o desenvolvimento das “condições sociais favoráveis à profissionalização do trabalho intelectual.”⁵⁸

Após 1922, quem passou a ditar as regras literárias foram os Modernistas. Lobato não se agregou ao grupo e também não foi agregado, principalmente depois da famosa crítica feita a Anita Malfatti no artigo “Paranóia ou mistificação?”, publicado no jornal *O Estado S. Paulo* em 20/12/1917.⁵⁹ O lugar de onde se fala é levado em consideração e a partir de então, ele não se pronunciou ao lado da maioria, pois Miceli diz que o Movimento Modernista de 1922 constituiu “a formação de um estado – maior intelectual da burguesia paulista.”⁶⁰ E se Lobato não falava deste lado, sua fala havia perdido o peso que deveria ter, mesmo estando à frente da *Revista do Brasil*. Depois que a deixa, sua posição fica cada vez mais enfraquecida.

A primeira fase de sua produção, segundo André Luiz Vieira de Campos, vai até 1918. Nesse período, Lobato vê o trabalhador brasileiro de duas maneiras: 1) com a imagem racista sobre a população brasileira construída pela elite dominante entre fins de XIX e início de XX, que responsabilizava o povo pelos males do país; 2) com a necessidade de atualizar as formas de dominação em relação aos trabalhadores livres.⁶¹

Monteiro Lobato produziu suas obras durante três períodos da República brasileira: a República Velha, o Estado Novo e a redemocratização do país com a emergência do

⁵⁷ Este seria um grupo de letrados e políticos que introduziram o Realismo, o Naturalismo e o Parnasianismo no Brasil, controlavam instrumentos de propagação intelectual importante como editoras e a Academia Brasileira de Letras, que teria sido fundada por eles e que construíam os “paradigmas da produção intelectual do país”. Segundo Nicolau Sevcenko, essa chamada “geração de 70” era composta por uma nova elite de jovens intelectuais, artistas, políticos e militares, que eram comprometidos com uma plataforma de modernização e atualização das estruturas “ossificadas” do Império baseando-se nas diretrizes científicas e técnicas procedentes da Europa e dos Estados Unidos.

Ver: SEVCENKO, Nicolau. **Introdução**: O prelúdio, astúcias da ordem e ilusões do progresso. In.: NOVAIS, Fernando A. (Coord.). História da vida privada no Brasil, 3: República: da Belle Époque à era do rádio. São Paulo: Companhia das Letras, 1999. p.14.

⁵⁸ MICELI, **op. cit.**, p. 11-14.

⁵⁹ Na verdade, Lobato não criticava propriamente a musa dos modernistas, mas sua exposição, principalmente, “A importação de modelos estéticos estrangeiros em detrimento de uma arte genuinamente nacional.” PASSIANI, **op. cit.**, p.33.

⁶⁰ MICELI, **op. cit.**, p. 12.

⁶¹ CAMPOS, **op. cit.**, p.11.

populismo. Contudo, a maior parte de seus escritos foram feitos durante a época em que era estudante e que esteve em Areias. Toda a sua obra encontra-se reunida em 34 volumes, divididos em duas partes: 17 para adultos e 17 para crianças, conforme organização da Editora Brasiliense.

José Guilherme Merquior define Monteiro Lobato como um publicista, ou seja, um escritor que discute problemas de interesse coletivo, buscando para isso uma comunicação ampla com seus leitores. Contudo, esse tipo de pensador não debate somente temas de interesse público, mas também procura fazer com que o tema discutido atinja um grande número de pessoas. E classifica-o como um intelectual nato, ou seja, aquele que produz ou distribui ideias e valores em uma sociedade.⁶² Assim como Lobato, a história do Brasil teve Euclides da Cunha e Lima Barreto como grandes publicistas.

Guilhermino Cezar complementa este pensamento ao afirmar que a obra de Lobato encontra-se “dividida em obra de imaginação e obra de debate e esclarecimento.” Operou assim, em dois campos: “no da denúncia social e no da imaginação criadora.”⁶³ Segundo Eliana Yunes, este modelo de escritor problematizava a realidade social e cultural do país e estabelecia “através de seus motivos e temas, uma vivência moderna nas letras, com uma crítica sistemática ao conformismo mental e social da velha guarda, enquanto buscam em nossa realidade marcas do nacionalismo mais realistas e mais autênticas.”⁶⁴

1.2: Literatura, jornalismo e crítica social

Na eufórica e crescente imprensa do final do século XIX e início do século XX a profissionalização do trabalho jornalístico ganhava campo. Muitos dos literatos do período dirigiram jornais e revistas, foram editores, redatores e escritores não só de crônicas, poemas e romances, mas de notícias também. Como foi o caso de Euclides da Cunha que fora enviado ao sertão baiano para relatar a guerra de Canudos. Entre outros nomes estão: Olavo Bilac, Lima Barreto, Oswald de Andrade e Carlos Drummond de Andrade, que propagaram e defenderam seus ideais nos periódicos de circulação do momento. Eles ficavam à disposição destes meios de comunicação, que utilizavam seus escritos para aumentar as tiragens,

⁶² MERQUIOR, José Guilherme. In.: ZILBERMAN, Regina (org.). **Atualidade de Monteiro Lobato: uma revisão crítica.** Porto Alegre: Mercado Aberto, 1983. p.13-14.

⁶³ CEZAR, Guilhermino. Monteiro Lobato e o modernismo brasileiro. In.: ZILBERMAN, Regina (org.). **Atualidade de Monteiro Lobato: uma revisão crítica.** Porto Alegre: Mercado Aberto, 1983. p. 34.

⁶⁴ YUNES, Eliana. Lobato e os modernistas. In.: ZILBERMAN, Regina (org.). **Atualidade de Monteiro Lobato: uma revisão crítica.** Porto Alegre: Mercado Aberto, 1983. p. 51.

principalmente dos jornais. Alguns escreviam com frequência nas colunas, sobretudo literárias.

Assim como Olavo Bilac, muitos destes podem ser classificados como intelectuais anatolianos, denominação dada por Sérgio Miceli e que Lúcia Lippi Oliveira define como sendo “aquele escritor cujas obras e vida expressavam a importação dos modelos parisienses de produzir literatura e de viver.”⁶⁵ Segundo Miceli, os anatolianos foram os primeiros intelectuais profissionais, como assalariados ou como pequenos produtores independentes, vivendo dos rendimentos que as diversas modalidades de sua produção lhes oferecia.⁶⁶

Os integrantes deste grupo eram envolvidos com as inúmeras atividades possíveis aos homens letrados. Conforme Oliveira, os intelectuais do período combinavam o exercício literário com outras atividades, como o magistério, o emprego público e o jornalismo. A publicação em jornal, podendo ser material jornalístico ou ficcional, era um dos principais meios de um escritor ser lido e ganhar importância: “Escrever na imprensa tornou-se não apenas uma fonte de renda, mas também instrumento de legitimação, distinção e mesmo poder político.”⁶⁷ Temos a confirmação disso nas cartas de Lobato enviadas a Rangel quando discutiam suas publicações:

Talvez tenhas razão em criticar a ortodoxia do *Estado*, mas cumpre ter em mente que é o único que possui tiragem – 40 mil exemplares, com provavelmente 100 mil leitores. É das nossas escadas regionais a de mais degraus e a mais sólida.

Dizes bem quanto a disseminação do nome por intermédio de outras folhas. Isto é como eleitorado. Escrevendo no *Estado*, consigo um corpo de 80 mil leitores, dada a circulação de 40 mil do jornal e atribuindo a média de 2 leitores para cada exemplar. Ora, se me introduzir num jornal do Rio de tiragem equivalente, já consigo dobrar o meu eleitorado. Ser lido por 200 mil pessoas é ir gravando o nome – e isso ajuda.⁶⁸

Mas é nesse período, também, que ocorre a diferenciação entre jornais e revistas. Segundo Cohen, os jornais eram “normalmente diário e vespertino, caberia a divulgação da notícia”, já a revista abrangia uma especificidade de temas que tinham a intenção de ofertar

⁶⁵ OLIVEIRA, *op. cit.*, p.115.

⁶⁶ Miceli afirma que esses profissionais se esforçavam por satisfazer a todo tipo de demandas que lhes faziam a grande imprensa, as revistas, os dirigentes e até mesmo os mandatários políticos da oligarquia. “O protótipo do anatoliano é aquele para cujo êxito têm o mesmo peso a figura do “dândi”, manequim intelectualizado responsável pela importação simbólica em país periférico, [...]” MICELI, *op. cit.*, p.77. De acordo com o mesmo autor, Monteiro Lobato foi o anatoliano de maior sucesso comercial e intelectual da década de 1920 em São Paulo. Sobre o assunto ver: MICELI, *op. cit.* e MICELI, Sérgio. **Intelectuais e classe dirigente no Brasil (1920-1945)**. Rio de Janeiro: Difel, 1979.

Os anatolianos eram assim denominados pelas incansáveis referências que faziam ao escritor francês Anatole France, símbolo de uma otimista era das letras.

⁶⁷ ELEUTÉRIO, Maria de Lourdes. Imprensa a serviço do progresso. In.: MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tânia Regina de (org). **História da Imprensa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2008. p. 94.

⁶⁸ Trechos de cartas de 30/01/1915 e 12/02/1915, respectivamente. Encontradas em: LOBATO, *op. cit.*, p.13 e 20.

lazer dentre os variados segmentos sociais: religiosos, esportivos, agrícolas, infantis, literários ou acadêmicos e o feminino. Essas publicações atendiam a diversas instâncias, como veículos de divulgação de valores, ideias e interesses.⁶⁹

De acordo com Tania Regina de Luca, durante o Pré-modernismo as revistas eram “pólos aglutinadores de propostas estéticas” e os diversos movimentos existentes no período souberam usá-las como aparelho de luta, servindo como veículo para anunciar seus manifestos.⁷⁰ Especificamente as culturais, que eram espaços de “articulação e difusão de leituras sobre o país e os caminhos que deveria tomar”.⁷¹ Segundo a autora, a fixação dos gêneros foi lenta e as definições revista, jornal, magazine e periódicos, utilizadas hoje, não têm o mesmo significado para o período.⁷²

A *Revista do Brasil* circulou junto com outros títulos importantes: *Eu sei Tudo* (1917-1956), *Revista da Semana* (1906-1962), *O Tico-Tico* (1905-1962), *A vida moderna* (1906-1929), *Fon-Fon* (1907-1945), *Klaxon* (1922-1923), *Revista Feminina* (1914-1936), entre outras. Dentre estas revistas existiam as literárias, que abrigavam artigos das mais diversas naturezas, e as de variedades que eram mais comerciais.

Em torno das revistas literárias reuniam-se grupos de intelectuais “que percebiam na prática jornalística a dimensão de formação da opinião pública, instrumento adequado para uma ação transformadora.”⁷³ Suas principais características eram: pouca publicidade, temas variados e capas discretas, de uma só cor. Podemos dizer que entre essas, a *Revista do Brasil* foi a mais importante. Além de construir um discurso sobre a identidade nacional ela projetava fórmulas para o ordenamento social, ou seja, esclarecia, ensinava, formava opinião e coordenava forças, através da palavra escrita.

Essas revistas tinham bem menos leitores do que as de variedades que se destinavam exclusivamente à distração, como as revistas ilustradas que traziam inúmeras imagens. Mas todas faziam uma coisa: “celebrar o progresso”, principalmente da cidade de São Paulo, que era tida como o centro das transformações e da modernização. Além das revistas citadas, existiam também as de cunho extremamente político, elaboradas pela classe operária.

Segundo Sérgio Miceli, a maioria dos intelectuais da República Velha pertencia “a famílias de “parentes pobres” da oligarquia, ou então, a famílias de longa data especializadas

⁶⁹ COHEN, **op. cit.**, p. 105.

⁷⁰ DE LUCA, Tania Regina. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi. (org.). **Fontes históricas**. SP: Contexto, 2005. p.125.

⁷¹ DE LUCA, **op. cit.**, p. 126.

⁷² Idem, p.131.

⁷³ COHEN, **op. cit.**, p. 108.

no desempenho dos encargos políticos e culturais de maior prestígio”.⁷⁴ As tarefas desempenhadas por estes intelectuais eram provenientes das demandas privadas ou das instituições e organizações da classe dominante. Lobato encaixa-se nesse perfil.

Conforme Nicolau Sevcenko, no início do século XX “o único veículo de ampla penetração era a imprensa. Esta, por sua vez, era monopolizada por três formas culturais competindo entre si: a literatura, a ciência e o jornalismo.” *A Revista do Brasil* reunia as três, enquanto as demais se definiam somente como literárias. *A Revista do Brasil* tinha um viés inicial muito mais científico do que literário ou jornalístico, mas a entrada de Lobato na direção alterou esse formato. Acrescentar a literatura para discutir temas que não eram de interesse da maioria da população transformou-a num sucesso. Conforme Nicolau Sevcenko: “O prestígio ímpar da literatura a transformava num instrumento particularmente eficiente de propaganda intelectual.”⁷⁵

A Revista do Brasil foi um periódico destinado a conduzir as ideias de um determinado grupo de intelectuais reunidos em torno do jornal *O Estado S. Paulo*. Essa intelectualidade, que refletia sobre o Brasil no início do século XX, sentia-se responsável por detectar os problemas e propor soluções para o país. A partir disso, criou um conjunto de representações que mostrava os padrões que organizava e elaborava suas visões de mundo, como o próprio Jeca Tatu.

A trajetória da *Revista do Brasil* é bem maior do que o período em que vamos analisá-la. Utilizaremos aqui a periodização proposta por Tania Regina de Luca que a faz em cinco momentos assim delimitados: de 1916 a 1925 (1ª fase) inicia com a fundação da *Revista* e termina com a falência dos negócios de Monteiro Lobato; em 1926, Assis Chateaubriand a compra e relança-a em três oportunidades: de 1926 a 1927 (2ª fase), de 1938 a 1943 (3ª fase) e em 1944 (4ª fase); em 1984, Darcy Ribeiro, à frente do periódico, propõe o seu ressurgimento, que foi até 1990 (5ª fase). As interrupções ocorridas na segunda e na terceira fase são decorrentes de cisões internas entre o grupo dos modernistas e das tensões vividas durante a Era Vargas, respectivamente. Em 1990 deixou de ser financiada pelo Governo do Rio de Janeiro e passou para a Prefeitura do Rio. Darcy Ribeiro saiu da coordenação e entrou Francisco de Assis Barbosa, tornando a *Revista* comemorativa e histórica.⁷⁶

⁷⁴ MICELI, Sérgio. **Intelectuais e classe dirigente no Brasil (1920-1945)**. Rio de Janeiro: Difel, 1979. p. XXI-XIX.

⁷⁵ SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na primeira república**. São Paulo: Brasiliense, 1999. p.226-227.

⁷⁶ Sobre o assunto, consultar: DE LUCA, **op. cit.**, p. 31-32.

O escolhido para a análise é o primeiro, pelo fato de ser nesta época que Monteiro Lobato atuou no periódico. Essa fase é composta de 28 volumes, cada um compreende três meses do ano, totalizando 113 exemplares.

A *Revista* circulou ininterruptamente durante a primeira fase, e sua edição foi feita na cidade de São Paulo. As décadas de 1910 e 1920 foram marcadas pelas transformações ocorridas, principalmente nos centros urbanos do país, devido ao início do processo industrial. Dessa forma, o periódico tornou-se refletor das transformações e anseios ocorridos naquele momento. Segundo De Luca, ela foi a principal publicação de caráter cultural da República Velha, acolhendo em suas páginas os nomes mais representativos da época, o que lhe garantiu prestígio e longevidade para os padrões do período.⁷⁷

Partindo da abolição e da Proclamação da República, os intelectuais do início do século XX (os pré-modernistas) foram à procura dos fundamentos, características e especificidades da nação brasileira com o intuito de construir e agregar todos em torno do sentimento de brasilidade. Segundo eles, era necessário apontar caminhos, colocar o país em sintonia com seus valores, mas, acima de tudo, agir. A *Revista do Brasil* nasceu em meio ao clima nacionalista e teve como principal objetivo: “criar um núcleo de propaganda nacionalista”. No entanto, já existia uma consciência nacional engajada. De acordo com Guilhermino Cezar, quando a *Revista* foi fundada, em 1916, o programa nacionalista que ela propunha já havia sido lançado, conforme princípios que tinham sido expostos perante a inteligência brasileira desde 1902, pelo fato deste ano ser marcado pela publicação de duas obras primas: *Canaã*, de Graça Aranha e *Os sertões*, de Euclides da Cunha.⁷⁸

Contudo, as comemorações e preparativos para o centenário da Independência e a Primeira Guerra Mundial, trouxeram à tona alguns questionamentos que passaram a ser discutidos com mais ênfase na *Revista*, como a questão da nacionalidade. Além disso, a necessidade de se discutir certos assuntos também foi um incentivo para a criação da *Revista*, que seria um espaço apropriado para o estudo e aprimoramento de questões. Segundo Campos, ela era um projeto que buscava o consenso, propondo “uma maior homogeneidade ideológica no país, a ser realizada através da cultura.”⁷⁹

Para explicar a nação, os autores da *Revista* utilizavam-se da história, geografia, literatura, gramática e filologia, estudando a composição étnica da população, a organização econômica e social, as instituições políticas, o sistema educacional e de saúde, além da

⁷⁷ DE LUCA, *op. cit.*, p. 31.

⁷⁸ CEZAR, Guilhermino. Monteiro Lobato e o modernismo brasileiro. In.: ZILBERMAN, Regina (org.). **Atualidade de Monteiro Lobato**: uma revisão crítica. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1983. p. 35.

⁷⁹ CAMPOS, *op. cit.*, p.24.

produção cultural. Baseados sempre no positivismo, determinismo, evolucionismo e darwinismo social, teorias em voga na Europa nesse período, eles escreviam seus textos e consideravam-se capazes de conduzir o país por meio de seus estudos, registros e ideias.

Idealizada por Júlio de Mesquita no ano de 1915, a *Revista do Brasil* ganhou fôlego pelas transformações que estavam ocorrendo na imprensa, o uso de novas tecnologias que permitiam a difusão e a circulação de notícias, do próprio material impresso de uma maneira mais rápida, e da queda do número de analfabetos, fatos que faziam aumentar a venda dessa mercadoria.

A família Mesquita, então proprietária do jornal *O Estado S. Paulo*, era referência não só no ramo da imprensa, mas com o tempo tornou-se também referencial político nacional, sobretudo paulista. O jornal, principal mercadoria da indústria cultural, era quem ditava as modas e estilos e consagrava ou não os escritores.

Plínio Barreto e José Pinheiro Machado Júnior foram os encarregados de cuidar da fundação da *Revista*, que no início iria chamar-se *Cultura*. A independência conquistada e assumida como postura pelo jornal, conferia ao grupo de políticos e intelectuais reunidos em torno dele características próprias, transformando-os também em uma facção política, unida pela fidelidade a um conjunto de princípios. “Pertencer ao corpo de colaboradores assíduos ou de editores (deste jornal) constituía-se excelente porta de entrada para a vida pública.”⁸⁰ Foi o que aconteceu com Monteiro Lobato que contribuía de forma remunerada para o jornal desde 1909.

A *Revista do Brasil* surgiu como uma sociedade anônima composta por 66 acionistas e inúmeros colaboradores, em sua maioria pertencente à elite paulista e antigos cooperadores do jornal, assim como os escritores, “o que permite caracterizar o periódico como um empreendimento desse segmento social.”⁸¹ Além disso, tinha um significado político, afinal, seu objetivo era provocar debates e discutir as questões nacionais.

Em maio de 1918 a sociedade foi desfeita e o periódico foi vendido a Monteiro Lobato, tornando-se também uma editora: Casa Editora Revista do Brasil. Conforme De Luca, Lobato reformulou os critérios de seleção dos artigos publicados na *Revista* e procurou dar a ela uma “cara” mais leve e atraente. Para isso, aumentou o espaço dedicado à criação literária, além de convidar seus leitores a enviar matérias, ou seja, abriu o espaço da *Revista* aos

⁸⁰ DE LUCA, **op. cit.**, p.39.

⁸¹ Idem, p. 42 e 45.

desconhecidos que não deixavam de ser colaboradores do mensanário, uma vez que eram seus leitores.⁸²

Seu objetivo era atingir um número cada vez maior de pessoas, aumentando a cifra de compradores e leitores. Em 1919, em carta ao amigo Rangel, anunciou que a *Revista* contava com três mil assinantes.⁸³ Fato de grande relevância, uma vez que, conforme Thomas Skidmore, duas coisas basicamente eram usadas para medir o desenvolvimento de um país no final do século XIX e início do XX: a estabilidade política - que por muitas vezes estava correlacionada com governo constitucional - e o grau que atingira a cultura nacional, que para a maior parte dos intelectuais brasileiros, significava literatura.⁸⁴

Na sua origem a *Revista do Brasil* foi concebida enquanto instrumento de ação pelo grupo do jornal O Estado de S. Paulo, [...]. [Lobato] foi capaz de utilizar eficazmente o periódico como meio para a realização de seus negócios. A preocupação de torna-lo rentável obrigaram-no a levar em conta o gosto do público, enquanto as freqüentes alterações no quadro dirigente trouxeram mudanças para a linha editorial e favoreceram a diversidade de colaborações e colaboradores, permitindo à publicação espelhar o pensamento de vários setores da intelectualidade.⁸⁵

O periódico tornou-se para Lobato instrumento de propaganda de seus negócios de editoração e edição de livros na sua empresa gráfico-editora. Transformou-se, também, num meio de manter a figura de Lobato viva no público leitor, no meio literário e empresarial. “A *Revista* alimentava um culto à figura de Lobato, que era enaltecida por meio de notícias a respeito” de suas traduções, resenhas e publicações em geral.⁸⁶

A partir de 1923, ainda sob o comando de Monteiro Lobato, a *Revista* passou a publicar artigos de autores modernistas, transformando-se num espaço onde as concepções tradicionais e modernas passaram “a medir forças”. O término desta fase se dá em 1925, juntamente com a falência dos negócios do autor.

A *Revista do Brasil* surgiu num período (1ª República) em que a modernidade técnica estava a serviço da imprensa. A charge, a caricatura e a fotografia passaram a ser empregadas como atrativos e elementos indispensáveis às publicações, que ganharam um caráter mais “leve” e a maior atenção do público leitor e do não leitor também. Os inúmeros jornais e revistas que surgiam tinham a intenção de retratar o progresso pelo qual passava a sociedade, principalmente as capitais São Paulo e Rio de Janeiro. Para Ilka Stern Cohen, as crônicas, o

⁸² DE LUCA, *op. cit.*, p. 66-67.

⁸³ LOBATO, Jose Bento Monteiro. **A barca de Gleyre**. São Paulo: Brasiliense, 1959. v.2. p.194.

⁸⁴ SKIDMORE, Thomas E. **Preto no branco**: raça e nacionalidade no pensamento brasileiro. Trad. Raul de Sá Barbosa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976. p.96-105.

⁸⁵ DE LUCA, *op. cit.*, p.71-72.

⁸⁶ *Idem*, p.75.

noticiário e os comentários editoriais das revistas e dos jornais sintetizavam as sensações do momento, sendo que toda a novidade se tornava a matéria-prima da imprensa.⁸⁷

O sucesso da *Revista* pode estar vinculado ao fato de no período circularem, em sua maioria, magazines de variedades ou revistas ilustradas que apostavam nas imagens e no conteúdo heterogêneo para agradar, através da qualidade estética e do alto nível de seus colaboradores, seu público consumidor, em geral a classe média. Porém, estes periódicos tinham um período de vida muito curto, em torno de um ou dois anos e não debatiam as questões nacionais.

Segundo Alberto Luiz Schneider, não se pode explorar a formação de uma nacionalidade sem considerar os livros que pretenderam ler aquela sociedade. Em outras palavras, os livros – literários ou não – foram fundamentais na construção de uma memória nacional, principalmente onde o Estado nasceu antes que um sentimento de nacionalidade prevalecesse. Tanto intelectuais como escritores e artistas foram essenciais na produção de um imaginário nacional, como é o caso do Brasil.⁸⁸

Antonio Candido, em *Literatura e Sociedade*, privilegia a literatura como forma de expressão do pensamento brasileiro do século XIX. Esta constitui fonte abundante para o conhecimento histórico dos povos, na medida em que manifesta, discute, transmite e produz os valores e o imaginário que circulam pela sociedade. Para o autor, a literatura contribui com eficácia maior do que se supõe para formar uma consciência nacional e pesquisar a vida e os problemas brasileiros.⁸⁹

Para Schneider, o Brasil de fins do século XIX, vivia sob o vigor da cultura beletrista⁹⁰ e bacharelesca da República das Letras, e a crítica literária aproveitava de um prestígio jamais alcançado em qualquer outro momento da vida intelectual brasileira. Naquele período, ela serviu frequentemente como um espaço para a polêmica, o debate de ideais e a discussão sobre temas nacionais, exercendo sobre os intelectuais um enorme fascínio. Em nome da crítica, debateram-se ideias políticas, temas sociais e literatura.⁹¹

⁸⁷ COHEN, Ilka Stern. Diversificação e segmentação dos impressos. In.: MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tânia Regina de (org). **História da Imprensa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2008. p.111.

⁸⁸ SCHNEIDER, Alberto Luiz. **Silvio Romero, hermenauta do Brasil**. São Paulo: Annablume, 2005. p.14-15.

⁸⁹ MELLO e Souza, Antonio Candido. Literatura e cultura de 1900 a 1945. In.: _____ . **Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária**. 8.ed. São Paulo: T.A.Queiroz, 2000. p.132..

⁹⁰ Beletrista é o que hoje chamamos de intelectual. No final do século 19 e até metade do século 20, a sociedade brasileira era muito influenciada pela cultura francesa. Era na França que os filhos das famílias ricas iam estudar (usualmente direito...).E, ao estilo francês, se dedicava muita atenção às "Belas Artes" (pintura, canto, dança clássica,etc.) e, na apreciação literária, tínhamos as "Belas Letras" e,claro, os beletristas (os intelectuais, que cultivavam as belas letras, a literatura).

⁹¹ SCHNEIDER, **op. cit.**, p.21.

Embalada pelo naturalismo e realismo na literatura e pelo darwinismo e positivismo na Filosofia, reforçou-se a noção de que a literatura teria uma função documental, o que lhe permitiu atingir um lugar de destaque no universo do intelectual. Conferiu-se a ela uma dimensão explicativa, e não raramente militante do mundo, com o compromisso de narrar e explicar a natureza, o homem, a cultura e as próprias nações. Visão segundo a qual a literatura seria um produto da vida social podendo ser lida como documento que a revelasse.

“Era como se o texto literário fosse decorrente da personalidade do autor, e esse, por mais singular que fosse, se explicaria pela representatividade, ou seja, pelo que exprimisse da sociedade, da cultura e da nação.”⁹² Conforme Schineider, nas últimas décadas do século XIX, temas como a abolição, a República, a imigração europeia, o impacto dos determinismos étnicos e mesológicos, a nacionalidade, a educação e a miséria de uma grande parte da população ocuparam muitas e muitas páginas da literatura, da crítica e do ensaio no Brasil.

Esses temas foram fundamentais na criação das chamadas imagens literárias, que segundo Naxara, têm importante capacidade de divulgação e de fixação de estereótipos a respeito de seus personagens. Por isso, talvez, de todas as imagens construídas na literatura brasileira sobre o povo (ou pelo menos, o trabalhador) brasileiro, o Jeca Tatu foi o que mais se destacou (no âmbito popular), podendo ser considerado a síntese da brasilidade de um período. Depois dele, só Macunaíma, que seria uma versão mais elaborada. Para Wilson Martins, *Urupês*, ao lançar a figura do Jeca Tatu, lança o primeiro tipo de “herói” literário, abrindo frente a uma campanha contra o falso regionalismo. Para o autor, Lobato é o precursor do Modernismo, uma vez que, até 1921, foi a vanguarda literária no Brasil.⁹³

A procura de uma identidade nacional perpassou toda a independência política, fazendo com que as representações literárias do nacional ganhassem força. O nacionalismo romântico estabeleceu uma primeira identidade através da figura do índio idealizado. Conforme Antonio Candido a idealização de certos tipos da população resolvia a ambiguidade existente. O Brasil possuía uma cultura de raízes europeias, mas era habitado por um povo latino.

Surgiu então, num primeiro momento, a idealização do indígena. Num segundo momento, foi o caboclo, o sertanejo, o caipira, na literatura regionalista que passou a ser idealizado. Junto com esta idealização, apareceu um movimento dentro da literatura pautado no engajamento e nas preocupações sociais, dirigido para a denúncia e a colocação em

⁹² Idem, p.35.

⁹³ MARTINS, Wilson. **O modernismo** (1916-1945). A literatura brasileira. 4.ed. São Paulo: Editora Cultrix, 1973. v.VI. p.21-23.

evidência das mazelas e dos problemas sociais da sociedade brasileira em que o urbano foi muito valorizado e identificado à civilização, e o rural, ao atraso.

Monteiro Lobato foi favorecido pela preferência literária da população. Segundo Márcia Naxara, entre as leituras possíveis sobre o Brasil rural, a que mais ecoava e tinha aceitação junto ao público leitor (composto pela elite), era justamente aquela que não só enfatizava as diferenças entre os dois meios (campo X cidade), mas que também ironizava o atraso do homem rural brasileiro.⁹⁴

Ora, o autor escreve para um público. No Brasil, na época, este era muito restrito [...] e selecionado. Tal seleção talvez explique uma divulgação mais ampla das obras que conferiram ao caipira, ao caboclo sertanejo, uma imagem negativa. Isso ia ao encontro da valorização do moderno, do progresso, da civilização identificados ao urbano e à cidade, viés marcadamente presente na cultura brasileira.⁹⁵

Lobato traçou o lado negativo do caipira, atribuindo-lhe de forma caricatural todas as qualidades negativas do brasileiro, reunidas, por assim dizer, num único personagem. Em sua obra, de certa forma, aparecem refletidos através de Jeca Tatu, os conceitos e preconceitos da época, pesados e medidos pelas preocupações e objetivos do autor.

Tadeu Chiarelli destaca uma interessante diferença entre os dois primeiros textos propagadores do Jeca: “Uma Velha Praga” e “Urupês”. No primeiro, sua descrição mais realista sobre o homem do campo, rompeu com a idealização que o homem da cidade fazia e enfatizou a relação do caipira com as queimadas frequentes. Há assim uma preocupação explícita do fazendeiro com os danos causados por eles. Ou seja, a ênfase está no comportamento do caboclo em relação ao desmatamento anual do ambiente e à sua aversão ao trabalho.⁹⁶

Ao falar do Jeca em “Uma Velha Praga”, Monteiro Lobato mostra sua preocupação com a decadência da região do Vale do Paraíba paulista, por causa da ocupação destrutiva do solo, tendo como consequência a ruína do homem que habita tal região. Porém, ele esquece que essa prática era feita também pelos fazendeiros em geral (a elite proprietária). Já em “Urupês”, Lobato trata da visão do caipira em relação à literatura, cuidando para descrevê-lo com exatidão naturalista carregada de ironia, propondo assim outra percepção do homem rural brasileiro, pelo homem civilizado, enfatizando assim o momento literário que, todavia, retratava esse mesmo caboclo indelicadamente.

⁹⁴ NAXARA, Márcia Regina Capelari. **Estrangeiro em sua própria terra**. São Paulo: Anna Blume / FAPESP, 1998. p.115.

⁹⁵ NAXARA, **op. cit.**, p.119.

⁹⁶ CHIARELLI, **op. cit.**, p.10.

Ainda para o mesmo autor, a partir destes textos, Monteiro Lobato passou a ser visto como o homem do “interior”, por acreditar que nele estaria o verdadeiro Brasil, tornando-se assim, “a voz do proprietário do sertão, daquele que vê em seu agregado o responsável pelos seus males de fazendeiro”.⁹⁷ Marisa Lajolo afirma que em “Urupês” e “Uma Velha Praga”, através da voz de Lobato, ecoa a insatisfação dos velhos fazendeiros paulistas que, inventores da República, sentiam-se prejudicados pela política em vigor.⁹⁸

Para Naxara, na literatura deste período podem-se encontrar três posicionamentos frente à figura do homem rural: “a que ridiculariza, a que é condescendente e a que é crítica, sem deixar propriamente de ser condescendente.”⁹⁹

Monteiro Lobato ficava exarcebado com a projeção da nacionalidade sobre o caipira/sertanejo, apontado nesse período como símbolo de brasilidade. Incomodava-o a visão otimista do nacional que, contraditoriamente, expunha e mascarava a realidade. Por ironia, ao combater essa imagem idílica, que considerava inadequada, ele criou o seu oposto e, por acaso ou não, com tamanha força, que essa nova imagem veio a se transformar num mito, ganhando existência própria e explicando-se como tal. [...] A ênfase de Lobato em considerar o Jeca Tatu como a regra tem por finalidade apontar e elaborar uma dada realidade, que não é agradável, mas que está posta.¹⁰⁰

Talvez fosse o início da chamada crítica romântica ao progresso, presente no pensamento do autor, ainda quase imperceptível, mas que começava a ganhar contornos.

Segundo Michel Lowy, o Romantismo não é somente uma escola literária do início do século XIX, mas uma das principais formas da cultura moderna. Enquanto estrutura sensível e visão do mundo, ele manifesta-se em todas as esferas da vida cultural, ou seja, literatura, poesia, arte, música, religião, filosofia, ideias políticas, antropologia, historiografia e as outras ciências sociais. Pode ser definido como uma revolta contra a sociedade capitalista moderna, em nome de valores sociais e culturais do passado, pré-modernos, e um protesto contra o desencantamento moderno do mundo, a dissolução individualista e competitiva das comunidades humanas, e o triunfo da mecanização, mercantilização, reificação e quantificação. Jean-Jacques Rousseau é considerado o primeiro dos românticos.¹⁰¹

Em seus textos “Marxismo e romantismo revolucionário” e “A crítica romântica e a crítica marxista da civilização moderna”, Lowy procura mostrar a relação existente entre o Romantismo e o pensamento marxista, e, para isso, afirma que alguns dos escritores que

⁹⁷ Idem, p.110.

⁹⁸ LAJOLO, Marisa. **Monteiro Lobato: a Modernidade do Contra**. São Paulo, Brasiliense, 1985. p.28.

⁹⁹ NAXARA, **op. cit.**, p.120.

¹⁰⁰ NAXARA, **op. cit.**, p.136-139.

¹⁰¹ LOWY, Michel. O romantismo revolucionário de Maio 68. Trad.: Celuy Roberta Hundzinski. Revista Espaço Acadêmico. Maringá, nº 84, maio 2008. Disponível em: < <http://www.espacoacademico.com.br> > Acesso em: 14/03/10.

influenciaram Marx e Engels são românticos. A crítica romântica do presente capitalista está ligada à nostalgia do passado, assim como esta crítica ganhou em certos casos uma dimensão revolucionária.¹⁰²

A proximidade de Lobato com a crítica romântica que se enfatiza aqui, a fase do seu descontentamento em relação ao progresso, tem como base a discussão proposta por Michel Lowy. Conforme este autor, antes mesmo de Marx, os poetas e escritores românticos já criticavam a sociedade burguesa moderna. Nascido na segunda metade do século XVIII, o anti-capitalismo romântico pode ser definido como uma forma de ver o mundo e pode ser encontrado não só nos trabalhos de escritores e poetas, mas também nos romances de realistas, nos trabalhos de economistas políticos e de sociólogos.¹⁰³ No mesmo momento em que Lobato apontou as deficiências do progresso, Walter Benjamin alertava para a catástrofe eminente mantendo-se o curso do progresso.

Pensador alemão, Walter Benjamin, “foi um crítico revolucionário da filosofia do progresso e um adversário marxista do “progressismo”, ou seja, um desconstrutor do discurso do progresso.”¹⁰⁴ Michel Lowy em *Aviso de Incêndio*, analisa as teses de Benjamin sobre o conceito de história, teses estas que constituem um dos textos filosóficos e políticos mais importantes do século XX. Lowy analisou tese por tese, explicando as ideias presentes nas proposições de Benjamin, ilustrando-as ainda, por meio de exemplos da realidade latino-americana.

Escritas em 1940, no auge do fascismo na Europa, as teses vieram a público somente após a morte de seu autor. Elas são um ataque às concepções lineares e conformistas da história e da noção positivista de “progresso”. Benjamin articula então, uma nova concepção de tempo e história, contada sob o ponto de vista da maioria oprimida. Opositoras também ao evolucionismo da 2ª Internacional, suas teses ressaltam que não há progresso automático. Sua preocupação não era o declínio das elites ou da nação, mas as ameaças que o progresso técnico e econômico promovido pelo capitalismo fizeram pesar sobre a humanidade.

Com o advento da Primeira Guerra Mundial (1914) o conceito e a noção de progresso foram colocados em questão. Alberto Torres escreve em *Vers la paix*¹⁰⁵ que somente “os governos das grandes potências e os pequenos grupos ligados à indústria de guerra vêem as

¹⁰² LOWY, Michel. Marxismo e romantismo revolucionário. In.: _____. **Romantismo e messianismo: ensaios sobre Lukács e Benjamin**. São Paulo: Edusp, 1990. p. 18.

¹⁰³ LOWY, **op. cit.**, p.35.

¹⁰⁴ DUPAS, **op. cit.**, p.59.

¹⁰⁵ Livro escrito contra a guerra e contra a paz armada.

lutas armadas entre os povos como elementos de progresso.”¹⁰⁶ Para ele, o verdadeiro progresso só existe por meio da paz e do desarmamento.

Para Oliveira, a Primeira Guerra Mundial teve uma importância decisiva “na revisão dos padrões intelectuais brasileiros. Após sua eclosão, reacendeu-se a necessidade de pensar o Brasil do ponto de vista brasileiro.”¹⁰⁷ Este evento transformou o significado do nacionalismo, que deixou de ser ufanista (baseado no amor à pátria, na grandeza territorial e nas qualidades das raças que formaram o homem brasileiro) para buscar uma nova identidade e romper com a herança europeia. Mas para isso, primeiro era preciso acabar com os nossos males. A saúde e a educação seriam as soluções. A primeira passa a ser discutida quase que exclusivamente através da figura de Jeca Tatu.

Contudo, Monteiro Lobato mostrou sinais de seu descontentamento já em 1918, num artigo intitulado *A “nossa doença”* e publicado na *Revista do Brasil*

Brotam da terra cidades. Rompem villas. Abrem-se fazendas. Rasgam-se estradas. Constroem-se vias férreas. Direis: o paiz enriqueceu; entraram para a economia nacional tantos prédios, tantas pontes, tantos núcleos urbanos, tantos kilometros de estradas; isso representa criação de riqueza; é capital acumulado pelo trabalho; é progresso econômico. Ilusão! De facto assim é em todos os paizes do mundo. Aqui não. Essa riqueza depois de creada extingue-se. As cidades morrem; os prédios se desvalorizam; o casario immenso das fazendas e todas e todas as bemfeitorias accessorias entram por zero nas avaliações; as estradas esburacam-se ao léo; as vias ferreas viram desengonçado mambembe a vapor em perpetuo regimen de *deficits*, tenias parasitarias da região; o povo, descahido de *tonus* vital, apodrece no morasmo sorno dos cocainomanos. [...]

O nosso progresso é cigano. Vive acampado. É nômade.¹⁰⁸

Nesse artigo, o autor demonstra claramente a sua incompreensão e inconformidade com a situação de seu país. Para ele, por mais que uma região crescesse, expandisse, progredisse, como ocorreu com a do Vale do Paraíba, isso não duraria muito tempo. Tudo o que fora conquistado logo migraria para outro local. O país não conseguiria desenvolver-se uniformemente, Lobato critica assim, a forma como o progresso acontecia no Brasil.

A situação piorou depois das campanhas em favor do ferro e do petróleo quando, em que não alcançando o sucesso esperado, o autor mostra sinais de seu desânimo em carta ao amigo Rangel

Aqui nesta terra, nem animo de bruxolear eu tenho. Não vale a pena. Depois que me vi condenado a 6 meses de prisão, e posto numa cadeia de assassinos e ladrões só porque teimei demais em dar petroleo á minha terra, morri um bom pedaço na alma. Espero que seja esse o meu ultimo desapontamento.¹⁰⁹

¹⁰⁶ TORRES apud OLIVEIRA, 1990, p.121.

¹⁰⁷ OLIVEIRA, Lúcia Lippi. **A questão nacional na Primeira República**. São Paulo: Brasiliense, 1990. p.126.

¹⁰⁸ LOBATO, Monteiro. A “nossa doença”. **Revista do Brasil**, São Paulo, v. VII, p.4-5, jan./mar. 1918.

Lobato, ao final da carreira, chegou às mesmas reflexões que Marx e Engels ao fazerem sua crítica romântica com relação ao capitalismo, quando compreenderam que o capitalismo trouxe ao progresso um caráter contraditório e que a civilização industrial e capitalista representa, em certos aspectos, um recuo (do ponto de vista humano) em relação às comunidades do passado.¹¹⁰ O capitalismo traria um aspecto humanamente regressivo, ou seja, eles criticavam radicalmente a moderna civilização industrial e o processo de quantificação da vida através do trabalho, em nome de certos valores sociais e culturais pré-capitalistas.

Conforme Lowy, “a crítica romântica raramente é sistemática ou explícita e poucas vezes se refere diretamente ao capitalismo como tal.”¹¹¹ Assim fez Lobato que não criticou abertamente o capitalismo, mas os males e as consequências causadas por ele. Como os anti-capitalistas românticos, Lobato não criticou a exploração dos trabalhadores ou a desigualdade social, afinal, a fase de maior propagação do Jeca foi a do Jeca Tatuinho nas propagandas do Biotônico Fontoura. Nesta fase, Jeca Tatu cura-se e transforma-se num grande fazendeiro, enriquecendo e mudando de vida. Criticou sim, a quantificação da vida, exposta em *Zé Brasil*.

1.3: Jeca Tatu: o mal da terra

Ao longo do século XIX e início do século XX, algumas questões assolaram o Brasil. Para os intelectuais do período, a chamada elite pensante do país, era preciso “construir” a representação da ideia de nação. Como nos diz André Botelho, tal pensamento assumiu, ao longo do tempo, diversos conteúdos, como território, natureza, dinastia, raça, religião, língua, cultura, todos focados na necessidade de manter a sociedade brasileira coesa.¹¹² Para isso, as representações literárias do Brasil, iniciadas com o romantismo de José de Alencar, contribuíram muito para moldar este ideal. O que se procurou fazer, como nos diz Roberto Bitencourt da Silva, foi construir uma “moldura identitária” para a nação – Brasil – composta

¹⁰⁹ LOBATO, Jose Bento Monteiro. *A barca de Gleyre*. São Paulo: Brasiliense, 1959. Obras Completas, v.II, p. 336-337.

¹¹⁰ LOWY, *op. cit.*, p.22.

¹¹¹ Idem, p.36.

¹¹² BOTELHO, André. *Jeca Tatu: questão nacional e questão social*. In. FILHO, Alves. *As metamorfoses do Jeca Tatu*. Rio de Janeiro: Inverta,2003.

dos mais diversos elementos étnicos e culturais advindos de um passado escravocrata e colonial.¹¹³

Mais do que isso, era preciso encontrar a causa do atraso brasileiro. Jeca Tatu foi identificado por Lobato como o principal responsável, afinal, ele representava a maior parte da população brasileira, ou seja, os trabalhadores rurais mestiços. A primeira versão do Jeca traduzia a percepção das elites sobre o povo brasileiro. Lobato, porém, não foi o primeiro em sua ideia de retratar o caipira do interior paulista. Antes dele, muitos viajantes e escritores já haviam descrito este tipo rural. A diferença de Lobato está no fato de ele ter criado um estereótipo característico e nomeado tal representação, como podemos perceber na fala de Ricardo Luiz de Souza¹¹⁴

A figura do caipira, ora visto como representante da tradição a ser preservada, ora definido como atrasado, supersticioso, avesso e alheio à modernidade que se implanta e que se deseja, já faz parte do imaginário paulista e em torno dele já se delineou toda uma literatura regionalista, que às vezes o louva, às vezes o critica, [...].

Em relação a ele, então, Lobato não inova, apenas cria o personagem que o encarnará de forma definitiva. O Jeca foi inspirado por um personagem real que tinha o mesmo nome e era neto de uma senhora que sempre o elogiava, até que Lobato o conheceu pessoalmente [...].¹¹⁵

O Jeca foi a forma que Lobato encontrou para expressar o que entendia ou acreditava ser o problema ou, como ele mesmo definiu, “*os males do Brasil*”, uma vez que esta convicção também passou por transformações que foram transferidas ao personagem. Portador de inúmeros significados, Jeca Tatu consegue, em seu estado, sucintamente representar, senão o contraste, pelo menos o debate em torno da oposição entre campo e cidade, que assolava a intelectualidade brasileira.

Segundo Márcia Regina Capelari Naxara, a diferença entre campo e cidade foi enfatizada pela necessidade de pensar num Brasil moderno e de procurar por uma identidade nacional. A literatura regional salientou então, as diferenças existentes entre a população, num momento em que se procurava a homogeneidade.¹¹⁶ Diante deste embate, a maior parte da população, por viver no campo, era automaticamente identificada e rotulada como atrasada.

¹¹³ SILVA, Roberto Bitencourt da. **O “Jeca Tatu” de Monteiro Lobato: Identidade do Brasileiro e Visão do Brasil.** In: 19&20 - A revista eletrônica de DezenoveVinte. Volume II, n. 2, abril de 2007. Disponível em: <<http://www.dezenovevinte.net/19e20>> .

¹¹⁴ SOUZA, Ricardo Luiz de. **Explicando o fracasso: Monteiro Lobato e a identidade nacional.** Estudos de Sociologia, Rev. do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFPE, v.12, n.1, p. 131-158.

¹¹⁵ SOUZA, **op. cit.**, p. 137.

¹¹⁶ NAXARA, Márcia Regina Capelari. **Estrangeiro em sua própria terra.** São Paulo: Anna Blume / FAPESP, 1998. p.117.

Para a mesma autora, o Jeca, enquanto uma das representações que “fecundaram, constituíram e permaneceram no imaginário a respeito do brasileiro e do Brasil”, só foi possível de ser solidificado porque, na cabeça do povo, já havia elementos oriundos desta mesma concepção e visão de mundo.¹¹⁷ Da segunda metade do século XIX e o início do XX, a elite e a intelectualidade brasileira formularam uma série de representações sobre a população nacional, utilizando-se para isso das mais diversas teorias.

O contexto econômico, político e cultural, herança da colonização europeia, criou uma maneira própria de este grupo pensar a nacionalidade e a identidade do povo brasileiro, baseado em dois pontos considerados “chaves”: o meio e a raça, sendo que este último ganhou um maior destaque e importância. Segundo Naxara, o primeiro Jeca “veio ao encontro de todo um conjunto de representações que fazia parte de um imaginário que vinha sendo formulado desde épocas anteriores sobre o brasileiro.” Monteiro Lobato foi “feliz” ao conseguir materializar em uma única imagem, o Jeca, todo um pensamento sobre o nacional.¹¹⁸

As várias representações que já existiam, “oscilavam da mais absoluta desqualificação a uma idealização romântica e condescendente.”¹¹⁹ Lobato apresentou o caipira brasileiro, fora do Romantismo. Sendo assim, a literatura foi o principal meio utilizado tanto para a discussão de teorias, quanto para a apresentação e a crítica das mais variadas ideias a respeito do povo brasileiro. Esse movimento do pensar a sociedade e a cultura ocorreu simultaneamente ao desenvolvimento da era do progresso, da ciência e das artes do século XIX.

O que se pretendia era construir e visualizar uma nação com uma identidade própria e elementos homogêneos e característicos que abarcassem todo o território nacional. Para isso, era preciso pensar nas origens e no povo que formavam o país, o que gerou um movimento de intensa negação desta história e desta constituição por parte da intelectualidade. Pensava-se o Brasil por aquilo que ele não tinha e por aquilo que não era. Todo esse processo acentuou-se no período de substituição da mão-de-obra escrava em que não havia trabalhadores que suprissem essa necessidade. Então, quando pensavam o país o viam também sem povo.¹²⁰

Procurava-se um povo para o Brasil, uma vez que este sempre foi visto de fora e retratado a partir das impressões de viajantes estrangeiros e da elite local, os quais tinham como referência o etnocentrismo. Os brasileiros sempre foram vistos de cima, sendo ignorados como povo, pois só os seus defeitos eram enfatizados. A população mestiça não

¹¹⁷ NAXARA, *op. cit.*, p.37.

¹¹⁸ *Idem*, p.24.

¹¹⁹ *Idem*, p. 24.

¹²⁰ *Idem*, p.38.

conferia à nação uma unidade com características homogêneas. A elite não se identificava com o povo, por isso, permanecia afastada e não se reconhecia como tal.¹²¹ Identidade, nacionalidade, civilização e progresso, eram as palavras-chave para o entendimento e procura de soluções. Portanto, as concepções de Lobato são o que o reflexo da sociedade em que vivia.

Foi a partir do ideal de progresso, (necessário e inevitável), baseado nos modelos europeu e americano, que se formularam teorias pessimistas e fatalistas a respeito do povo brasileiro e de sua história. Através de uma análise determinista e evolucionista, associada à história e à cultura existentes, com os fatores étnicos e climáticos, elaborou-se uma ideia de atraso para o Brasil.¹²² O Jeca Tatu é produto da vertente fatalista, que considerava os fatores naturais, o meio, como aquele que confere uma fraqueza (reforçada pela aceitação de sua inferioridade racial e cultural) ao homem que nele vive. Sendo assim, era impossível acompanhar o progresso.

A raça era tida como principal fator de diferenciação entre os povos. Nesse período, progresso e evolução caminhavam juntos, e eram utilizados como categorias explicativas do desenvolvimento das sociedades. Segundo Naxara, o progresso era tido como o “resultado da evolução natural do mundo e das sociedades.”¹²³ O que se tinha era um Estado, mas não a Nação. Para se ter a Nação, seria preciso que o povo tivesse características uniformes, que dessem uma identidade ao brasileiro e permitissem seu reconhecimento. Essa identidade tão procurada para o povo brasileiro, devia ser pensada “em função do progresso e da possibilidade da formação de uma sociedade do trabalho no Brasil.”¹²⁴ Isso porque se passava por um momento de transição entre o trabalho livre e o escravo.

Acreditamos ser pertinente também neste item responder à seguinte pergunta: quem afinal é o caipira? Para isso, utilizaremos alguns estudos feitos sobre o tema. Antonio Candido, na introdução de sua obra *Os parceiros do Rio Bonito*, conceitua os termos: cultura rústica e cultura caipira. O primeiro refere-se a sociedades e culturas tradicionais do homem do campo. No Brasil, esta expressão – rústico - tornou-se sinônimo de caboclo. Estes são os resultados do “ajustamento do colonizador português ao Novo Mundo, seja por transferência e modificação dos traços da cultura original, seja em virtude do contacto com o aborígine.”¹²⁵

¹²¹ NAXARA, *op. cit.*, p. 39.

¹²² *Idem*, p.41.

¹²³ *Idem*, p.42.

¹²⁴ *Idem*, p.45.

¹²⁵ CANDIDO, Antonio. **Os parceiros do Rio Bonito**. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1971. 2 ed. p.21.

O autor utiliza o termo caboclo para designar “o mestiço próximo ou remoto de branco e índio, que em São Paulo forma talvez a maioria da população tradicional.”¹²⁶ Já o termo caipira é utilizado para indicar aspectos culturais. Porém, este fica restrito e refere-se somente à área de influência histórica paulista. Para Candido, como resultado das Entradas e Bandeiras feitas pelos paulistas nos séculos XVI, XVII e XVIII, não temos apenas uma expansão geográfica ou a incorporação de novos territórios à Coroa Portuguesa, mas, uma “definição de certos tipos de cultura e vida social, condicionados em grande parte por aquele grande fenômeno de mobilidade.”¹²⁷ E a essa cultura pode-se chamar de cultura caipira.

Toda a estrutura social, ou seja, a organização do modo de vida caipira está baseada no seu nomadismo, nessa mobilidade que independe da vontade dele, mas que se tornou parte da sua vida. O conhecimento da natureza, a exploração dos recursos naturais necessários à sobrevivência, a manutenção de uma dieta compatível com o mínimo vital, o plantio de produtos mais fáceis e rápidos de serem cultivados aliados as atividades de coleta, caça e pesca, a não preocupação em construir uma casa¹²⁸, ou ter uma morada fixa, em não acumular coisas, objetos que depois não pudessem ser carregados, faz parte da cultura caipira, herança do ritmo nômade do bandeirante, mas que depois tornou-se presente pela falta de posse das terras por eles ocupadas.¹²⁹

Conforme Antonio Candido, o caipira procurava novas terras também como meio de obter uma maior produtividade, o que dispensava o desenvolvimento de uma atividade intensa. Com isso, sobrava muito tempo para o lazer que intensificava e mobilizava as relações sociais, amenizando o isolamento vivido por estas populações.¹³⁰ O autor trabalha com a ideia de que as carências de sua dieta impediam o desenvolvimento de atividades extras, o que era corrigido por um ritmo econômico e pela organização social.

Hubert Alquéres ao escrever o prefácio do livro *Vivências caipiras: pluralidade cultural e diferentes temporalidades na terra paulista* (2005), de Maria Alice Setubal, reforça o conceito de caipira utilizado por Antonio Candido

Caipira, no senso comum e preconceituoso, é o habitante de nosso interior atrasado, de instrução precária e costumes ultrapassados. Para os especialistas, contudo, caipira é a parcela de nossa população que resultou da miscigenação original entre brancos, índios e, mais tarde negros, principalmente em São Paulo, e cuja cultura rústica, embora transformada e resignada, permanece como parte integrante da cultura nacional.

¹²⁶ CANDIDO, *op. cit.*, p.22.

¹²⁷ *Idem*, p.35.

¹²⁸ Geralmente é de palha, com paredes de pau-a-pique.

¹²⁹ Apareceu sempre como agregado ou um mero despossuído expulso que avançava sempre mais para o sertão.

¹³⁰ Ver: CANDIDO, *op. cit.*, p. 86-87.

A autora, ao longo de sua obra, retifica a fala de Alquéres e acrescenta que “podem ser considerados como os primeiros paulistas. Ainda que não tenham características físicas relativamente homogêneas, eles se destacam por se sentirem ligados a um modo de viver rústico que se desenvolveu no interior paulista.”¹³¹

[...] o mundo caipira começou a se estabelecer com a fixação das moradias no interior paulista, a partir das bandeiras que se adentravam no sertão. Alguns setores exerceram nítida influência nesse processo: terra abundante, mobilidade constante, caráter aventureiro do mameluco e relação visceral com a natureza. Essa herança portuguesa e indígena, aliada às constantes expulsões da terra por falta de documentação [...] e, posteriormente, ao avanço das condições capitalistas no campo, gerou um caráter provisório de existência e uma cultura material específica [...].¹³²

Eles foram “os pioneiros na luta contra os índios para abrir florestas e plantar.” Mas, como não possuíam nenhum documento que comprovasse a posse da terra, eram constantemente expulsos, o que gerava o movimento contínuo desses grupos, em busca de novos lugares para se estabelecer. A origem do rótulo de preguiçoso está vinculada ao modo de produção que possuíam, incompatível com as fazendas de café, quando comparados.¹³³

Para Eunice Durham, o processo histórico da formação da comunidade cabocla em território brasileiro, nos remete ao fim da época colonial. A ocupação de grande parte do território nacional havia sido feita por uma população predominantemente livre, dedicada em parte à agricultura, voltada para uma economia de subsistência, mantendo relações precárias com as áreas urbanas e as áreas de produção comercial. Essa população habitava, de maneira pouco uniforme, quase toda a região Sul e o interior do estado de São Paulo, espalhou-se pela região abandonada pela mineração e se estendeu pelo interior da Bahia, do Nordeste e da Amazônia.

Como consequência, nas regiões distantes do perímetro urbano ocorreu a formação de uma população economicamente marginal, descendente de portugueses, negros e índios, que vive em acentuado isolamento. A economia de subsistência que deu margem à cultura rústica ou cabocla se constituiu como única forma possível de trabalho livre, numa sociedade rural voltada para a produção de artigos agrícolas de exportação. Assim, a possibilidade de sobrevivência do lavrador, que contava apenas com a força de trabalho da unidade familiar,

¹³¹ SETUBAL, Maria Alice. **Vivências caipiras**: pluralidade cultural e diferentes temporalidades na terra paulista. São Paulo: CENPEC, 2005. p.14.

¹³² SETUBAL, **op. cit.**, p.20.

¹³³ Idem, p.22-23.

dependia de um ajustamento ao meio que lhe permitiria a produção dos meios de subsistência.

134

No entanto, não há uma designação uniforme para esta população que se caracteriza pela produção direta da subsistência, pela participação em uma ordem tradicionalista e pela organização dos grupos locais em comunidades vicinais. Antonio Candido prefere a designação “homem, cultura e sociedades rústicas”, utilizando o termo “caipira” para demonstrar sua variante paulista. Oliveira Viana emprega as expressões “matuto”, “sertanejo” e “gaúcho” para indicar as variantes mineira, paulista, nordestina e sulina do homem rural. Mas predominam o termo “caboclo”, e seus correspondentes, “cultura e sociedade cabocla”, utilizados por Emílio Willems e “sociedade rural tradicional”, empregado por Eunice Durham.

Para Carmem Kummer, se Emílio Willems e Antonio Candido definiram claramente o caboclo como o cruzamento interétnico entre portugueses e indígenas, o discurso médico não oferecia a mesma explicação. Em outras palavras, apesar da existência da classificação racial para os habitantes do interior, não há explicação étnica para as palavras “sertanejo e caboclo”. São termos utilizados prioritariamente para designar um modo de vida rústico, pobre e diferente da vida moderna das capitais, portanto, estereotipado. Por outro lado, considerando que havia pouca clareza na definição do caboclo com relação à raça, era possível tentar definir o caboclo pelo que ele não era: negro, branco, mulato e índio.¹³⁵

Em Amadeu Amaral, no seu estudo sobre o dialeto caipira publicado na *Revista do Brasil* em 1918, podemos encontrar algumas definições e contornos a cerca do pensamento da época:

CAIPIRA, é o habitante da roça, rústico. Próprio de matuto, digno de gente rústica. [...]

O caipira genuíno vive hoje, com pouca diferença, como vivia há duzentos anos, com os mesmos hábitos, os mesmos costumes, o mesmo fundo de idéias. [...]

Ao tempo em que o célebre falar paulista reinava sem contraste sensível, o *caipirismo* não existia apenas na linguagem, mas em todas as manifestações da nossa vida provinciana. De algumas décadas para cá tudo entrou a transformar-se. A substituição do braço escravo pelo assalariado afastou da convivência cotidiana dos brancos grande parte da população negra, modificando assim um dos fatores da nossa diferenciação dialetal. Os genuínos *caipiras*, os roceiros ignorantes e atrasados, começaram também a ser postos de banda, a ser atirados à margem da vida coletiva, a ter uma interferência cada vez menor nos costumes e na organização da nova ordem de coisas.¹³⁶

¹³⁴ DURHAM, Eunice. As comunidades rurais tradicionais e a migração. In: _____ **A dinâmica da cultura: ensaios de antropologia**. São Paulo: Cosacnaify, 2004. p. 138-9.

¹³⁵ KUMMER, Carmem Silvia da Fonseca. **Não esmorecer para não desmerecer: as práticas médicas sobre a saúde da população rural paranaense na Primeira República, 1916-1930**. 154 f. Dissertação (Mestrado) - Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal do Paraná, Curitiba. 2007.

¹³⁶ AMARAL, Amadeu. Dialeto caipira. **Revista do Brasil**, São Paulo, v.III, p.22-33 e 119-130, set./dez.1916.

Maria Alice Setubal afirma que a marginalização sofrida por estes sujeitos vem dos tempos da colônia em que, mesmo sendo livres, por viverem “à margem do sistema agro-exportador das grandes fazendas paulistas” eram deixados de lado, minimizados e ridicularizados. O modo de vida caipira, que seguia o ritmo da natureza, era incompreendido e intolerado pelos fazendeiros de café, que criaram um estereótipo a respeito deste grupo social ¹³⁷, ou seja, caracterizam este determinado grupo, rotulando-os sem nenhum fundamento, apenas por seu comportamento e aparência, reforçando assim o preconceito.

Segundo o Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa, um ser estereotipado seria aquele que é sempre o mesmo, que não varia ¹³⁸. E no Dicionário de Sociologia de Wahington dos Santos, encontramos a seguinte definição para estereótipos

Imagens preconcebidas das coisas e dos seres, que se representa o homem médio de certo meio social. Representação coletiva, consistente em verdadeiro esquema, verbalizado ou não, pelo qual as características de indivíduos, grupos ou instituições características de indivíduos, grupos ou instituições são simplificadas e reduzidas a uma imagem, cuja evocação pode provocar as mais diversas descargas emocionais. São determinados preconceitos ou julgamentos a respeito de pessoas ou etnias, de nacionalidades ou de sexos. [...] Os estereótipos não têm qualquer fundamentação científica, generalizam demais e deturpam a realidade. ¹³⁹

Para Chiarelli, “o Jeca, apesar de mais próximo da situação real do homem do campo brasileiro, ainda é uma imagem, uma imagem criada por um sujeito que percebe o outro (e esse “outro”, no caso, é o brasileiro) apenas como objeto.” ¹⁴⁰ Já para Enid Yatsuda, o caipira encarnou anseios e receios dos outros, tendo seu significado mudado de acordo com pontos de vista que nele enxergaram apenas a projeção de valores ideológicos. ¹⁴¹

Outro motivo da desvalorização dos costumes nativos, mais especificamente do modo de vida caipira, está na herança da colonização portuguesa, em que “Os modelos valorizados são aqueles oriundos da metrópole e, conseqüentemente, a cultura material e imaterial do povo da colônia é desqualificada, gerando perda da auto-estima, da criatividade.” Ou seja, a forma como a elite brasileira pensava o progresso e via como civilização apenas a Europa, teve um “impacto decisivo no modo de vida e na priorização de valores, costumes e especialmente de políticas econômicas e sociais.” ¹⁴²

¹³⁷ SETUBAL, *op. cit.*, p.14.

¹³⁸ FERREIRA, Aurelio Buarque de Holanda. **Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa**. Curitiba: Positivo, 2004. p.827.

¹³⁹ SANTOS, Washington dos. **Dicionário de sociologia**. Belo Horizonte: Del Rey, 1995. p.86.

¹⁴⁰ CHIARELLI, *op. cit.*, p.123.

¹⁴¹ YATSUDA, E. O caipira e os outros. In.: BOSI, Alfredo (Org.). **Cultura brasileira: temas e situações**. São Paulo: Atica, 2002. p.113.

¹⁴² SEVCENKO, *op. cit.*, p.32-33.

Conforme Sevcenko foi após as mudanças ocorridas no Rio de Janeiro que a ideia da preguiça nacional se acentuou, principalmente sobre o homem do campo. A ênfase na divisão da sociedade em grandes cidades industrializadas e do campo como “indolente” fez com que um novo tipo de preconceito aparecesse entre a população. As cidades eram vistas como fontes de produção e acumulação de riquezas, enquanto o campo, que seguia o ritmo da natureza, mesmo sendo o café o principal produto de exportação do país, era visto como o símbolo do atraso e do antigo regime político.¹⁴³

Segundo Raymond Williams, “o campo e a cidade são realidades históricas em transformação tanto em si próprias quanto em suas inter-relações”¹⁴⁴. As concepções a respeito desses espaços assumiram diversas formas ao longo do tempo. Nos séculos XVI e XVII, a cidade esteve associada ao dinheiro e à lei; no século XVIII, à riqueza e ao luxo; no XX, à imagem da turba, das massas; no final do XIX e durante o XX, à cidade coube a imagem da mobilidade e do isolamento. Enquanto o campo esteve sempre coligado à ideia de estabilidade. Para o autor, as mudanças ocorridas nas relações entre campo e cidade se deram especificamente na Inglaterra, após a Revolução Industrial. Mas, de uma maneira geral,

Em torno das comunidades existentes, [...], cristalizaram-se e generalizaram-se atitudes emocionais poderosas. O campo passou a ser associado a uma forma natural de vida – de paz, inocência e virtudes simples. À cidade associou-se a ideia de centro de realizações – de saber, comunicações, luz. Também constelaram-se poderosas associações negativas: a cidade como lugar de barulho, mundanidade e ambição; o campo como lugar de atraso, ignorância e limitação. O contraste entre campo e cidade, enquanto formas de vida fundamentais, remonta à Antiguidade clássica.”¹⁴⁵

Para Enid Yatsuda, a conjuntura que melhor explicita a oposição caipira versus citadino é a do desenvolvimento da industrialização, que trouxe à tona a chamada ideologia da modernização. Nesse momento, para os defensores da principiante industrialização, o caipira, enquanto representante do campo, tornou-se símbolo do atraso. Mais do que isso, ele passou a ser considerado como o elemento que impedia o desenvolvimento da nação, agora localizado na zona urbana.¹⁴⁶

A partir de meados do século XIX, o imaginário paulista esteve pautado nas ideias de progresso e modernidade, concepção essa mais difundida depois do advento da República, em que os republicanos viam com desprezo o passado colonial e imperial, considerando estes modelos como formas atrasadas de vida. Assim, cada vez mais as referências europeias e,

¹⁴³ SEVCENKO, *op. cit.*, p.31-32.

¹⁴⁴ WILLIAMS, Raymond. **O campo e a cidade**: na história e na literatura. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, p.387.

¹⁴⁵ WILLIAMS, *op. cit.*, p. 11.

¹⁴⁶ YATSUDA, *op. cit.*, p.104.

posteriormente, norte-americanas, foram trazidas como padrão a ser seguido, em detrimento do patrimônio cultural nacional.

Em meio a essas modificações, surgiu Jeca Tatu que é um discurso coletivo, proferido não só por Monteiro Lobato, mas também pelos cafeicultores do Vale do Paraíba e depois pelos sanitaristas que tentaram combater as inúmeras doenças existentes entre a população brasileira, motivadas pela extrema falta de higiene. Como veremos nos trechos a seguir, retirados da *Revista do Brasil*, o Jeca passou a ser usado para compreender os problemas do país e para representar o homem nacional.

Não quer dizer que o sertanejo, lutando contra os elementos, arrastando as longas caminhadas sob um sol de fogo, entrando destemido nas matas amazônicas, seja literalmente um Jeca Tatu. Porém, quem viaja e quem vê pelo sertão o fatalismo sertanejo, a limitação da sua agricultura, a instintiva desconfiança pela civilização, a sua habitual indolência que o faz esquecer a rude lição das cenas e nada enceleirar nos anos de inverno, a sua palestra, a sua ignorância política, enfim, os remédios populares, a ingênua credence dos curandeiros e das *meizinhas* verá a imensa verdade das páginas vivas do “Urupês”. Não é preciso estender a generalidade do tipo a todo brasileiro, porém Jeca conservador das velhas tradições, Jeca nômade, desconfiado, levando o incêndio a uma floresta para destocar meio palmo de mato, Jeca usando da prodigiosa fecundidade da terra como refúgio natural à sua indolência, existe, “magina” e é nosso contemporâneo.¹⁴⁷

Géca Tatu figura typica de uma collectividade, é uma excepção. O seu grande, o seu extranho e extraordinário poder da expressão – a singularidade. Não é o caipira commum. É o excepcional. [...] Si todos os caboclos fossem a imagem exacta de Géca, não o teria descoberto Monteiro Lobato. [...] É um grande exemplo, um symbolo poderoso, um epítome vivo. Vêl-o é ver a olho nú tudo o que na collectividade mais ou menos nos escapa, liquefeito e dissolvido na massa e que só elle crystalisa. O consenso publico, expresso em popularidade e fama, consagrou-o em definitiva. Géca representa o caboclo brasileiro, queiramos ou não. [...] Géca significa o brasileiro como Quixote todos os idealistas, confirmando ambos, no emtanto, o principio da excepção creadora. [...] Na verdade, só a excepção crêa. [...] Géca Tatú, creatura de excepção, por sua vez creará. E quanto já não tem creado! Sôando no ar como um chicote erguido sobre a nossa apathia e indifferentismo, é o temeroso anathema que nos sacóde e desperta para a vida. [...] Géca é o pecado nacional. Não o neguem.¹⁴⁸

É esse discurso que vai revelar quem é realmente seu criador e qual é a sua visão sobre o mundo. Além disso, Lobato e os demais autores que escreveram sobre o Jeca, criaram imagens, necessidades e sentidos, vinculando um sistema de valores, ou seja, estereótipos de comportamentos humanos que são valorizados positiva ou negativamente por quem o escuta.

Isso é o que aconteceu com o Jeca. Uma vez propagado, ganhou uma imagem, a imaginação e a confiança do povo e o espaço tão desejado por seu criador, e está presente em

¹⁴⁷ CASCUDO, Luís da Câmara. A humanidade de Jeca Tatu. *Revista do Brasil*, São Paulo, v. XV, p. 84-85, set. 1920.

¹⁴⁸ FERRAZ, Breno. Géca Tatú e o principio da excepção creadora. *Revista do Brasil*, São Paulo – Rio, v.XIX, p.108-109, jan./abr. 1922.

nosso meio até os dias de hoje. Pois “o itinerário feito pelo discurso não se esgota no interior do próprio discurso, mas se projeta na história”.¹⁴⁹

É consenso entre a maioria dos estudiosos que o caipira de Monteiro Lobato, chamado de Jeca Tatu, teria surgido ao acaso em carta¹⁵⁰ enviada à sessão Queixas e Reclamações, em 12/11/1914, do jornal *O Estado S. Paulo* e intitulada “Uma Velha Praga”, tornando conhecido o que seria um dos mais famosos personagens do escritor. Foi reforçado no mês seguinte com o conto “Urupês”, em 23/12/1914, no mesmo jornal.

Porém, Aluizio Alves Filho analisa uma série de documentos para mostrar que isto não poderia ter ocorrido, uma vez que o jornal não publicava cartas de leitores e que, desde 1909, Lobato era colaborador remunerado do periódico. Sendo assim, “Uma Velha Praga” foi um artigo escrito intencionalmente para publicação, intenção demonstrada em diversas cartas enviadas ao amigo Rangel desde 1911.¹⁵¹

Ainda para Alves Filho, o Jeca é o produto do encontro das teorias que dominavam o cenário científico nas primeiras décadas do século XX e que Lobato conhecia muito bem. E entre elas estão as teorias de Arthur de Gobineau, Georges Vacher de Lapouge, Gustave Le Bon, Houston S. Chamberlain e Louis Agassiz. Basicamente, para este autor, o personagem passou por 4 fases: preguiçoso (*Velha Praga*), doente (*Problema Vital*), curado (*Jeca Tatuzinho*) e urbano (*Zé Brasil*).

Já para Mariza Lajolo, Jeca Tatu passou por apenas três transformações e aparições na obra de Monteiro Lobato: 1) Jeca Tatu (1914), quando aparece como piolho da terra, seminômade e inadaptável à civilização; 2) Jeca Tatuzinho (1924), onde foi apontado como vítima das precárias condições da nossa saúde pública, estava doente; 3) Zé Brasil (1947), que discute a precariedade de sua situação alienante e a atribui ao latifúndio e ao sistema econômico que regia a agricultura no Brasil, além de analisar a infra-estrutura e as condições de produção e relações sociais do país.¹⁵²

Para a autora, o primeiro está atrelado aos interesses do próprio Monteiro Lobato, ainda fazendeiro e indignado com as atitudes do referido sujeito. O segundo estava “inserido na máquina publicitária da indústria” farmacêutica nacional e o terceiro patrocinado pela

¹⁴⁹ FIORIN, José Luiz. **Linguagem e ideologia**. São Paulo: Editora Ática, 2000. p.77.

¹⁵⁰ Conforme PASSIANI, **op. cit.**, p. 53; LUCA, **op. cit.**, p. 62; LAJOLO, Mariza. “Jeca Tatu em três tempos”. In: Schwarz R. (Org.) **Os Pobres na Literatura Brasileira**. São Paulo: Brasiliense, 1983. p.101-105, p. 102.

¹⁵¹ ALVES, Filho Aluizio. **As metamorfoses do Jeca Tatu: a questão da identidade do brasileiro em Monteiro Lobato**. Rio de Janeiro: Inverta, 2003. p.35.

¹⁵² LAJOLO, Mariza. “Jeca Tatu em três tempos”. In: Schwarz R. (Org.) **Os Pobres na Literatura Brasileira**. São Paulo: Brasiliense, 1983. p.101-105.

Editora Vitória, aponta para a simpatia com o Partido Comunista Brasileiro, o que reflete as variadas posições ideológicas que Lobato percorreu.

O objetivo de Lobato ao publicar “Uma Velha Praga” era denunciar as queimadas provocadas por esses indivíduos e retificar a visão errônea que a cidade possuía e fabricava do homem rural. Isso explica o uso de adjetivos negativos usados para caracterizar o personagem nessa primeira fase. Segundo Passiani, a literatura do final do século XIX e início do XX era chamada de “sorriso da sociedade”, isto porque suas principais características eram o estetismo, a pureza verbal, a ausência de compromisso com os problemas sociais e o afastamento dos aspectos mais “grosseiros” da vida cotidiana.¹⁵³ Lobato foi contra isso, ele mostrou um dos problemas, o que era então considerado um defeito.

Através do Jeca, Lobato atacou também o romantismo que retratava os caboclos como heróis fortes. Essa idealização de uma figura que, segundo Lobato não existia, impedia que se enxergassem os verdadeiros problemas do país. Segundo Passiani, os artigos “Uma Velha Praga” e “Urupês” denunciavam a deformação romântica que os literatos da cidade faziam ao homem do campo.¹⁵⁴ Conforme o autor

[...] a reação de Lobato, travestida sob a forma do Jeca Tatu, não representava apenas a reação individual dele, Lobato, mas de todo um setor consideravelmente importante da sociedade paulista, uma oligarquia rural em crise. O fato de agir despropositadamente como porta-voz de parcela da aristocracia rural de São Paulo é também um fator a ser levado em conta no sucesso da recepção dos dois artigos já referidos. É por ser representante de todo um conjunto social específico que Lobato foi tão bem aceito nas páginas d’*O Estado*, e não devido apenas ao seu “talento” literário.¹⁵⁵

E em carta a Rangel encontramos a crítica aos românticos:

Rangel, é preciso matar o caboclo que evoluiu dos índios de Alencar e veio até Coelho Neto [...]. A nossa literatura é fabricada nas cidades por sujeitos que não penetram nos campos de medo dos carrapatos. [...] O meio de curar esses homens de letras é retificar-lhes a visão. Como? Dando a cada um [...], uma fazenda na serra para que a administrem. Se eu não houvesse virado fazendeiro e visto como é realmente a coisa, o mais certo era estar lá na cidade a perpetuar a visão erradíssima do nosso homem rural. O romantismo indianista foi todo ele uma tremenda mentira; e morto o indianismo, os nossos escritores o que fizeram foi mudar a ostra. Conservaram a casca... Em vez de índio, caboclo.¹⁵⁶

Contudo, Lobato acreditava estar retratando o Jeca exatamente como ele era, porém, ele desfigurava o homem do campo, uma vez que o via com os “olhos, interesses e preconceitos do fazendeiro,”¹⁵⁷ pois na época ele ainda era dono da fazenda herdada do avô.

¹⁵³ PASSIANI, *op. cit.*, p. 39.

¹⁵⁴ *Idem*, p. 121-122.

¹⁵⁵ *Idem*, p.122-123.

¹⁵⁶ LOBATO, Jose Bento Monteiro. **A barca de Gleyre**. São Paulo: Brasiliense, 1959. v.I, p. 364-365.

¹⁵⁷ ALVES, *op. cit.*, p.64.

Por trás desta ideia, havia a intenção de implantar um sistema de trabalho eficiente, dentro das exigências da economia de mercado. Uma população doente não produziria.

Para Del Priore, o personagem criado por Monteiro Lobato (o Jeca Tatu) é a expressão do fazendeiro “com dificuldades em disciplinar a própria mão-de-obra.” Afinal, “vivenciou o colapso do sistema escravista [...]. Ele culpava os próprios ex-escravos e caipiras pelo fracasso das tentativas de regeneração do nosso sistema agrário.”¹⁵⁸ Temos a confirmação disto em carta enviada ao amigo Rangel, em 20/10/1914, em que fala de sua intenção em escrever uma obra que fale sobre o caboclo piolho-de-serra “Atualmente estou em luta contra quatro piolhos desta ordem – “agregados” aqui das terras. [...] Meu grande incêndio de matas deste ano a eles o devo. Estudo-os.”¹⁵⁹

André Campos afirma que Monteiro Lobato deu tanta importância para este sujeito social pela necessidade que sentia em “atualizar as formas de dominação sobre os trabalhadores livres, no momento em que o país vivia a transição para o trabalho livre e a formação de um mercado interno capitalista”, uma vez que o Jeca Tatu representava um tipo de relação social herdada da escravidão.¹⁶⁰

¹⁵⁸ DEL PRIORE, Mary. **Uma história da vida rural no Brasil**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006. p.190.

¹⁵⁹ LOBATO, **op. cit.**, p.363.

¹⁶⁰ CAMPOS, **op. cit.**, p. 20.

CAPÍTULO 2 – MUTAÇÕES E APROPRIAÇÕES DO JECA

Dentre as inúmeras mutações e apropriações sofridas por Jeca Tatu, podemos citar algumas que mais se destacam, como as criadas pelos modernistas e as sofridas pelo próprio personagem. Uma vez propagada, a imagem do Jeca permaneceu colada ao seu criador, ressurgindo volta e meia no cenário nacional e reacendendo a velha polêmica do caboclo.

Assim como Lobato criara a figura do anti-herói nacional, segundo a visão da maioria dos intelectuais do período, acabaram surgindo outras para fazer-lhe oposição, criticar e retrucar, bem como caracterizar o caboclo, o homem rural que precisava corresponder às ideias de progresso e civilização. O primeiro a aparecer foi Juca Mulato, já sob influência do Modernismo. Em seguida, apareceram Mané Chique-Chique e Jeca Leão, ambos de 1919. Estes, segundo Marisa Lajolo, são personagens de extração ufanistas.¹⁶¹ Mas, temos ainda Macunaíma nesta lista.

Juca Mulato é um poema publicado pela primeira vez em 1917, por Menotti del Picchia,¹⁶² e que, segundo Mário da Silva Brito, teve ótima recepção por parte do público e da crítica.¹⁶³ Menotti concretizou aquilo que muitos literatos vinham buscando: uma constante brasileira e um espírito nativo. Essa composição assinala a retomada do tema nacionalista na literatura. Segundo Brito, Juca Mulato pode ser considerado um herói da fábula cabocla.¹⁶⁴ Já Mônica Velloso afirma que Juca Mulato manifesta a heroização do ser nacional.¹⁶⁵

Para Brito, Menotti, ao inventar Juca Mulato, “procura criar uma nova versão do Jeca Tatu, fugindo ao estilo realista de Monteiro Lobato, que retrata o atraso e a miséria do caboclo, em oposição frontal à ideologia da grandiosidade e da operosidade paulista.”¹⁶⁶ Da mesma forma, o Jeca Leão, do historiador paranaense Rocha Pombo, foi retratado como uma criatura dotada de inúmeras virtudes e nenhum defeito.

Para os modernistas, o caipira era o atraso, a miséria, o oposto da grandiosidade paulista.¹⁶⁷ Então, eles substituíram a versão realista do Jeca pela ufanista de Mané Chique-Chique, do literato cearense Ildefonso Albano. Para Velloso, é este caboclo o verdadeiro herói

¹⁶¹ LAJOLO, Marisa. **Monteiro Lobato: a Modernidade do Contra**. São Paulo, Brasiliense, 1985 p. 41.

¹⁶² Há indicações de que parte do poema tenha sido publicado pela primeira vez no jornal político *O Grito* da cidade de [Itapira](#) (SP), criado por Menotti, onde também publicou partes do poema *Moisés*. Depois dessa primeira publicação, tornou-se um livro que já teve inúmeras edições.

¹⁶³ BRITO, Mário da Silva. **História do modernismo brasileiro, I: antecedentes da semana de arte moderna**. 6.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1997, p. 77.

¹⁶⁴ BRITO, **op. cit.**, p. 79.

¹⁶⁵ VELLOSO, Mônica Pimenta. **A brasilidade verde-amarela: nacionalismo e regionalismo paulista**. Estudos Históricos, 11, CPDOC/FGV, Rio de Janeiro, 1993. p.89-112. p. 107.

¹⁶⁶ BRITO, **op. cit.**, p. 95.

¹⁶⁷ Idem, p. 199.

nacional, que passou a corporificar a brasilidade, devido à sua coragem para enfrentar as adversidades do meio e ao seu espírito de aventura e de conquista. Ele realizou a “epopéia nos trópicos”, moldando o território nacional e garantindo a preservação do espírito da brasilidade.¹⁶⁸

Como homem do sertão, foi descrito como fazendeiro modelar, audacioso criador de gado, pescador habilíssimo e eficiente coletor de borracha. Para o grupo dos verde-amarelos, a figura do Mané vem “atualizar, reforçar e talvez popularizar a ideologia da grandiosidade do caráter nacional.”¹⁶⁹ A força, a coragem e a atitude firme são as principais características deste novo herói que é representado pelo paulista. Oposto do Jeca, o Mané é um sertanejo valente e empreendedor.

Diferente das imagens já citadas que faziam oposição ao Jeca, podemos considerar Macunaíma como a figura complementar. Escrito por Mário de Andrade, um dos principais líderes do Movimento Modernista, este personagem surgiu na obra intitulada *Macunaíma, o herói sem nenhum caráter*, publicada quatorze anos depois de “Urupês”, em 1928,¹⁷⁰ é um personagem que “movimenta-se livremente pelo espaço da brasilidade.”¹⁷¹ Através deste personagem, o autor quer chamar a atenção para alguns aspectos que considera importantes na elaboração de um projeto de cultura nacional. Para ele, era preciso não perder a visão do conjunto, ou seja, não se podia ver o Brasil como um espaço fragmentado.

Macunaíma encaixa-se na versão cômica sobre o homem rural, desenhada pelo Modernismo. Segundo Lima e Hochman, ele pode ser lido como uma crítica, na forma de sátira, à condenação do homem brasileiro por sua miscigenação e indolência. É um debate implícito com Monteiro Lobato, em torno da fábula da preguiça. A sensualidade e o aspecto lúdico figuram entre as principais qualidades realçadas na narrativa. Trata-se de uma alegoria sobre a identidade nacional, em que o mito da preguiça alcança expressão positiva e heróica.

172

¹⁶⁸ VELLOSO, op. cit., p.107.

¹⁶⁹ Idem, p.108.

¹⁷⁰ Segundo Vera Helena Rossi, no artigo: “Macunaíma chega aos 80 anos”, esta primeira edição, foi publicada por uma pequena editora (da qual o nome não é citado) de São Paulo, nas Oficinas Gráficas de Eugênio Cupolo. Ver: <<http://revistalingua.uol.com.br/textos.asp?codigo=11505>> acesso em 18/08/2010.

¹⁷¹ Idem, p.99.

¹⁷² HOCHMAN, Gilberto; LIMA, Nísia Trindade. Pouca saúde, muita saúva, os males do Brasil são...discursos médico-sanitários e interpretação do país. In.: HOCHMAN, Gilberto. **Cuidar, controlar, curar**: ensaios históricos sobre saúde e doença na América Latina e Caribe. Rio de Janeiro: Ed. Fio Cruz, 2004, pp. 493-533 e p. 513-514.

Até o discurso sanitalista defendido por Lobato foi alvo da ironia de Mário de Andrade, na expressão “Pouca saúde e muita saúde...”¹⁷³, anunciando a intensa propaganda em torno dos dois temas que mereceram um espaço privilegiado nos artigos e contos do autor: as campanhas sanitárias e o combate à praga representada pelas formigas.

Macunaíma, além de qualidades positivas, corporifica também “todas as fraquezas e vacilos do ser nacional que, dilacerado entre duas culturas, busca a sua estratégia de sobrevivência. Este herói, ou anti-herói, é o próprio Brasil: ambíguo, conflitante, em constante procura de identidade.”¹⁷⁴ Segundo Landers, Macunaíma teria todos os traços “desmistificantes” iguais aos de Jeca.

Macunaíma, herói que retoma o Jeca em suas características morais, físicas e sociais, também é impenetrável ao progresso e a sua preguiça – como a do Jeca – é ocasionada por razões inconscientes que ultrapassam as suas próprias compreensões. Ambos se encontram como que em “estado natural”, característica do homem primitivo brasileiro, não civilizado, sofrendo conseqüências de uma civilização que desconhecem e que os oprime. [...] por detrás disso tudo está o mesmo sistema sócio-econômico que ambos quiseram salientar como responsável pela trágica deformação do homem brasileiro.¹⁷⁵

Se comparados, percebemos que as enfermidades do Jeca são as mesmas de Macunaíma. Este que deveria ser o principal opositor tornou-se aliado das ideias de Lobato. Para Landers, ele é a segunda edição do Jeca Tatu dentro do Modernismo. A única diferença entre eles estaria no fato de Jeca pertencer ou permanecer limitado à zona do Paraíba e Macunaíma se estender ao Brasil ou à América Latina.¹⁷⁶ Segundo Aluizio Alves, tanto o Jeca quanto Macunaíma são exemplos de “utilização ideológica de personagem ou de “fragmento dele” contra intenção manifesta do próprio criador.”¹⁷⁷

Reproduzido e multiplicado em outras vozes, a própria figura do Jeca ganhou contornos diferentes ao longo dos anos. Primeiro, na voz de Rui Barbosa, que retomou a imagem do caipira de cócoras e a ampliou do alto de sua tribuna eleitoral, dando-lhe um olhar e uma importância inestimável. Rui Barbosa transformou o Jeca em símbolo de uma época, ao concordar com aquilo que Lobato escreveu sobre o homem brasileiro do interior.

¹⁷³ Expressão utilizada por Mário de Andrade para se referir aos males do Brasil, In.: ANDRADE, Mário. **Macunaíma, o herói sem nenhum caráter**. 25. ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1988. p.63.

¹⁷⁴ VELLOSO, **op. cit.**, p.100.

¹⁷⁵ LANDERS, Vasda Bonafini. **De Jeca a Macunaíma: Monteiro Lobato e o modernismo**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1988. p.48.

¹⁷⁶ LANDERS, **op. cit.**, p. 49-53.

¹⁷⁷ ALVES, Filho Aluizio. **As metamorfoses do Jeca Tatu: a questão da identidade do brasileiro em Monteiro Lobato**. Rio de Janeiro: Inverta, 2003. p.123.

Senhores:

Conheceis, porventura, o Jeca Tatu, dos *Urupês*, de Monteiro Lobato, o admirável escritor paulista? Tivestes, algum dia, ocasião de ver surgir, debaixo desse pincel de uma arte rara, na sua rudeza, aquele tipo de uma raça que, “entre as formadoras da nossa nacionalidade”, se perpetua, “a vegetar de cócoras, incapaz de evolução e impenetrável ao progresso”? [...]

Não tem o sentimento da pátria, nem, sequer, a noção do país. [...]

Mas, para todas as doenças, dispõe de mezinhas prodigiosas como as idéias dos nossos estadistas. [...]

Não sei bem, senhores, se, no tracejar deste quadro, teve o autor só em mente debuxar o piraquara do Paraíba e a degenerescência inata da sua raça. Mas a impressão do leitor é que, neste símbolo de preguiça e fatalismo, de sonolência e imprevisão, de esterilidade e de tristeza, de subserviência e hebetamento, o gênio do artista, refletindo alguma cousa do seu meio, nos pincelou, consciente, ou inconscientemente, a síntese da concepção, que têm, da nossa nacionalidade, os homens que a exploram.

¹⁷⁸

O Jeca reviveu depois com Miguel Pereira, que dele fez uso nas campanhas sanitaristas que liderava. E vinte e cinco anos mais tarde, em 1945, com Oswald de Andrade, no discurso de encerramento do Primeiro Congresso Brasileiro de Escritores, quando fez da figura do Jeca metáfora da nacionalidade.¹⁷⁹

O que se procurou fazer foi uma breve releitura sobre algumas imagens criadas a partir da figura de Jeca Tatu, para que possamos perceber que sua influência foi muito além do entorno lobatiano. Contudo, como este não é o nosso foco de pesquisa não nos cabe aprofundar aqui o debate a respeito de cada personagem. Diferente do que faremos a seguir, explorando umas das principais apropriações sofridas pelo Jeca: a do discurso médico-sanitarista.

2.1: Jeca Tatuzinho e o discurso sanitaria

Em 1918, não mais fazendeiro, Lobato reconstruiu a identidade do Jeca de uma maneira diferente, sobretudo depois de engajar-se na campanha sanitaria, aumentando seu renome e mudando seu pensamento em relação a sua criação. Na segunda edição de “*Urupês*”, o autor pediu perdão ao Jeca por não tê-lo visto como doente. Em *Problema Vital*, também justificou o estado do Jeca, denunciando o descaso das autoridades. O objetivo era mobilizar o país para a campanha de saneamento.

A malária, depois da ancilostomose, é a maior responsável pela degradação fisiológica do povo brasileiro. Ela o anemia, engorgita-lhe o fígado e o baço – mata-o.¹⁸⁰

¹⁷⁸ BARBOSA, Ruy. A questão Social e Política no Brasil. *Revista do Brasil*, São Paulo, v.X, p. 381-421, jan./abr. 1919.

¹⁷⁹ LAJOLO, *op. cit.*, p.41-42.

¹⁸⁰ LOBATO, Monteiro. Dez milhões de impaludados. In.: _____. *Problema vital*. São Paulo: Brasiliense, 1957. p.248.

Para sanear é forçoso, preliminarmente, convenceremos o país da sua doença; e em seguida fazer dessa idéia o programa de todos os governos, a idéia fixa de todos os particulares. [...] Saneamento é a grande questão. Não há problema nacional que se não entozze nesse. Só a alta crescente do índice da saúde coletiva trará a solução do problema econômico, do problema imigratório, do problema financeiro, do problema militar e do problema político.¹⁸¹

A nossa gente rural possui ótimas qualidades de resistência e adaptação. É boa por índole, meiga e dócil. O pobre caipira é positivamente um homem como o italiano, o português, o espanhol. Mas é um homem em estado latente. Possui dentro de si grande riqueza em forças. Mas força em estado de possibilidade. E é assim porque está amarrado pela ignorância e falta de assistência as terríveis endemias que lhe depauperam o sangue, caquetizam o corpo e atrofiam o espírito. O caipira não “é” assim. “Está” assim. Curado, recuperará o lugar a que faz jus no concerto etnológico.¹⁸²

De preguiçoso e indolente o Jeca passou a doente. Mas ele não sofria apenas com as doenças, era atingido também pela exploração praticada pelo latifúndio que, ao não ser resolvida, fazia com que o personagem não desaparecesse, mas somente ganhasse novas características.

Após a criação da Liga Pró-Saneamento do Brasil em 1918 e das inúmeras campanhas realizadas para erradicar as doenças do país, mudou-se a maneira de enxergar os males que afligiam a nação. Se antes estavam concentrados na incapacidade do povo mestiço, agora a higiene seria a salvação, afinal, todos os problemas surgiam em função das moléstias existentes. Da interpretação racial, passou-se para a sanitária, como podemos ver em um trecho de *Problema Vital*.

Mal da terra, denominou-o com muita propriedade o povo, que também o conhece por *cangoari*, *opilação*, *amarelão*. É bem o mal por excelência da terra brasílica um que assim inutiliza dois terços de seus filhos [...]

Retrato do nosso caboclo quem dá perfeito, em fidelidade fotográfica, é o médico ao desenhar o quadro clínico do ancilostomado. Tudo mais é mentira, retórica, verso. [...] O que nos campos a gente vê, deambulando pelas estradas com ar abobado, é um lamentável naufrago da fisiologia, a que chamamos homem por escassez de sinonímia. Feiíssimo, torto, amarelo, cansado, exangue, faminto, fatalista, geófago – viveiro ambulante do verme destruidor.¹⁸³

Em “Dezessete milhões de opilados”, um dos artigos que compõem *Problema Vital*, Monteiro Lobato afirma que o verdadeiro mal da terra seria o amarelão. Portanto, o Jeca era o próprio mal da terra uma vez que estava tomado pela doença, um mal tão grande que o inutilizava enquanto mão-de-obra para o país: “A inteligência do amarelado atrofia-se, e a

¹⁸¹ LOBATO, Monteiro. Primeiro passo. In.: _____. **Problema vital**. São Paulo: Brasiliense, 1957. p.272.

¹⁸² LOBATO, Monteiro. Um fato. In.: _____. **Problema vital**. São Paulo: Brasiliense, 1957. p.285.

Este artigo foi publicado originalmente com o título de: A Trapa de Tremembé, na *Revista do Brasil* em abril de 1918, n.28.

¹⁸³ LOBATO, Monteiro. Dezessete milhões de opilados. In.: _____. **Problema vital**. São Paulo: Brasiliense, 1957. p.232-234.

triste criatura vira um soturno urupê humano, incapaz de ação, incapaz de vontade, incapaz de progresso.”¹⁸⁴

Segundo Lima e Hochman, diferente do pensamento da maioria da intelectualidade, o campo e os sertões eram focalizados como lugar propício à vida saudável e harmoniosa, conforme o discurso médico da segunda metade do século XIX; já a cidade revelava-se perigosa, um espaço de doenças e vícios¹⁸⁵, pensamento este que foi adotado por Lobato, como vemos na seguinte citação de “Diagnostico”

Em todos os países do mundo as populações rurais constituem o cerne das nacionalidades. Taurinos, torrados de sol, enrijados pela vida sadia ao ar livre, os camponeses, pela sua robustez e saúde, constituem a melhor riqueza das nações. São a força, são o futuro, são a garantia biológica dos grupos étnicos. Pela capacidade de trabalho mantêm eles sempre elevado o nível da produção econômica; pela saúde física, mantêm em alta o índice biológico da raça, pois é com o sangue e o músculo forte do camponês que os centros urbanos retemperam a sua vitalidade. O urbanismo é um mal nocivo a espécie humana. Os vícios, o artificialismo, o afastamento da vida natural, o ar impuro, a moradia anti-higienica, se conjugam para romper o equilíbrio orgânico do homem citadino, rebaixando-lhe o tônus vital.¹⁸⁶

Na análise de Tania Regina de Luca, o texto que alcançou maior importância durante a Campanha de Saneamento foi o de Jeca Tatuzinho, difundido nas páginas do Almanaque Fontoura.¹⁸⁷ Escrito em 1924, *Jeca Tatuzinho* é uma pequena história que conta de maneira didática a cura das doenças do Jeca através dos medicamentos. Curado, transformou-se em homem próspero e trabalhador. Este ideal foi espalhado como propaganda do Biotônico Fontoura. Havia a certeza de que, tendo sua saúde física recuperada, a população rural estaria apta para o trabalho agrícola contribuindo, assim, para o progresso econômico do país. Na história de Jeca Tatuzinho, havia todo um discurso sobre o ideal de uma vida sã, produtiva e útil à nação.

Jeca Tatuzinho tornou-se um bem-sucedido fazendeiro que passou a competir com seu vizinho italiano. Nessa narrativa podemos perceber alguns elementos importantes, como a comparação da produtividade do trabalhador nacional sadio com a do imigrante italiano; a defesa enfática da modernização da agricultura como alternativa para o país; o fazendeiro norte-americano como modelo e a atribuição de uma responsabilidade social ao novo empresário rural; além da superação da mentalidade tradicional do caboclo que não se interessava em trabalhar mais do que o necessário para sobreviver.

¹⁸⁴ LOBATO, *op. cit.*, p.233.

¹⁸⁵ HOCHMAN, Gilberto; LIMA, Nísia Trindade. Condenado pela raça, absolvido pela medicina: o Brasil descoberto pelo movimento sanitário da Primeira República. In.: MAIO, Marcos Chor; SANTOS, Ricardo Ventura. **Raça, ciência e sociedade**. Rio de Janeiro: FIOCRUZ/CCBB, 1996. p.28.

¹⁸⁶ LOBATO, Monteiro. Diagnostico. In.: _____. **Problema vital**. São Paulo: Brasiliense, 1957. p.255.

¹⁸⁷ Ver: DE LUCA, *op. cit.*, p.214-219.

E Jeca já não plantava rocinhas como antigamente. Só queria saber de roças grandes, cada vez maiores, que fizessem inveja no bairro. [...]
 Só pensava em melhoramentos, progressos, coisas americanas. Aprendeu logo a ler, encheu a casa de livros e por fim tomou um professor de inglês. [...]
 A fazenda do Jeca tornou-se famosa no país inteiro. Tudo ali era por meio do radio e da eletricidade. [...]
 Ficou rico e estimado, como era natural; mas não parou aí. Resolveu ensinar o caminho da saúde aos caipiras das redondezas.¹⁸⁸

Monteiro Lobato, após entrar em contato com as propostas dos intelectuais que encabeçavam a campanha em prol do saneamento no Brasil (de 1916 a 1920), passou a defender que Jeca Tatu, um simples caboclo, poderia se tornar agente de mudança social e modernização. No mesmo ano que Belisário Penna publicou *Saneamento do Brasil*, Monteiro Lobato lançou *Problema Vital* (1918). Este reunia uma série de artigos que haviam sido divulgados no jornal *O Estado de São Paulo* sobre saneamento, foi editado pela Liga Pró-Saneamento e pela Sociedade de Eugenia de São Paulo, como instrumento de campanha.

Conforme De Luca, os defensores da campanha a favor do saneamento logo no início estabeleceram a vinculação entre o estado doentio dos habitantes do sertão e os interesses econômicos e sociais da nação, como podemos observar nos trechos a seguir:

Deste desaparecimento progressivo da população deflue nosso craque econômico. As lavouras organizadas, como a do café, entangem-se no desespero da falta de braços, mas se interrompe a corrente da imigração européia. Braços! Braços! Há fome de braços. Um país de 25 milhões de habitantes não consegue fornecer braços para a lavoura do café [...]. Entretanto, a solução definitiva do problema eterno da lavoura quem a dará é a higiene.¹⁸⁹

Querei remendar um país assim? Restaurar-lhes as finanças? Dar-lhe independência econômica? Implantar a justiça? Intensificar a produção? Criar o civismo? Restabelecer a vida moral? Restaurai a saúde do povo. Curai-o, e todos os bens virão ao seu tempo pela natural reação do organismo vitalizado.¹⁹⁰

O *déficit* financeiro é reflexo do *déficit* econômico. O *déficit* econômico é reflexo do *déficit* da saúde. Sem restaurar a saúde do povo não há solução possível para os efeitos mediatos e imediatos da doença. A população rural, esteio que é da riqueza pública, força primária da indústria extrativa, fonte de onde tudo promana, quanto mais doente se torna menos eficiente na produção de riqueza é. [...] Cura-la é salvar o país. [...] O problema da riqueza pública, pois, liga-se ao da saúde do povo.¹⁹¹

¹⁸⁸ LOBATO, Monteiro. Jeca Tatu: a ressurreição. In.: _____. **Problema vital**. São Paulo: Brasiliense, 1957. p.336-339.

¹⁸⁹ LOBATO, Monteiro. Três milhões de idiotas. In.: _____. **Problema vital**. São Paulo: Brasiliense, 1957. p.242-243. Este artigo foi publicado inicialmente com o título de: Três milhões de idiotas e papudos.

¹⁹⁰ LOBATO, Monteiro. Reflexos morais. In.: _____. **Problema vital**. São Paulo: Brasiliense, 1957. p.264.

¹⁹¹ LOBATO, Monteiro. Déficit econômico, função do déficit da saúde. In.: _____. **Problema vital**. São Paulo: Brasiliense, 1957. p.276-277.

As concepções anunciadas pelos adeptos ao discurso higienizador resumiam-se na erradicação das doenças infecto-contagiosas e das endemias, com a finalidade de permitir a fundação de um sistema de trabalho eficiente, produtivo, dentro dos parâmetros exigidos pela economia de mercado, além de reabilitar e valorizar o brasileiro, ou melhor, discipliná-lo, adestrá-lo, moralizá-lo para transformá-lo em um agente capaz de materializar as inúmeras potencialidades da terra.¹⁹²

Mas por trás da ideia de saneamento, havia todo um ideal de modernização da agroindústria do país, como se pode perceber na transformação sofrida pelo Jeca Tatuzinho, empresário capitalista de tipo americano (ou norte-americano).¹⁹³ Segundo Lajolo, a união de vermífugos e fortificantes somado à figura do Jeca, de Lobato e de Candido Fontoura, partilhou de uma outra associação que não apenas a literária. Ambos eram pioneiros da indústria brasileira. O primeiro, de livros e o segundo, de remédios.¹⁹⁴ Um negócio conveniente para todos, uma vez que Monteiro Lobato foi um militante publicista da campanha pelo saneamento rural.

Para Landers, a campanha pelo saneamento também tinha a função de promover o progresso do país. Em Jeca Tatuzinho, “A ideia básica era a de introduzir a noção de prosperidade através da reabilitação da saúde.”¹⁹⁵ Além disso, temos atrelado a esta retórica o problema da identidade nacional.

O debate acerca da cultura e da identidade nacional é antigo e podemos dizer que nos remete à formação do Brasil enquanto nação durante o século XIX, principalmente após a vinda da Corte Portuguesa e da Independência. Este fato intensificou a busca por meios de “tornar” o Brasil uma civilização. Neste contexto, as letras ganharam destaque. Iniciou-se então, uma verdadeira cruzada entre literatos e historiadores na procura pelo que haveria de ser o Brasil. Nesse sentido, os dois campos produziram interpretações “fundadoras e fundantes sobre o Brasil”.¹⁹⁶

Tarcísio Botelho¹⁹⁷ afirma que no Brasil, desde o século XVIII, o significado do termo nação passou por inúmeras transformações, assim como os estudos em relação à construção

¹⁹² DE LUCA, Tania Regina. **A Revista do Brasil: um diagnóstico para a (N) ação.** São Paulo: UNESP, 1999. p.216.

¹⁹³ HOCHMAN, Gilberto. **A era do saneamento: as bases da política de saúde pública no Brasil.** São Paulo, Hucitec/Anpocs, 1998. p.73.

¹⁹⁴ LAJOLO, **op. cit.**, p.45.

¹⁹⁵ LANDERS, **op. cit.**, p. 183 – 188.

¹⁹⁶ Ver: Censos e construção nacional no Brasil Imperial, Tempo Social, 2005.

¹⁹⁷ Idem.

desta. Mas é a partir de 1870, principalmente após o advento da República¹⁹⁸, que o processo de construção da Nação voltou com força entre os historiadores, cientistas sociais e literatos. No final do século XIX, o termo nação aproximava-se do conceito de estado, articulando-se com o de cidadania e se relacionando com os de povo e cultura.

Segundo Glória Maria Fialho Pondé, a preocupação em tornar o Brasil uma nação se fez fortemente presente com a eclosão da Primeira Guerra Mundial, mas já estava em meio a intelectualidade brasileira, como vimos, havia muito tempo.¹⁹⁹ Conforme André Campos, a busca por essa nacionalidade, passava pela discussão cultural.²⁰⁰

O conflito de 1914 despertou os intelectuais para os problemas nacionais, pois vários fatos de ordem político-social vieram à tona. A literatura brasileira, que seguia quase que exclusivamente a influência estrangeira, passou a seguir o regionalismo. O engajamento dos intelectuais e o seu despertar podem ser vistos nas campanhas organizadas no período: Liga de Defesa Nacional, serviço militar obrigatório e de saneamento.

Para Ortiz, a problemática da cultura brasileira é e sempre foi questão política. Sendo, pois, a identidade uma construção simbólica, os intelectuais do início do século XX tentaram concretizar esta ideia ao criar os seus inúmeros personagens, atribuindo a eles diversos símbolos que representassem a cultura nacional ou o homem brasileiro no intuito de formar a identidade do país.²⁰¹ Para Oliveira, “O nacionalismo procura ser uma elaboração racional da identidade coletiva.”²⁰² Por isso, a preocupação em encontrar um ser ou um personagem que representasse a identidade brasileira.

Conforme Tadeu Chiarelli, Lobato iniciou seu interesse mais efetivo pela realidade, a literatura e a arte brasileiras a partir de sua aproximação com o momento nacionalista vivido, sobretudo pelo grupo de intelectuais do jornal *O Estado S. Paulo*. Antes disso, o escritor possuía uma visão extremamente preconceituosa do país, oriunda de sua formação intelectual, pautada na leitura de autores europeus já citados.²⁰³ Além disso, sua origem social, “neto de visconde”, justificava esse olhar de cima para a sociedade brasileira e seus membros.

¹⁹⁸ Pois no Brasil, a consolidação do Estado Imperial antecedeu a formação da nacionalidade, uma vez que a transferência da Corte para a Colônia acelerou este processo.

¹⁹⁹ PONDÉ, Glória Maria Fialho. A herança de Lobato. In.: ZILBERMAN, Regina (org.). **Atualidade de Monteiro Lobato**: uma revisão crítica. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1983. p.111.

²⁰⁰ CAMPOS, André Luiz Vieira de. **A República do pica-pau amarelo**: uma leitura de Monteiro Lobato. São Paulo: Martins Fontes, 1986. p.23.

²⁰¹ ORTIZ, Renato. **Cultura brasileira e identidade nacional**. 4.ed. São Paulo: Brasiliense, 1985. p.8.

²⁰² OLIVEIRA, Lúcia Lippi. **A questão nacional na Primeira República**. São Paulo: Brasiliense, 1990. p.13.

²⁰³ CHIARELLI, Tadeu. **Um jeca nos vernissages**: Monteiro Lobato e o desejo de uma arte nacional no Brasil. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1995. p.121.

Para este autor, até o início dos anos 20, o nacionalismo de Lobato estava baseado em três concepções: primeiro, num intenso sentimento de inadequação à sociedade brasileira culta da época; segundo, na percepção de que o brasileiro das cidades era descaracterizado, inautêntico e arrivista, e, terceiro, na consciência de que, pelo menos na área rural, o brasileiro era mais característico, pois, vivendo quase como um animal, estaria mais próximo da natureza. Partindo dessas posturas o escritor produziu um discurso que se tornou a denúncia dessa situação e está presente em “Uma Velha Praga” e “Urupês”.²⁰⁴

Temos um pouco desse pensamento exposto no artigo “Diagnostico” e ao mesmo tempo percebemos uma contradição de Lobato, que qualifica e logo desqualifica o sujeito do campo:

O urbanismo é um mal nocivo a espécie humana. Os vícios, o artificialismo, o afastamento da vida natural, o ar impuro, a moradia anti-higienica, se conjugam para romper o equilíbrio orgânico do homem citadino, rebaixando-lhe o tônus vital. mas o campo intervem e restaura-se o equilíbrio. A infiltração permanente de sangue e carne de boa tempera, vinda dos campos, contrabalança o desmedramento das cidades. É possível entre nós pedir a roça o sangue revitalizador? Não. O elemento rural é peor que o urbano. As nossas cidades se vêm forçadas a *importar sangue de fora*, se querem escapar ao marasmo duma senectude extemporânea.²⁰⁵

Contudo, para ter popularidade e circular entre os periódicos de maior renome do período era preciso ajustar esse pessimismo com relação ao país. Segundo Chiarelli, não se identificando com o nacionalismo “partidário” corrente, Lobato optou por um discurso de forte apelo regenerador. Através dos textos, tentou superar o impasse em que ele mesmo havia se colocado ao viver como um exilado no país e fazer com que o brasileiro das cidades voltasse seus interesses para o interior. A causa da aversão pelo homem urbano era por ter espelhado nele características que também via em sua formação e em seu comportamento. Regenerar o outro significava regenerar a si próprio.²⁰⁶

O nacionalismo tornou-se, então, o sistema de valor da crítica lobatiana. Sua preocupação com o resgate dos valores de uma suposta cultura genuinamente brasileira, que era a preocupação de todo um segmento influente da intelectualidade paulista, se fez mais perceptível após a adesão à campanha de saneamento.²⁰⁷

Para Landers, o nacionalismo de Monteiro Lobato caracterizava-se por três facetas: a social, a estética literária ou artística e a política. Dentro destas, distinguem-se fases com obras marcadamente representativas de cada uma. Na social encontram-se *Urupês* (1914) e

²⁰⁴ CHIARELLI, *op. cit.*, p. 124.

²⁰⁵ LOBATO, Monteiro. Diagnostico. In.: _____. *Problema vital*. São Paulo: Brasiliense, 1957. p.255.

²⁰⁶ CHIARELLI, *op. cit.*, p. 125-126.

²⁰⁷ Idem, p.250.

Problema Vital (1918) que retratam a campanha do saneamento em prol do progresso do Brasil e da “redenção” do Jeca brasileiro. Na artística temos principalmente *Idéias de Jeca Tatu* (1919), que é uma compilação de artigos publicados na imprensa paulista da época. Esses textos defendem uma identidade brasileira e abordam temas diversos que vão das artes plásticas à literatura, da estética à mitologia.

E a política está dividida em três momentos: o primeiro até 1926 ou às vésperas da viagem para os Estados Unidos, *Mr. Slang e o Brasil* seria a obra mais representativa por sua oposição ao governo de Artur Bernardes. O segundo, de 1927 a 1931, que corresponde aos anos em que passou nos Estados Unidos observando o progresso industrial americano, o qual sonhava em ter no Brasil. *América* é o livro que caracteriza esta ocasião. E o terceiro, de 1931 aos anos 40, período de sua campanha pela indústria siderúrgica e nacionalização do petróleo. *Ferro* (1931) e *O Escândalo do petróleo* (1936) são as obras que marcaram esta etapa.²⁰⁸

Dante Leite também reconhece etapas no pensamento de Lobato, ou melhor, perspectivas diferentes com relação ao caráter nacional, ou ao que o forma. Num primeiro momento foi um crítico impiedoso do caipira, que viu como o responsável pela situação da agricultura brasileira. Mais tarde, ao conhecer os problemas de saúde deste sujeito, principalmente a verminose, desculpa-se e lamenta o abandono desta população por parte das autoridades.²⁰⁹

Conforme o mesmo autor, existem algumas fases das ideologias do caráter nacional brasileiro. A fase colonial, que vai de 1500 a 1822, é quando ocorre a “descoberta” da terra e o movimento nativista; o Romantismo, de 1822 a 1880, ocasião da independência política e da formação de uma imagem positiva do Brasil e dos brasileiros; no período de 1880 a 1950, há o predomínio das ciências sociais e da imagem pessimista do brasileiro; e na década de 1950, há o desenvolvimento econômico e a superação da ideologia do caráter nacional brasileiro.²¹⁰

Para o autor, a literatura do século XIX apresenta-se dividida em literatura regionalista e literatura urbana, ocorrendo, em alguns períodos, a superioridade da cidade e, em outros, da região rural. A literatura urbana apresentava o homem contemporâneo, “civilizado”; a literatura regionalista apresentava o homem “primitivo”, histórica e socialmente deslocado com relação à cidade. O regionalismo seria um movimento contrário ao nacionalismo, pois tenderia a salientar diferenças, e não semelhanças, entre os brasileiros das várias regiões.²¹¹

²⁰⁸ LANDERS, *op. cit.*, p.182-183.

²⁰⁹ LEITE, Dante Moreira. **O caráter nacional brasileiro**: historia de uma ideologia. 6.ed. São Paulo: UNESP, 2002. p.413.

²¹⁰ LEITE, *op. cit.*, p.192-193.

²¹¹ Idem, p.266.

Monteiro Lobato liga o culto do caipira ao indianismo de Alencar e sugere que, quando o índio da fantasia romântica já não podia ser aceito, foi substituído pelo caboclo, transformado no “Ai Jesus nacional”. Para destruir essa fantasia, Lobato mostra o caipira indiferente aos grandes acontecimentos nacionais, incapaz de trabalho organizado, incapaz de montar e manter uma habilitação decente, incapaz de sentimento de pátria, mas cheio de credices e de uma religião inteiramente deformada, repleta de fatalismo.²¹²

Segundo De Luca, durante a primeira fase da *Revista do Brasil* (1916-25), “pensar a nação ainda significava, antes de tudo, enfrentar a tortuosa questão do estatuto étnico dos habitantes, assunto que figurava na agenda da nossa intelectualidade pelo menos desde a Independência.”²¹³ Foi a partir da década de 1910 que o paradigma racial passou por algumas mudanças que foram discutidas nas páginas da *Revista*.

São inúmeros os artigos escritos por diversos autores discutindo a questão da miscigenação, da influência da raça no avanço do país, da eugenia, da influência do clima na vida do povo e a descrição dos problemas do país de uma maneira geral. Como exemplos temos: *A mestiçagem das raças na América*, de Lucas Ayarragaray; *Os dois Brasís*, de Vivaldo Coaracy; *A nossa evolução*, de Carlos de Lemos; *O êxodo*, de Alceu Amoroso Lima; *A primeira religião dos Brasís e Brancos de toda cor*, de João Ribeiro; *O valor pragmático do estudo do passado* e *As pequenas comunidades mineiras*, de Oliveira Vianna; *Terra de Santa Cruz*, de Medeiros e Albuquerque.²¹⁴

Essa intelectualidade era seguidora das teorias construídas a partir das categorias de raça e meio. Não havia uma afirmação definitiva sobre a nação. “O material presente na *Revista do Brasil* adverte contra as tentativas simplificadoras que insistem ora num pessimismo absoluto, ora numa confiança exagerada quanto ao futuro. De fato, a elite intelectual oscilava entre esses dois pólos.”²¹⁵

As temáticas raça e herança colonial tiveram grande influência e importância nas polêmicas intelectuais e científicas que se fizeram presentes no último quarto do século XIX e nas três primeiras décadas do século XX. A mudança no destaque do que seriam os males do Brasil²¹⁶ revela a constância do tema das bases sobre as quais se poderiam construir uma nação.

²¹² Idem, p. 279-280.

²¹³ DE LUCA, **op. cit.**, p.132.

²¹⁴ Os artigos citados encontram-se respectivamente nas seguintes edições da *Revista do Brasil*: v.1, n.3, p.349, mar.1916; v.19, n.76, p.307-9, abr.1922; v.16, n.64, p.39, abr. 1921; v.6, n.21, p.38, set. 1917; v.22, n.86, p.180, fev.1923; v.24, n.96, p.378, dez.1923; v.27, n.108, p.295, dez.1924; v.8, n.31, p.224-5, jul.1918; v.8, n.30, p.129, jun.1918.

²¹⁵ DE LUCA, **op. cit.**, p.175.

²¹⁶ Herança colonial, composição étnica da população, ausência de poder público nas áreas de educação e saúde.

Avassaladora e consoladora, porque o nosso dilema é este: ou doença ou incapacidade racial. É preferível optarmos pela doença. [...] Respiramos hoje com mais desafogo. O laboratório dá-nos o argumento por que ansiávamos. Firmados nele contraporemos a condenação sociológica de Lê Bom a voz mais alta da biologia.²¹⁷

Não é a raça – a raça dos bandeirantes é a mesma de Jeca Tatu. É um longo e ininterrupto estado de doença transmitido de pais e filhos e agravado dia a dia.²¹⁸

Só agora se faz o diagnostico seguro da doença, e surge uma orientação científica para solução do problema da nossa nacionalidade, ameaçada de desbarato pelo acúmulo excessivo de males curáveis, evitáveis, e jamais curados ou evitados – porque sempre ignorados, quando não criminosamente negados.²¹⁹

Contudo, as diversas formas de ver as moléstias do país aparecem dentro de um ajuste dualista composto por pares inseparáveis, tais como litoral-sertão, saúde-doença e moderno-atrasado.²²⁰

Segundo Skidmore, no decorrer do século XIX, surgiram três escolas principais de teoria racista. A primeira foi a escola etnológico-biológica, que sistematizou sua formulação filosófica nos Estados Unidos, nas décadas de 1840 e 1850 e pretendia sustentar a criação das raças humanas através das mutações diferentes das espécies. A base do seu argumento era que a desejada inferioridade das raças (índia e negra) podia ser relacionada com suas diferenças físicas em relação aos brancos. Além disso, as diferentes espécies podiam ser conferidas às diferentes regiões climáticas em que habitavam. Louis Agassiz foi o mais famoso divulgador científico desta teoria na América.²²¹

A segunda escola de pensamento racista teria emergido nos Estados Unidos e na Europa. Era a escola histórica, que acreditava que a raça era o fator determinante da história humana. Gobineau foi um dos mais ilustres adeptos. A terceira era a do darwinismo social. Darwin defendia um processo evolutivo que começaria de uma única espécie. Segundo o autor, as três escolas tiveram grande influência sobre o pensamento racial no Brasil, mas a preferência dos brasileiros pela cultura francesa levou-os diretamente a escritores racistas populares como Gustav Le Bon e Victor de Lapouge.

²¹⁷ LOBATO, Monteiro. Início de ação. In.: _____. **Problema vital**. São Paulo: Brasiliense, 1957. p.297-298.

²¹⁸ LOBATO, Monteiro. Iguape. In.: _____. **Problema vital**. São Paulo: Brasiliense, 1957. p.306.

²¹⁹ LOBATO, Monteiro. As grandes possibilidades dos países quentes ou as novas possibilidades das zonas quentes. In.: _____. **Problema vital**. São Paulo: Brasiliense, 1957. p.327-328.

Este artigo foi publicado originalmente na *Revista do Brasil* em maio de 1918, n.29, com o título de: As novas possibilidades das zonas quentes.

²²⁰ HOCHMAN; LIMA, **op. cit.**, p.496-497.

²²¹ SKIDMORE, Thomas E. **Preto no branco**: raça e nacionalidade no pensamento brasileiro. Trad. Raul de Sá Barbosa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989. p.65.

Não havia entre os intelectuais um consenso a respeito da questão racial, contudo, ideias de inferioridade racial faziam parte do conjunto explicativo do país. Conforme Schwarcz, esta problemática surgiu no Brasil no fim do século XIX. “O problema racial é assim introduzido enquanto uma linguagem pela qual se torna possível apreender as particularidades empiricamente observadas.” Uma vez que a população era, em sua grande maioria, negra e mestiça, nesse período, os discursos raciais se atrelavam a projetos nacionalistas. Para a autora, “entender a nação segundo um crivo racial permitia certa neutralização das diferenças, já que se passava a explicar hierarquias sociais arraigadas em função de determinações de cunho biológico e natural.”²²²

Essas teorias raciais (positivismo, evolucionismo e darwinismo), que haviam feito sucesso na Europa em meados dos oitocentos, chegaram ao Brasil após 1870, tendo grande influência até 1930. Ou seja, chegaram com certa defasagem temporal aos intelectuais brasileiros. Quando estes começam a escrever, na Europa a postura e as teorias já caminhavam em outra direção. Entretanto, foram importantes para justificar as condições de uma República que se implantava como nova forma de organização político-econômica, além de possibilitar o conhecimento nacional e, assim, projetar para o futuro a construção de um Estado brasileiro.

O período de predomínio dessas teorias abrange o início e auge da abolição da escravidão e os anos de eclosão da Primeira Guerra Mundial que trouxeram a questão nacionalista com mais força para a intelectualidade brasileira. Monteiro Lobato cresceu em meio a estas ideias e a publicação de seus artigos que falam sobre o Jeca abarcam esta época de certa turbulência.

Sendo assim, essas teorias cumpriram papéis diferentes no cenário nacional. Segundo Schwarcz, como discurso leigo se opuseram à Igreja e ao controle religioso e validaram “as falas dos grupos urbanos ascendentes, responsáveis pelos novos projetos políticos que viam nessas ideias sinais de modernidade e índices de progresso.”²²³ Estas teorias também procuravam estabelecer as leis que presidiriam o progresso das civilizações. Por isso, os intelectuais do final do século XIX e início do XX sentiam a necessidade de explicar o atraso brasileiro, e a primeira explicação recaiu sobre o meio e a raça e, mais tarde, foi transferida para a doença.

²²² SCHWARCZ, M. K. L. Nomeando as diferenças: a construção da idéia de raça no Brasil: In.: Boas, Glucia Villas; GONÇALVES, Marco Antonio. **O Brasil na virada do século: o debate dos cientistas sociais**. Rio de Janeiro : Relume-Dumara, 1995 . p.179.

²²³ SCHWARCZ, **op. cit.**, p.187.

Foi nos finais do século XIX que os ditos homens da ciência tomaram para si a tarefa de acolher as doutrinas positiva e determinista, utilizando-as para propor novos rumos para a nação. Procurou-se tirar o que convinha de cada teoria de acordo com o que o contexto nacional apresentava. “Do darwinismo social adotou-se o suposto da diferença entre as raças e sua natural hierarquia, sem que se problematisassem as implicações negativas da miscigenação.”²²⁴ Já do evolucionismo social, apropriou-se a noção de que as raças humanas permaneciam em constante evolução, sendo possível, assim, explicar cientificamente as diferenças, classificar as espécies e localizar os pontos de atraso da sociedade de uma maneira geral.

Segundo De Luca, a intelectualidade que fazia parte da *Revista do Brasil* foi gerada e nutrida nas teorias deterministas, fossem elas de cunho racial, climático ou cultural, que constantemente terminavam por reafirmar a impenetrabilidade de uma nação tropical e mestiça à civilização.²²⁵ Autores como Gobineau, Renan, Taine, Lapouge, Le Bon, eram fontes de referência e inspiração, sendo muito citados e elogiados por seus seguidores. Este último ganhou destaque e espaço no periódico. Na seção *Bibliografia*, encontram-se resenhas de suas obras e na *Resenha do Mês*, estão transcritos artigos publicados na imprensa francesa.

A intelectualidade brasileira não apenas absorveu ou repetiu as teorias europeias, mas apropriou, interpretou e reelaborou alguns princípios que não nos eram favoráveis, abrindo caminho para algumas abordagens que contribuiriam para amenizar a força do paradigma racial, como o sanitarismo. Na *Revista do Brasil* os textos que falavam sobre o estoque étnico da nação, de uma maneira geral, eram confiantes, pela certeza de que a superioridade do branco triunfaria.²²⁶ Contudo, o pensamento mais radical e negativo com relação à miscigenação e à população brasileira, presente em Silvio Romero, Euclides da Cunha e Nina Rodrigues, pouco circulou nas páginas do periódico.²²⁷

Conforme Lima e Hochman, os textos dos higienistas que compunham o movimento pelo saneamento do Brasil, nas três primeiras décadas do século XX, informaram representações mais abertas sobre a sociedade. Além do contexto geral do movimento ter tido um papel central e prolongado na reconstrução da identidade nacional, a partir da

²²⁴ SCHWARCZ, Lilia Mortiz. **O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil: 1870-1930**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. p.18.

²²⁵ DE LUCA, **op. cit.**, p.156.

²²⁶ Idem, p. 157 - 175.

²²⁷ Este pensamento consistia em banir o negro do cenário nacional.

identificação da doença como elemento peculiar na condição de ser brasileiro, ampliou-se o debate acerca das interpretações, dos dilemas e dos rumos da sociedade brasileira.²²⁸

De uma maneira geral, essa perspectiva médico-higienista da sociedade se transformou numa questão cultural e política, partilhada por diversos intelectuais e por outros grupos sociais. Uma vez que a ciência do início do século XX e mais tarde a ciência institucionalizada a partir dos anos 30, são consideradas locuções no processo de construção nacional, ela buscava identificar os sintomas de nossa cultura, comparando-a com o civilizado. Constituiu-se assim, em um instrumento do projeto modernizador que garantia a sintonia com o progresso.²²⁹ Portanto, o Brasil foi pensado por intercessão de suas ausências, contrastes e lacunas, e o sujeito nacional, qualificado como atrasado, indolente, doente e resistente aos projetos de mudança.

No Brasil, a intensificação do debate sobre saúde e saneamento aconteceu no mesmo momento que o surgimento de inúmeros movimentos de caráter nacionalista, especificamente na década de 1910, o que corresponde ao momento da Primeira Guerra Mundial e do pós-guerra, que provocaram uma intensa atuação de movimentos nacionalistas, que almejavam descobrir, afirmar e reclamar os princípios de nacionalidade, realizando-o por intermédio do Estado.

Movimentos como a Liga de Defesa Nacional e a Liga Nacionalista enxergavam diversos caminhos para a recuperação ou fundação da nacionalidade. Entre eles estavam a saúde, educação, civismo, serviço militar obrigatório e valores nacionais. Já a Liga Pró-Saneamento do Brasil, fundada em 11/02/1918 e liderada pelo médico Belisário Penna, desejava alertar as elites políticas e intelectuais para a precariedade das condições sanitárias, além de obter apoio para uma ação pública efetiva de saneamento do interior do país.

A realidade propagada pelo relatório de Neiva e Penna desmentia a fala romântico-ufanista sobre o caboclo e o sertanejo. Os adeptos da campanha de saneamento tinham como objeto central de sua crítica as duas representações sobre o Brasil que eram correntes no período. A ufanista, que apresentava um retrato otimista e de exaltação do país, podia ser vista na literatura romântica e que ganhou as formas de indianista, sertanista e regionalista; e a representação fatalista, inspirada nas teses de inferioridade racial.

Essa segunda recrimina inclusive a primeira versão de Jeca Tatu, uma vez que se caracteriza pela representação negativa do povo, principalmente da população do interior. Contudo, a imagem retratada pelos sanitaristas assemelha-se ao Jeca, o que muda é a

²²⁸ HOCHMAN; LIMA, *op. cit.*, p.495.

²²⁹ *Idem*, p.495.

atribuição de responsabilidade pela apatia e pelo atraso, que seriam a doença e o abandono.²³⁰ Criticavam, assim, as teses do determinismo racial e qualificavam como científica sua proposta de salvação do país, além de divulgar uma nova explicação para as origens dos “males do Brasil”. Essa convicção era reforçada pelo conhecimento que adquiriam através de suas viagens científicas.

Lima e Hochman assinalam três formas básicas pelas quais a imagem do homem do interior foi apresentada na literatura brasileira. Estas equivalem a três tendências estéticas da mesma (literatura): a romântica, onde os elementos como autenticidade, força e proximidade com a natureza, além da adaptação ao meio e a virilidade, são enaltecidos e valorizados; a (neo) naturalista; e a modernista, nas quais o tema da preguiça aparece como elemento distintivo, variando o diagnóstico e as causas.²³¹

Com relação às descrições acerca do modo de vida do habitante rural, as referências mais comuns usadas pelos autores de relatos de viagens, médicos e intelectuais, no fim do século XIX e início do XX, diziam respeito ao isolamento, ignorância, ociosidade e doença. Quanto à posse da terra e às condições de vida e trabalho entre, por exemplo, sertanejos do Nordeste, caucheiros do Norte e caipiras do Vale do Paraíba, as semelhanças evidenciam-se nas descrições dos hábitos, da moradia e das crenças religiosas. Encontram-se também as mesmas técnicas produtivas, as mesmas formas de cooperação e auxílio mútuo, os mesmos laços de solidariedade e, principalmente, as mesmas condições precárias de existência e saúde.²³²

Nesse aspecto, a fim de descrever o modo de vida e a precariedade da saúde do homem do campo, os médicos que adentraram o meio rural brasileiro não poderiam desviar seu olhar das questões relativas à cultura, sociabilidade, vestimentas, enfim, o modo de vida do homem rural. Para o grupo de médicos que manteve contato com essas populações, não bastava apenas conhecer e compreender o surgimento de endemias e de como tratá-las; não era o suficiente contornar o precário sistema de saneamento e a ausência de hospitais e postos de saúde. Importava, também, revelar à classe dirigente o modo de vida do habitante rural que tanto destoava da cidade.²³³

Evidentemente não era a primeira vez que narradores das grandes cidades relatavam as condições de vida do homem do campo. Em *Os Sertões*, Euclides da Cunha retratou as

²³⁰ HOCHMAN; LIMA, *op. cit.*, 1996. p.27-30.

²³¹ HOCHMAN; LIMA, *op. cit.*, p.509.

²³² *Idem*, p. 509.

²³³ Ver: HOCHMAN; LIMA, 2004.

famosas experiências de vida do sertanejo brasileiro decorrentes da Guerra de Canudos²³⁴. Em 1912, foi a vez do Instituto Oswaldo Cruz realizar expedições comandadas pelos médicos Artur Neiva e Belisário Penna nos Estados do Nordeste e Goiás, denunciando as péssimas condições de vida no interior do país. Assim, a realidade do campo foi apresentada pelo discurso médico e exposta aos representantes do governo através de seus relatórios e cadernos de viagens. Descreveram os habitantes do sertão como imprestáveis para si mesmos e, sobretudo, para a sociedade brasileira, isolados das grandes cidades e abandonados pelo poder público.

Lobato não ficou para trás em suas descrições a respeito do modo de vida desse sujeito que habitava o interior, em “Três milhões de idiotas”, outro artigo que compõe o livro *Problema Vital*, o escritor relata:

O nosso tipo de habitação rural não varia de norte a sul. Paredes de pau a pique ripadas de taquara, barreadas a mão e colmadas de sapé, palmas ou cascas de arvore. O barro ao secar contrai-se e lagarteia-se de inumeráveis rachaduras – couto propicio a ninhação de insetos domiciliarios. [...] Em regiões de bom clima, terra fértil e boas águas, a expedição Neiva-Belisário acampou em cidadesinhas onde não foi possível obter uma informação segura relativa ao itinerário, porque não existia *um só individuo que não fosse mais ou menos idiota!* [...] Três milhões de quantidades negativas, incapazes de produzir, roendo, famintas, as sobras da produção alheia – e o que é peor, condenadas ao mau fado de viveiros do parasito letal para que bem assegurada fique a futura e permanente contaminação dos sadios...²³⁵

Os debates realizados no meio científico, legislativo e intelectual sobre as reformas sanitárias e a higienização do caboclo brasileiro acompanhavam regularmente a questão da identidade e da organização nacional. Após a Primeira Guerra Mundial, a produção literária e sociológica brasileira tornou-se notavelmente nacionalista, na medida em que as esperanças de salvação do Brasil recaíam na tarefa de construção da identidade nacional. Conforme Luiz Antonio de Castro Santos, havia duas correntes de pensamento nacionalista. Uma sonhava com um Brasil moderno e atraía intelectuais que viam no crescimento e progresso das cidades brasileiras os sinais da conquista da civilização. A outra corrente preocupava-se em recuperar no interior do país as raízes da nacionalidade, além de buscar integrar o sertanejo ao projeto de construção nacional.

O primeiro grupo, com sua preocupação nacionalista, estabelecia a superação do atraso e a modernização do país. Contudo, um Brasil moderno significava um Brasil europeizado.

²³⁴ Conforme Lima e Hochman, a obra *Os Sertões* é vista como um marco decisivo de referência para os intelectuais da campanha do saneamento, que ao tema do isolamento do sertanejo, sugerido por Euclides da Cunha, associam o termo abandono – responsabilizando enfaticamente as elites intelectuais e políticas por essa situação. (1996, p.29)

²³⁵ LOBATO, Monteiro. Três milhões de idiotas. In.: _____. **Problema vital**. São Paulo: Brasiliense, 1957. p.239-242.

Por isso, em sua maioria, eram favoráveis à imigração. Já o segundo, apostava no resgate do sertão e do sertanejo, e recusava o determinismo racial e climático como explicação do Brasil e dos brasileiros e encabeçaram, assim, a campanha sanitarista. Lobato não pode ser situado somente neste segundo grupo, uma vez que sua proposta de construção nacional ia além do campo, empenhando-se também na luta pela industrialização do país.²³⁶

Gilberto Hochman define as últimas décadas da Primeira República como sendo a Era do Saneamento. Ao longo da Primeira República, os problemas de saúde foram um dos principais elos da interdependência da sociedade brasileira. Constituiu-se uma consciência, entre as elites, sobre os efeitos negativos gerados pelas condições sanitárias do país e sobre a precariedade da saúde de sua população. A doença foi, então, identificada como um dos principais laços constituintes da sociedade brasileira.²³⁷

O movimento sanitarista brasileiro buscou redefinir entre 1910 e 1920, “as fronteiras entre os sertões e o litoral, entre o interior e as cidades, entre o Brasil rural e urbano em função do que consideravam o principal problema nacional: a saúde pública.”²³⁸

Nas décadas de 1910 e 1920, o movimento sanitarista disseminou sua explicação sobre as bases da comunidade nacional e apresentou soluções políticas e institucionais para transformar uma comunidade edificada nos efeitos negativos da transmissão de doenças em uma sociedade sustentada na saúde e na higiene de sua população. Para atuar nessa mudança, indicava políticas de saneamento e saúde pública que alcançassem todos os membros da comunidade. O movimento sanitarista da Primeira República entendia que a doença transmissível caracterizava e moldava a sociedade brasileira, desafiando suas elites e suas instituições políticas e exigindo um aumento da responsabilidade do Poder Público, o que significava a rediscussão da moldura político-legal inaugurada pela Constituição de 1891.²³⁹

Isso significa que, a denúncia da doença também trazia uma crítica à forma de governo implantada no Brasil após a proclamação da República e legitimada pela referida Constituição. A adoção do federalismo teria propiciado a oligarquização da política, consistindo numa solução artificial e incompatível diante do que os sanitaristas entendiam ser a realidade brasileira. Além disso, lamentavam a perda das principais virtudes do Império: a unidade de comando e a solidariedade nacional.²⁴⁰

²³⁶ HOCHMAN, *op. cit.*, p.60-61.

²³⁷ Ver: HOCHMAN, 1998.

²³⁸ *Idem*, p.16.

²³⁹ HOCHMAN, *op. cit.*, p.49.

²⁴⁰ Ver: HOCHMAN; LIMA. *op. cit.*, 1996, p.25-31.

Conforme Nicolau Sevckenko, através do federalismo, os cafeicultores principalmente paulistas, poderiam assegurar o controle dos seus próprios rendimentos, como condição de usar seu poder econômico para decidir os

Ao mesmo tempo, ficava evidente no discurso médico do período o descontentamento com a subordinação das áreas de educação e saúde ao Ministério da Justiça e Negócios Interiores, visto como uma agência dominada pelos políticos e bacharéis. Para os sanitaristas, o quadro de isolamento da população era responsável pela ausência de sentimento de identidade nacional gerada pelo abandono do governo federal, como podemos ver nos seguintes trechos retirados de *Problema Vital* e da *Revista do Brasil*:

Este verme dá a perfeita imagem dos parasitas sociais que se acostam ao Estado e em lânguido ócio mamam a vida inteira o sangue-dinheiro elaborado pelas classes produtoras.²⁴¹

No entanto, as autoridades não movem passo; os literatos das capitais bisantinizam sobre a colocação dos pronomes e outras maravilhas; poetas a granel gastam todas as reservas fosfóricas na metrificacão de umas maguas de mentira e de uns amoresinhos de esquina; [...]. Disto se conclue que a Republica dos Estados Unidos do Brasil é um gigantesco hospital que em vez de lidado por enfermeiros é dirigido por bacharéis.²⁴²

Os governos digerem e engordam, alheios à mazela da montaria embridada.²⁴³

A política virou assim um privilegio restrito com feroz exclusivismo a casta dos mais audaciosos amorais. É outro fenômeno social consorciado ao estudo patológico da nação. [...] Se o parasitado é dócil a succão, por que poupar-lhe o sangue? Foi esta resignada atitude da montaria que deu asas ao parasitismo político, a ponto de, hoje, fazer conta a casta que se goza da Republica a permanência da mazela popular. Eis porque as doenças se agravam sem que os governos das zonas flageladas esbocem contra elas um movimento de reacção. Tornaram-se aliados naturais, os parasitos internos e os externos.²⁴⁴

A causa de tantos males? A política. A política parasitaria do percevejo, as administrações flagelantes, a ausência completa de justiça, o mau governo, em summa. Isso explica a nossa fraqueza como paiz, paiz imenso que não produz e não enriquece.²⁴⁵

De acordo com Lima e Hochman, temos quatro eventos que marcaram e contribuíram para a fundação do movimento sanitarista: 1º) o grande impacto que a publicação do relatório de Penna e Neiva causou em 1916, sobre a expedição médico-sanitária realizada em 1912 através do Instituto Oswaldo Cruz. 2º) A repercussão dos artigos de Penna sobre saúde e saneamento, publicados no jornal *Correio da Manhã*, entre 1916 e 1917 e reunidos em 1918 em *O saneamento do Brasil*. 3º) O discurso de Miguel Pereira, de 1916, que caracterizou o

destinos da ordem republicana. Ver: SEVCENKO, Nicolau. **Introdução**: O prelúdio, astúcias da ordem e ilusões do progresso. In.: NOVAIS, Fernando A. (Coord.). História da vida privada no Brasil, 3: República: da Belle Époque à era do rádio. São Paulo: Companhia das Letras, 1999. p.14.

²⁴¹ LOBATO, Monteiro. Dezessete milhões de opilados. In.: _____. **Problema vital**. São Paulo: Brasiliense, 1957. p.232.

²⁴² LOBATO, Monteiro. Três milhões de idiotas. In.: _____. **Problema vital**. São Paulo: Brasiliense, 1957. p.242-243.

²⁴³ LOBATO, Monteiro. Dez milhões de impaludados. In.: _____. **Problema vital**. São Paulo: Brasiliense, 1957. p.251.

²⁴⁴ LOBATO, Monteiro. Reflexos morais. In.: _____. **Problema vital**. São Paulo: Brasiliense, 1957. p.262-263.

²⁴⁵ O Momento. **Revista do Brasil**, São Paulo, v.XII, p. 1, set./dez. 1919. O artigo não encontra-se assinado, mas provavelmente é de autoria de Lobato, uma vez que, era o editor neste período.

Brasil como um imenso hospital.²⁴⁶ 4º) A atuação da Liga Pró-Saneamento entre 1918 e 1920. A partir de então, seriam o governo e a doença, e não mais a natureza, a raça ou o próprio indivíduo, os grandes culpados pelo abandono da população à própria sorte. Haveria, assim, a possibilidade de recuperar este povo.²⁴⁷

A população rural tornou-se objeto de atenção para médicos e intelectuais, pois nela se encontrava toda a força produtiva do país. Os que compartilhavam dessa opinião preocupavam-se em recuperar, no interior do país, as raízes da nacionalidade, além de integrar o sertanejo ao projeto de construção nacional. Nesse sentido, a ação saneadora e higiênica esperava criar a possibilidade de rever o tema da formação dos brasileiros e todas as ambiguidades que cercavam a discussão. Portanto, o meio rural brasileiro constituiu importante objeto de discurso de intelectuais e médicos nas primeiras décadas do período republicano. Pela primeira vez, o campo e seus problemas sócioeconômicos, epidemiológicos, sanitários e educacionais foram expostos de maneira complexa e integral.

O movimento sanitarista pode ser dividido em dois momentos: 1º) Corresponde à primeira década do século XX e foi liderado por Oswaldo Cruz. Sua característica estava no saneamento urbano, principalmente no Rio de Janeiro. 2º) Compreende as décadas de 1910 e 1920 e tinha como características o saneamento rural, combatendo as três principais endemias: ancilostomíase, malária e mal de Chagas. A intenção era curar e integrar a população que vivia no sertão à comunidade nacional.²⁴⁸

A redescoberta do país ocorreu a partir da percepção da doença. A campanha pelo saneamento rural, iniciada de forma não-organizada, ao longo dos anos de 1910, e ampliada com a criação da Liga Pró-Saneamento do Brasil, teve impacto significativo na sociedade brasileira. Os temas do saneamento e da saúde pública ganharam as páginas dos jornais e dos periódicos médicos, os fóruns profissionais, como a Academia Nacional de Medicina (ANM) e as Faculdades de Medicina, as organizações de classe, como a Sociedade Nacional de Agricultura, acabando por alcançar a tribuna do Congresso Nacional.

²⁴⁶ Em outubro de 1916, o médico e professor da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, Miguel Pereira, contestou o pronunciamento de um deputado federal mineiro que afirmava estar disposto, em caso de invasão estrangeira, ir aos sertões e convocar os caboclos para defender o país. Em sua denúncia sobre as péssimas condições de vida do caboclo brasileiro, Miguel Pereira definiu a situação das regiões rurais afirmando que "*o Brasil é um imenso hospital*". Com efeito, ao se opor ao deputado, o médico expressava um debate mais amplo e crítico referente à imagem da nação brasileira e de seu povo.

²⁴⁷ HOCHMAN; LIMA, **op. cit.**, p.498.

²⁴⁸ A partir da publicação do Relatório Neiva-Pena, o movimento sanitarista superou sua fase urbana, com a nova bandeira do "saneamento dos sertões". Ressalte-se que o Relatório era o resultado de expedição solicitada por um organismo federal a outra instituição também federal, para atuar em municípios em que o coronelismo alcançava sua expressão máxima no país. A missão do Instituto Oswaldo Cruz plantou a semente da ação do poder central nos estados do nordeste.

Os próprios livros de Belisário Penna e Monteiro Lobato, ambos editados em 1918, resultaram de artigos publicados, respectivamente, no *Correio da Manhã* e em *O Estado S. Paulo*. Já o trabalho de Sebastião Barroso (1919) fora publicado em *O Paiz*. Esses livros objetivaram reunir trabalhos dispersos em jornais para melhor divulgar e financiar a campanha pelo saneamento do Brasil. A saúde pública passou a ocupar um lugar de destaque no debate político nacional, que expressava a preocupação de setores das elites com o quadro sanitário vigente e a dificuldade de se obter consenso a respeito de soluções politicamente viáveis.

Políticos e outros profissionais, como engenheiros, advogados, jornalistas e militares, filiaram-se ao movimento em suas várias representações estaduais. Cada um desses membros divulgava de alguma forma as concepções e propostas gerais do movimento pelo saneamento do Brasil.²⁴⁹ A imprensa auxiliava, evidenciava e, literalmente, reconhecia a penetração da campanha pelo saneamento nas várias esferas da vida pública. Os jornais cariocas, como *O Paiz* e o *Correio da Manhã*, deram grande cobertura ao tema, tornando-se fóruns de debate sobre o saneamento rural. Os temas da saúde e do saneamento frequentavam as páginas dos jornais e periódicos especializados, desde o início da República.

Conforme De Luca, a abordagem sanitária encontrou em Lobato e na *Revista do Brasil* um lugar privilegiado de construção e difusão, levando “abalos significativos para a apreensão da questão étnica”.²⁵⁰ A *Revista do Brasil* divulgou farto material sobre a questão sanitária. Publicou ensaios inéditos, transcreveu artigos médicos, higienistas e intelectuais com a intenção de informar o leitor a respeito de cada uma das principais doenças, seu histórico, formas de contágio, estratégias de combate e prevenção. *O saneamento do Brasil* de Monteiro Lobato, *Pequenos cuidados higiênicos* de Belisário Penna, *O contágio da varíola* de Rodolpho Theophilo, *Outros males* de Afrânio Peixoto, *O saneamento do interior do país* de Amadeu Amaral, entre outros, faziam parte desse material.²⁵¹

Contudo, segundo Skidmore, a campanha de saúde pública destinada a resgatar o caluniado homem do interior não se fez acompanhada de uma revisão sobre o problema étnico. “Um retrato depreciativo como o de *Urupês* fazia-o uma vítima de defeitos incuráveis. Em suma, o Jeca estava preso na armadilha determinista descrita em linguagem muito semelhante à do determinismo racista anterior a 1914.”²⁵² Mas para Hochman, este novo

²⁴⁹ DE LUCA, **op. cit.**, p.112.

²⁵⁰ Idem, p.202.

²⁵¹ Os artigos citados encontram-se respectivamente nas seguintes edições da *Revista do Brasil*: v.7, n.28, p.305, mar.1918; v.9, n.33, p.4-5, set.1918; v.28, n.71, p.230-6, nov.1921; v.9, n.35, p.249-71, nov.1918; v.6, n.22, p.252, out.1917.

²⁵² SKIDMORE, **op. cit.**, p.204.

modo de ver os problemas do país descartava a visão ufanista e o pessimismo resultante dos determinismos climáticos, físico e racial.²⁵³

Nesse momento, para Lobato, o problema estava nas moléstias que atingiam a população dos sertões, e a solução era fácil, como podemos constatar nos trechos de *Problema Vital*:

Pessimismo, desanimo, descrença, desamor: sintomas de que o animal está com o ritmo da vida rompido por graves lesões orgânicas. Assim, todos os males morais, econômicos e políticos, vão enclavilhar raízes na desmedrança fisiológica da população empolgada pelas endemias avassaladoras.²⁵⁴

Bastam apenas duas coisas: defender os pés contra a infecção pelo uso dos sapatos, e evitar a infecção pelo uso da fossa.²⁵⁵

Das três endemias pavorosas que fazem do Brasil uma nação pobre, aparvalhada e fragilima, se nem todas são curáveis, são todas evitáveis.²⁵⁶

Os sanitaristas construíram uma proposta que atraía não só as elites do sul como também as do norte. Diziam que nosso atraso se devia à doença e não ao determinismo biológico. A construção da nacionalidade exigia, então, que as elites afastassem seus olhos, sempre postos na Europa, e os colocassem no interior do Brasil, nas grandes endemias dos sertões. A integração dos sertões à civilização do litoral representava o grande desafio para o fortalecimento da nacionalidade, pois uma população doente significava uma raça fraca e conseqüentemente uma nação sem futuro. Sendo assim, o projeto de integração do interior brasileiro e de construção da nacionalidade em novas bases encontrou em Jeca Tatuzinho sua imagem mais expressiva.

Como consequência direta desse movimento temos a reorganização dos serviços sanitários federais que se ampliaram ao longo dos anos de 1920, juntamente com o desenvolvimento de políticas públicas e a formação de uma nova identidade profissional. Os médicos especialistas em saúde pública passaram a desempenhar um papel relevante na gestão dessa área.²⁵⁷

²⁵³ HOCHMAN, *op. cit.*, p.69.

²⁵⁴ LOBATO, Monteiro. Reflexos morais. In.: _____. **Problema vital**. São Paulo: Brasiliense, 1957. p.260.

²⁵⁵ LOBATO, Monteiro. Dezessete milhões de opilados. In.: _____. **Problema vital**. São Paulo: Brasiliense, 1957. p.235.

²⁵⁶ LOBATO, Monteiro. Dez milhões de impaludados. In.: _____. **Problema vital**. São Paulo: Brasiliense, 1957. p.251.

As três endemias a que Lobato se refere são: a opilação, conhecida também como ancilostomose, amarelão ou doença da preguiça; o impaludismo ou malária; e o mal de Chagas, chamado também de tripanossomíase americana.

²⁵⁷ Ver: HOCHMAN; LIMA, *op. cit.*, 1996, p.37.

2.2: Zé Brasil

A última fase do Jeca começou a desenhar-se quando Lobato ainda estava na prisão em 1941, detido durante seis meses acusado de “delito de opinião” por ter enviado carta ao presidente Getúlio Vargas fazendo acusações sobre a exploração do petróleo. Lá conheceu outros tipos de “Jecas”, os urbanos. A síntese desta metamorfose está no livro *Zé Brasil* de 1947, em que a temática central desloca a explicação dos males do Brasil do trabalhador rural para a atitude das classes dominantes e para a estrutura fundiária responsável pelo nomadismo e pela pauperização do Jeca.²⁵⁸

Renomeado e repaginado, o personagem continuou a discutir os problemas sociais brasileiros. Lobato, nesta nova roupagem do Jeca, tentou fortalecer o homem do campo. É o próprio Zé Brasil que agora discute a precariedade de sua situação, atribuída “ao latifúndio e ao sistema econômico que rege o estatuto agrário brasileiro.”²⁵⁹ Conforme Alves Filho, Jeca Tatu não tinha papel na estrutura produtiva, já Zé Brasil não tem papel na superestrutura ideológica.²⁶⁰ Contudo, este novo Jeca refere-se a todos os trabalhadores que sofriam a vigilância e a violência do Estado Novo. Nesse período, o escritor já considerava todos os brasileiros – e não somente o homem do campo - Jeca Tatus, ideia fortalecida no tempo em que permaneceu nos Estados Unidos: “O Brasil é uma Jecatatuásia de oito milhões de quilômetros quadrados.”²⁶¹

Foi o último livro escrito por Monteiro Lobato, narrado em forma de diálogo entre Zé Brasil e um interlocutor anônimo. Conta a história de Zé Brasil, um pobre coitado que, como Jeca Tatu, está entregue ao desamparo e ao desânimo. Zé Brasil é uma denúncia contundente das condições sociais responsáveis pela miséria e pela falta de ânimo dos trabalhadores rurais. Num primeiro momento, há uma crítica aos grandes proprietários rurais, representados pelo coronel Tatuíra, de cujas terras Zé fora expulso, depois de trabalhar em regime de meeiro. Regime este que estabelecia a parte gorda ao coronel e as migalhas ao Zé Brasil. Num segundo momento, Lobato dirige suas críticas à estrutura política e jurídica, na voz de Zé Brasil. À medida que o diálogo se desenvolve, Zé vai tomando consciência da situação, sendo informado da realidade social, e ao mesmo tempo em que entende, ele reflete sobre sua condição marginal dentro da sociedade brasileira.

²⁵⁸ LIMA, Nísia Trindade. **Um sertão chamado Brasil**: intelectuais e representação geográfica da identidade nacional. Rio de Janeiro: Revan/IUPERJ-UCAM. 1998. p.150.

²⁵⁹ Ver: LAJOLO, **op. cit.**, p.102.

²⁶⁰ ALVES, **op. cit.**, p.122.

²⁶¹ LOBATO, Jose Bento Monteiro. **A barca de Gleyre**. São Paulo: Brasiliense, 1959. vol. II. p.40.

Como agregado sem-terra, havia sido “tocado” várias vezes de inúmeras propriedades. Frequentemente trabalhava doente por falta de recursos e de médicos. É Lobato, através do interlocutor da história, quem defende a proposta da divisão das terras, do apoio aos pequenos proprietários e da união dos lavradores pobres como solução e mostra ao Zé a existência de uma pessoa que poderia acabar com as injustiças do mundo: Luiz Carlos Prestes. A partir de então, Lobato continua a história explicando, através do interlocutor, as concepções de Prestes a Zé Brasil. Este é colocado a par das ideias do Partido Comunista.

Fundado em 1922, o Partido Comunista Brasileiro (PCB) estava sob a supervisão do Comintern em Moscou. Muitos de seus membros eram ex-anarquistas ou anarco-sindicalistas, e sua atuação estava limitada a poucas cidades importantes, como Recife, Rio de Janeiro, Porto Alegre e São Paulo. Segundo Thomas Skidmore, no início da década de 1930, o partido seguia a linha do Comintern de luta total contra as forças do “fascismo”, estratégia que levou à criação, em 1935, de uma frente esquerdista, denominada Aliança Nacional Libertadora (ANL), que incluía outros partidos, como os socialistas, mas o controle permanecia com os comunistas.²⁶²

Luís Carlos Prestes era o líder e mesmo no exílio continuava a fazer política. Conhecido como o legendário Cavaleiro da Esperança, por sua atuação na coluna rebelde que percorreu o sertão brasileiro de 1924 a 1927, Prestes havia recusado a oferta de Getúlio Vargas para assumir o comando militar da rebelião de 1930. Os comunistas brasileiros enfrentavam algumas dificuldades, como a resistência dos operários às suas ideias e a repressão policial. Despertaram o receio da elite civil e militar, contudo, a doutrina do partido se aplicava diretamente aos trabalhadores urbanos.²⁶³

Para Lajolo, *Zé Brasil* é um livreto que representa uma autocrítica ao jovem Lobato que, em 1914, não soubera entender a dimensão econômica do problema agrário brasileiro e que nos anos 20, no bojo das campanhas pela saúde pública, avança a questão, mas não chega a atinar que o problema das condições de saúde mascarava outros, mais concretos, da infraestrutura brasileira.²⁶⁴ Nesta última versão, a de 1947, o Jeca se metaforiza em Zé Brasil, camponês sem terra e cuja única esperança reside no Cavaleiro da Esperança, Luís Carlos Prestes.

O que podemos perceber, é que houve uma relação, se não direta, bem próxima, entre Lobato e Prestes, na década de 1940, uma vez que se trocavam correspondências e o autor

²⁶² SKIDMORE, Thomas E. **Uma historia do Brasil**. Trad. Raul Fiker. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003. p.158-159.

²⁶³ SKIDMORE, **op. cit.**, p.158-159.

²⁶⁴ LAJOLO, **op. cit.**, p.74-75.

acompanhava os fatos que envolviam a pessoa do revolucionário. Isto se pode observar nesta passagem da carta enviada a Antônio Olavo Pereira, na qual Lobato avalia a posição tomada pelo Cavaleiro que, anistiado, depois de longo período de prisão, estendera a mão ao seu carrasco, numa tática política que poucos intelectuais aceitaram: “Sim, meu caro, eu também me desiludi do Cavaleiro da Esperança. Saiu-me oportunista em excesso – e que me importa mais um oportunista no mundo?”²⁶⁵

Depois em carta ao próprio Capitão Prestes, Lobato proclama sua admiração: “Mas estou perto do fim e não quero ir-me sem falar de coração aberto com um dos homens mais decentes com que me encontrei na vida e o mais corajoso de todos.”²⁶⁶ Segundo Cassiano Nunes esse entusiasmo de Lobato com relação a Prestes, pode estar relacionado a amargura que o autor sentia com relação ao Estado Novo, e com Getúlio Vargas, que havia paralisado sua campanha a favor do petróleo. Ao se aproximar do Partido Comunista, Lobato provocaria o ditador e seus seguidores.²⁶⁷

Segundo Edgar Cavalheiro, *Zé Brasil* é uma narrativa pequena, que “descreve em linguagem simples e direta o drama do homem rural, [...] que nada possuindo, assina contratos ou aceita condições dos donos das terras para plantios, dando em troca, parte da produção ao arrendatário.”²⁶⁸ Foi escrito num momento em que o Partido Comunista e seus integrantes eram ainda perseguidos pelas ideias propagadas durante o Estado Novo. Monteiro Lobato, de certa forma, os defendeu por simpatizar com seus conceitos.

Zé Brasil foi editado sob o patrocínio da Editoria Vitória, que era difusora de textos marxistas e comprometida com o Partido Comunista Brasileiro. O livro foi apreendido em seu primeiro lançamento, mas passou a ser muito procurado e logo surgiram edições clandestinas que começaram a rodar e distribuir o texto. Em 1948, quando publicado pela editora Calvino, voltou a circular livremente. Como podemos perceber, o personagem é reflexo das transformações ideológicas pelas quais o autor passou ao longo de sua vida e carreira.

Talvez possamos entender essa aproximação de Lobato com as opiniões de Prestes pelo fato de os revolucionários da Coluna, entre 1924 e 1927, terem percorrido o interior do Brasil com sua marcha para a difusão da ideia de reforma social e política defendida pelos

²⁶⁵ Carta datada de 27/01/1946 encontra-se em: MONTEIRO LOBATO, Jose Renato. **Cartas escolhidas**. v.2. São Paulo: Brasiliense, 1959. p.163.

²⁶⁶ Carta escrita de Buenos Aires em 1946, a Luís Carlos Prestes, encontra-se em: MONTEIRO LOBATO, Jose Renato. **Cartas escolhidas**. v.2. São Paulo: Brasiliense, 1959. p.186.

²⁶⁷ NUNES, Cassiano. O último sonho de Monteiro Lobato: o georgismo. In.: ZILBERMAN, Regina (org.). **Atualidade de Monteiro Lobato**: uma revisão crítica. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1983. p.68.

²⁶⁸ CAVALHEIRO, **op. cit.**, p. 679.

propagandistas do saneamento. Temos, então, uma aproximação destes últimos e de Lobato que, ao escrever *Zé Brasil*, atribuiu a causa da indolência do caipira às injustiças sociais.²⁶⁹

Conforme Nunes, a origem da acusação de que Lobato seria comunista vem de duas fontes. A primeira, chamada de tradicional, vem do fato de “o indivíduo que está atento aos erros do sistema, ou se sente tocado humanitariamente pela miséria e abandono dos brasileiros passa logo por um rebelde, radical ou comunista.” A segunda é a biográfica. Lobato não tinha preconceito anticomunista e até chegou a manifestar simpatia por algumas posições deste partido, sendo tachado de subversivo. Revoltado com o Estado Novo e com Getúlio Vargas, Lobato se aproximou do Partido Comunista para provocar seus opositores. Além disso, possuía amizade com seus dois sócios da Editora Brasiliense: Caio Prado Júnior e Artur Neves, que eram comunistas convictos e atuantes, o que provocava comentários e desconfianças.²⁷⁰

Contudo, em carta ao amigo Davi Pimentel, justifica-se:

Não me acho “envolvido em coisas comunistas”, a não ser na opinião de alguns jornais desafetos que não perdem ensejo para “perfidias”, como na intimidade eles dizem com grande prazer. Continuo alheio aos “ismos”, mas sempre mostrei grande simpatia pelo comunismo e pelo Prestes – coisa que a Constituição não me proíbe de fazer. Se esses jornais, ou o governo, ou a Polícia, se implicam com isso, é um direito que lhes assiste e com o qual nada tenho que ver. Mas parei na simpatia, como o demonstrei recusando entrar para a chapa dos deputados federais, e a entrar para o P.C.B. Jamais consegui me registrar sob partido nenhum; [...] Também não me interessa provar que não sou comunista, porque embora eu não seja comunista, absolutamente não é crime diante das nossas leis básicas ser comunista, ou ser integralista, ou ser georgista, ou ser dutrista, ou ser pessedista. Não sendo crime ser-se comunista, nunca terei de provar isso – enquanto os nossos direitos decorrerem da Constituição.²⁷¹

No artigo intitulado “O último sonho de Monteiro Lobato: o georgismo”, de Cassiano Nunes, o autor analisa a correspondência de Lobato com Octaviano Alves de Lima, durante dois anos, de junho de 1946 a abril de 1947, quando esteve em Buenos Aires. E revela as últimas ideias políticas do escritor, no caso, o georgismo.²⁷² Estas se encontram na Academia Campinense de Letras. Nelas, pode-se encontrar elogios ao Partido Comunista, como no trecho da carta datada de 15/11/1946, em que Lobato afirma: “Fora o Partido Comunista, nenhum dos partidos do Brasil tem uma ideologia nobre e consoladora.”²⁷³

Em carta de 06 de fevereiro de 1948, dirigida ao jornal Diário de São Paulo o escritor responde as acusações de comunismo dizendo-se georgista:

²⁶⁹ YATSUDA, E. O caipira e os outros. In.: BOSI, Alfredo (Org.). **Cultura brasileira: temas e situações**. São Paulo: Atica, 2002. p.111.

²⁷⁰ NUNES, **op. cit.**, p.68.

²⁷¹ Carta datada de 26/02/1948 encontra-se em: MONTEIRO LOBATO, Jose Renato. **Cartas escolhidas**. v.2. São Paulo: Brasiliense, 1959. p.270-271.

²⁷² NUNES, **op. cit.**, p.67.

²⁷³ As referidas cartas encontram-se transcritas em: NUNES, **op. cit.** O referido trecho foi retirado da página 84.

Infelizmente não, meu caro jornal. Apesar das minhas simpatias pelo comunismo russo, pelo qual torço, um obstáculo de consciência me vem impedindo que transforme essa imensa simpatia em adesão.

- Que obstáculo é esse?

- O georgismo. Sou georgista, meu caro. Convenci-me de tal forma da verdade das teorias econômicas de Henry George que por mais que me esforce não consigo substituí-las pelas de Karl Marx. [...] Não entrei para o Partido nem para a Câmara, porque seria trair minhas idéias georgistas.²⁷⁴

E em carta ao Capitão Prestes, escreve pedindo apoio a Ademar de Barros, que havia sido eleito Governador de São Paulo com o apoio do Partido Comunista, para o fortalecimento e implantação do georgismo: “e mais feliz ainda me sentirei, se o grande líder der apoio ao Ademar para a implantação em São Paulo das idéias de Henry George – essa indispensável ponte de transição para futuros avanços ideológicos como os sonham os comunistas.”²⁷⁵ Numa das cartas a Octaviano Alves de Lima, citada acima, Lobato insiste no tema e conta ao amigo ter escrito a Prestes, dizendo: “Quero ver se Prestes aceita a idéia do georgismo como ponto de transição para a ideologia comunista.”²⁷⁶

A doutrina formulada por Henry George, em seu livro *Progresso e Pobreza* (1879), traduzido por Americo Werneck Junior e publicado no Brasil em 1935 pela Companhia Editora Nacional, de São Paulo, consistia no seguinte ponto:

em vista do progresso determinar uma crescente escassez de terra, o proprietário ocioso do solo obtém lucros altíssimos a expensas do Trabalho e do Capital. Diferentemente de Marx, George não vê no Capital um tirano explorador, mas, sim, uma vítima; tal qual o Trabalho. Por conseqüência, o economista achava que toda a renda do Estado devia porvir da Terra.²⁷⁷

Quem sabe por isso Lobato continuasse insistindo em um personagem rural, pois, através dele, o autor continuaria expressando sua inconformidade com a pobreza nacional. Nessa etapa, Lobato acreditava que desfazendo-se do latifúndio, o país acabaria com a miséria do povo. Aproximaria este da propriedade da terra que, tornando-a fértil, promoveria o enriquecimento geral da nação.²⁷⁸

Conforme Nunes, essa paixão tardia de Monteiro Lobato pelo georgismo pode ser explicada de uma maneira simples. Foi um meio de ele conciliar o seu pensamento progressista e revolucionário com ideais antigos que lhe eram de valor, como o culto da liberdade pessoal com o correspondente direito à crítica, o entusiasmo pela livre empresa, a fé

²⁷⁴ Esta carta encontra-se em NUNES, **op. cit.**, p.71.

²⁷⁵ Carta escrita de Buenos Aires em 1946, a Luís Carlos Prestes, encontra-se em: MONTEIRO LOBATO, Jose Renato. **Cartas escolhidas**. v.2. São Paulo: Brasiliense, 1959. p.188.

²⁷⁶ Nunes não coloca a data desta carta, apenas refere-se a ela como sendo a 11ª. Ver: NUNES, **op. cit.**, p.86.

²⁷⁷ NUNES, **op. cit.**, p.76.

²⁷⁸ Idem, p.77.

na lei da oferta e da procura, e mais a força dos interesses individuais que nem sempre eram egoístas. No georgismo, Lobato associava com harmonia o seu reformismo às suas convicções conservadoras.²⁷⁹

²⁷⁹ Idem, p. 69-70.

CAPÍTULO 3 – QUE PROGRESSO PARA O BRASIL?

3.1 O progresso visto de perto

De uma forma geral, o progresso pode ser visto como uma sucessão das inovações, ou, como nos diz Gilberto Dupas, uma acumulação de mudanças desejáveis.²⁸⁰ Contudo, progredir não significa procurar outra coisa, mas aprofundar e aprimorar o que já existe, uma vez que este conceito está intimamente ligado à ideia de evolução e melhoria. Crer no progresso e utilizá-lo como justificativa, é uma estratégia para viver o presente e projetar o futuro com relativa segurança.²⁸¹

Neste capítulo apresentaremos alguns conceitos de progresso, de acordo com alguns autores, para que fiquem claros os vários sentidos que esta palavra ganhou na concepção do escritor Monteiro Lobato. Uma delas diz respeito a educação e a cultura, como podemos ver no trecho a seguir, retirado de carta enviada a Godofredo Rangel em 1922: “A casa editora da “Revista do Brasil” representa o progresso do livro paulista, com os seus 150.000 exemplares editados em 1921, sobre 50.000 no anno anterior.”²⁸²

Já em *Uma Velha Praga*, ele deixa claro o que representava o progresso no seu entender: “a via férrea, o italiano, o arado e a valorização da propriedade”.²⁸³ Contudo, para o autor, o progresso e o desenvolvimento não dependiam apenas de máquinas, mas também da capacidade mental de um povo, então, era preciso criar escolas no país, principalmente que oferecessem o ensino técnico; isso acabaria com a mentalidade colonial existente.²⁸⁴ Em um de seus editoriais na *Revista do Brasil*, escreveu:

Não há em São Paulo tão real progresso como o das letras. Terra de riqueza em bruto, de formação tipicamente americana, com a sua super-população estrangeira de variados matizes raciaes em concorrência ao nacional, pauta o seu theor de vida pelo da caça ao milhão, tão rude e barbara como a caça ao ouro, de historica memoria nestas mesmas plagas. Milhão caçado, progresso realizado em todos os seus aspectos materiaes. [...] O milhão, pae do progresso, pode ser estrangeiro. [...] São Paulo não lia. Prosperava, progredia, truculentamente e só espantava pela truculencia dos progressos...
Ora, hoje, São Paulo lê. Tem uma literatura, com os seus auctores e os seus editores, com o seu publico. E tudo isso se fez num abrir e fechar de olhos, na mais pujante expansão de um subito e inesperado progresso. Em nenhuma das manifestações da nossa vida foi tão rápido esse progresso.²⁸⁵

²⁸⁰ DUPAS, Gilberto. **O mito do progresso**; ou progresso como ideologia. São Paulo: Editora UNESP, 2006, p.13.

²⁸¹ DUPAS, Gilberto. **O mito do progresso**. Novos estudos. – CEBRAP, São Paulo, n.7, mar. 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/scielo.php?lng=pt>> Acesso em: 15/02/2010.

²⁸² LOBATO, Monteiro. O momento. **Revista do Brasil**, São Paulo, v. XIX, n.73, p.4, jan./abr. 1922.

²⁸³ LOBATO, Monteiro. Velha Praga. In.: _____. **Urupês**. 3.ed. São Paulo: Brasiliense, 1948. p. 235.

²⁸⁴ CAMPOS, André Luiz Vieira de. **A República do pica-pau amarelo**: uma leitura de Monteiro Lobato. São Paulo: Martins Fontes, 1986, p. 52-53.

²⁸⁵ LOBATO, Monteiro. O momento. **Revista do Brasil**, São Paulo, v. XIX, n.73, p.3, jan./abr. 1922.

Mas, de acordo com Campos, a categoria básica que Monteiro Lobato utilizou para definir a situação do país é o atraso, que significa “pobreza material, baixo nível técnico, doenças endêmicas, ignorância, “incultura científica” e a existência de uma população “negativa”, enquanto elemento de produção.”²⁸⁶

Apresentamos aqui algumas definições para a palavra progresso com base em pesquisas feitas em alguns dicionários. O *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* define progresso como a “ação ou resultado de progredir; movimento para a frente; avanço; desenvolvimento; a evolução da humanidade, da civilização; modernização.”²⁸⁷

No *Dicionário de filosofia* de Nicola Abbagnano, encontramos a seguinte acepção: “Esse termo designa duas coisas: 1ª uma série qualquer de eventos que se desenvolveram em sentido desejável; 2ª a crença de que os acontecimentos históricos desenvolveram-se no sentido mais desejável, realizando um aperfeiçoamento crescente.” Para este autor, essa noção produz quatro principais implicações:

1ª o curso dos eventos constitui uma série unilinear; 2ª cada termo desta série é necessário no sentido de não poder ser diferente do que é; 3ª cada termo da série realiza um incremento de valor sobre o precedente; 4ª qualquer regressão é aparente e constitui a condição de um progresso maior.²⁸⁸

Conforme o *Dicionário de filosofia tema e autores*, a elaboração do conceito de progresso pode ser compreendida a partir de três campos: “1-O desenvolvimento das ciências como a progressão do espírito humano segundo uma escala de valores que vai da superstição à razão, do primitivo ao civilizado.” 2-Com a história, onde o progresso tornou-se um valor, por ser pensado como o processo de desenvolvimento da cultura em direção a um estado de saber e de liberdade. 3-Com a biologia, através da ideia de evolução.²⁸⁹

Utilizamos ainda a definição apresentada por Dupas segundo o *Vocabulaire technique et critique de la philosophie* (1999), de André Lalande, que no prefácio da obra chama progresso de uma palavra ingênua, uma vez que pode ser tomada em seu conteúdo oculto e subjetivo.²⁹⁰ Como podemos perceber, a palavra progresso constitui-se num termo relativo que está longe de ter uma unidade semântica e um consenso conceitual.

²⁸⁶ CAMPOS, *op. cit.*, p.91.

²⁸⁷ HOUAISS, Antonio. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009. p.1558.

²⁸⁸ ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de filosofia*. Trad. Alfredo Bosi. São Paulo: Martins Fontes, 2000. p. 798-800.

²⁸⁹ AUROUX, Sylvain. *Dicionário de filosofia: temas e autores*. Trad. Miguel Serras Pereira. Lisboa: Asa, 1997.p. 359-361.

²⁹⁰ DUPAS, *op. cit.*, p.17.

Segundo o pensamento deste autor, “O progresso é um mito renovado por um aparato ideológico interessado em convencer que a história tem destino certo e glorioso.” Porém, ela nem sempre tem este destino, pois o progresso tem inúmeras consequências negativas, como “exclusão, concentração de renda, subdesenvolvimento e graves danos ambientais, agredindo e restringindo direitos humanos essenciais.”²⁹¹ Além de ser um mito, é um discurso utilizado e propagado pelas elites mundiais.

A primeira enunciação do progresso teria partido de Francis Bacon, em *Novum Organum* (1620). Segundo Josep Fontana, Bacon entendia a ciência como um instrumento para o progresso humano.²⁹² Foi Fontenelle quem assumiu de maneira implícita a certeza da implacabilidade do progresso por meio da evolução da ciência e do conhecimento. Contudo, foi a popularização da ciência que assinalou o sucesso de uma doutrina geral de progresso. Os puritanos do século XVII já acreditavam que o progresso melhoraria a vida. A partir do racionalismo, o avanço intelectual foi apreendido como progresso geral do homem. Depois do Iluminismo e da Revolução Industrial, este conceito passou a ser muito associado ao crescimento econômico e à ideia de liberdade.²⁹³

Inúmeros filósofos e pensadores deram suas contribuições para este conceito. Entre eles estão: Voltaire, Montesquieu, Turgot, que uniu o progresso à liberdade, Condorcet que fez a ligação entre o progresso do conhecimento e a ideia de progresso social, avançando para melhorar a vida humana. Adam Smith, Auguste Comte, Spencer, que uniu a ideia de progresso ao individualismo liberal no final do século XIX. Rousseau que promoveu a humanização do progresso, Hegel, que trabalhou o conceito de progresso relacionado ao poder e Marx que também acreditava no progresso da humanidade.²⁹⁴

A partir do advento do socialismo, surgiram duas vertentes do conceito de progresso. A primeira estava pautada no liberalismo, e a segunda, de acordo com os ideais socialistas, sonhava com a formação de uma sociedade sem classes. Dupas afirma que a noção de progresso também sofreu interferência das doutrinas psicanalíticas do século XX, com Sigmund Freud e Herbert Marcuse. A ascensão do capitalismo global apossou-se deste conceito com o desenvolvimento científico e técnico, mas terminamos o século XX sabendo que o progresso técnico não leva automaticamente ao desenvolvimento humano.²⁹⁵

²⁹¹ DUPAS, Gilberto. **O mito do progresso**. Novos estudos. – CEBRAP, São Paulo, n.7, mar. 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/scielo.php?lng=pt>> Acesso em: 15/02/2010.

²⁹² FONTANA, Josep. A invenção do progresso. In.: _____. **A história dos homens**. Bauru: Edusc, 2004. p.144.

²⁹³ DUPAS, **op. cit.**, p. 19, 39-44.

²⁹⁴ Idem, p. 47-56.

²⁹⁵ Idem, p. 71-74.

O progresso enquanto doutrina incorporou-se à filosofia do século XVIII e converteu-se em um credo que, segundo Dupas, “os constantes avanços tecnocientíficos ratificavam ao criar produtos e serviços que se transformaram em objeto de desejo e símbolos do progresso.” Essa ideia tornou-se dominante no Ocidente a partir da segunda metade do século XVIII e durante todo o século XIX.²⁹⁶

Seguindo o pensamento do mesmo autor, o que consolidou a ideia contemporânea de progresso foi a teoria da evolução de Charles Darwin. Daí até pouco antes do início da Segunda Guerra Mundial, ele foi sempre posto como o centro pela ciência social. Contudo, a descrença no progresso e seus benefícios ilimitados apareceu já no século XIX, com os pensadores Tocqueville, Burckhardt, Schopenhauer, Nietzsche e Weber. E com o tempo este ceticismo ampliou-se, principalmente em razão das duas guerras mundiais, quando seus motivos, seu desenrolar e suas consequências estiveram vinculados à ideia de progresso, dando um tom de pessimismo a tudo o que estava relacionado a este conceito. Segundo Dupas, a partir destes fatos, passou-se a criticar a divisão do trabalho, a quebra das instituições, o militarismo, o culto à tecnologia e o esquecimento moral.²⁹⁷

Para Astor Diehl, “a idéia de progresso está profundamente ancorada na mentalidade e nas estruturas coletivas do pensamento das culturas históricas dos países industrializados e mesmo naqueles que estão engatinhando no processo de modernização.” Dentro da cultura historiográfica, ele (o progresso) é tratado como uma categoria que se faz presente e atua na consciência histórica coletiva, sempre com a ideia orientadora “de que o futuro irá superar sempre o presente e o passado, em termos de chances de vida e de possibilidades de felicidade.”²⁹⁸ Sendo assim, o futuro será sempre melhor do que o presente e do que o passado.

Foi com a consolidação do processo de modernização a partir da metade do século XVIII que o progresso, como categoria histórica, passou a se desenvolver e esse conceito ficou cada vez mais forte na sociedade agora industrializada. Conforme Diehl, “O progresso como “modelo de pensar” é um fator social, um consequente fator mental dos princípios de conduta da vida.”²⁹⁹

Para o historiador Josep Fontana, desde o século XVIII tem sido dominante na historiografia um modelo interpretativo globalizador, o qual tem como pressuposto a

²⁹⁶ Idem, p. 13-14.

²⁹⁷ Idem, p. 57.

²⁹⁸ DIEHL, Astor Antônio. A ideia de progresso na História. In: _____ . **Cultura historiográfica: memória, identidade e representação**. Bauru, SP: EDUSC, 2002. p.21-22.

²⁹⁹ DIEHL, **op. cit.**, p.22.

evolução contínua das sociedades. Obra dos historiadores escoceses que conseguiram impor “uma visão evolutiva da história organizada em função de um motor econômico, que apresentaria o desenvolvimento do capitalismo “liberal” como o ponto máximo alcançado pela humanidade”, situando todos os povos e civilizações dentro de um modelo único de progresso.³⁰⁰

Em “A invenção do progresso”, o autor afirma que, paralelo à evolução do pensamento iluminista, surgiu na Inglaterra uma visão histórica orientada por uma concepção total do progresso. Após a revolução de 1688, a inovação provocada na ordem social e na estrutura do estado precisava de uma nova legitimação. Esta deveria estar “baseada na ideia de que a sociedade civil teria sido fundada por meio de um contrato estabelecido entre os membros e o poder soberano.”³⁰¹ Em torno desta teoria, a ciência e a história estariam integradas para construir uma visão de mundo que abrangesse estas transformações.

À ciência caberia explicar “um mundo físico ordenado e regulado por leis que tinha paralelo na sociedade civil.”³⁰² A nova ciência estabelecia princípios de veracidade social, transmitindo credibilidade à história. Aos filósofos sociais competia fundamentar a imagem completa e classificada da sociedade, formulada pela ciência.

O primeiro que criou o tipo de história que respondia às necessidades da nova sociedade inglesa foi o escocês David Hume. Em *História da Inglaterra*, ele fez da visão do progresso “uma historiografia de conciliação com a Grã-Bretanha, que servia para identificar a situação presente como uma fase superior de desenvolvimento político, se comparada com a de um passado local de atraso.”³⁰³ Mas foi em seus textos de *Discursos* que apareceu pela primeira vez “o modelo da sucessão de fases da história humana, ligada ao desenvolvimento econômico que seria o motor do progresso.”³⁰⁴

Adam Smith foi um continuador das teorias de Hume. Em *A riqueza das nações*, sugeriu uma concepção de progresso de caráter econômico pautada na teoria dos quatro estágios, que são quatro etapas sócio-econômicas consecutivas da evolução humana: caça, pecuária, agricultura e comércio. Segundo Fontana, é “uma concepção que vê o curso da história como a ascensão da barbárie ao capitalismo”, estabelecendo assim um programa de

³⁰⁰ FONTANA, *op. cit.*, p. 169-170.

³⁰¹ Idem, p.147.

³⁰² Idem, p.147-148.

³⁰³ Idem, p. 151.

³⁰⁴ Idem, p. 154.

desenvolvimento. Estes conceitos “foram dominantes como núcleo central do pensamento sócio-econômico de nosso mundo”.³⁰⁵

Edward Gibbon, ao escrever *Decadência e queda do império romano*, “conseguiu encaixar a visão tradicional da decadência no contexto geral da história do progresso” e reforçou a ideia de que os homens foram progredindo do selvagem primitivo até chegar ao estágio presente. Para ele, “o progresso foi irregular e diverso e, em muitos momentos, foram vistos retrocessos que parecem pô-lo em perigo.” Contudo, a experiência deixada pela história mostrou que nenhum povo volta à barbárie original, isso porque houve avanços em todos os campos da sociedade, que se difundiram e foram conservados através da prática social. Segundo ele, são as artes básicas, “ligadas à subsistência do homem, que formam o autêntico motor do progresso humano.”³⁰⁶

Conforme Fontana, “ao definir como progressismo tudo o que conduz ao capitalismo e à industrialização fabril, esta visão da história desqualifica qualquer forma alternativa de organização como retrógrada ou inviável.”³⁰⁷ Podemos dizer então, que o progresso é uma forma de pensar otimista, uma vez que nós, com toda nossa capacidade humana de evoluirmos nos aperfeiçoamos cada vez mais. O problema é que os anos passam, a tecnologia aumenta, mas o mundo só parece piorar, atingido por fome, guerras, destruição da natureza e conseqüentemente da vida. O que parecia a solução brilhante passa a ser assustador e a produzir resultados negativos.

Esse ideal de progresso, que ganhou maior impulso a partir do Iluminismo, começou a entrar em crise. Esta se fez da confrontação entre benefícios e prejuízos proporcionados por tal empreendimento, assim como entre “intenção e realização”, partindo basicamente de três pontos:

- a) o progresso moderno foi subsidiado pela esperança de que, por meio da unificação de razão filosófica e racionalidade científica pudesse ser instituída a “paz” interna das sociedades, bem como o delinearmento da ordem internacional. [...];
- b) o progresso moderno se constitui na sua forma mais decisiva na sociedade do trabalho, na qual vale o crescimento da produtividade na base da constante automatização, e gera nas sociedades industrializadas a crise da própria sociedade do trabalho;
- c) a crença no progresso foi e é um fenômeno formador da identidade no auto-entendimento das sociedades, de seus grupos e indivíduos.³⁰⁸

Como podemos perceber ao longo do capítulo 2, esses três ideais se fizeram constantemente presentes entre a intelectualidade brasileira do final do século XIX e início do

³⁰⁵ FONTANA, **op. cit.**, p. 159.

³⁰⁶ Idem, p. 166.

³⁰⁷ Idem, p. 170.

³⁰⁸ Idem, p.23-24.

século XX, fundamentando um ideal de nação, de povo, de identidade nacional, de civilização e do próprio progresso para o país.

O século XX iniciou-se com a promessa de coordenar feitos, inéditos até então no mundo. No seu decorrer houve o apogeu da era industrial e técnica, a formação da alta burguesia e do proletariado, além da afirmação do capitalismo. Deu-se “o aperfeiçoamento das máquinas de combustão e o aproveitamento da eletricidade nas indústrias, com o seu conseqüente e imediato progresso.”³⁰⁹ Porém, junto a isto, desenvolveu-se uma acirrada e competitiva política econômica e armamentista entre as principais nações.

Segundo Nicolau Sevckenko, no início do século XX, acompanhar o progresso significava alinhar-se aos padrões e ao ritmo da economia europeia. Com o final da Primeira Guerra Mundial todo esse desenvolvimento foi colocado à prova.³¹⁰ A desorganização da Europa fez com que a descrença no progresso desse os seus primeiros sinais.

Frente a isso, a ciência histórica também se posicionou. As vítimas do progresso ganharam voz historiográfica de denúncia e a concepção de progresso passou a ser criticada pela micro história. No Brasil, pelo fato de a modernização e a industrialização terem chegado mais tarde, se efetivando realmente na primeira metade do século XX, a decepção demorou um pouco para chegar também. A modernização veio, mas trouxe com ela a falta de energia, as greves operárias, o maior gasto de tempo para ir trabalhar, a falta de moradia e de emprego, os baixos salários, entre outras atribulações.

Conforme Mário Brito, os governantes brasileiros, para seguir o caminho e inserir o país na era da modernização, investiram no saneamento econômico e no saneamento público. De um lado, Osvaldo Cruz combatendo a febre amarela e, de outro, Pereira Passos urbanizando o Rio de Janeiro. “Sob o signo do Progresso, ingressa o país no ciclo da técnica, em busca, eufórica, de uma afirmação civilizada e civilizadora.”³¹¹ O progresso e a modernidade representavam a afirmação da nacionalidade.

Monteiro Lobato, utilizando-se da influência de Friedrich Nietzsche para pensar o conceito de progresso, investiu nesse pensamento, até visualizar de perto as conseqüências que este projeto poderia causar. Lobato foi muito influenciado por este pensador, como se verifica em carta ao amigo Rangel, na qual recomenda a leitura de suas obras

³⁰⁹ BRITO, Mário da Silva. **História do modernismo brasileiro**, 1: antecedentes da semana de arte moderna. 6.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1997, p.19.

³¹⁰ SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão**: tensões sociais e criação cultural na primeira república. São Paulo: Brasiliense, 1999. p. 29.

³¹¹ BRITO, **op. cit.**, p.22.

Rangel: há muito que quero insistir em Nietzsche, e dele te mando um volume que lerás e devolverás, e então mandarei outro. Não há Nietzsches nas livrarias desta Zululândia. Estes me vieram de França. Considero Nietzsche o maior gênio da filosofia moderna – e o que vai exercer maior influencia.³¹²

A partir dessas leituras, Lobato formulou suas críticas com relação ao progresso ao longo de sua vida e em obras das décadas de 1930 e 1940 (ao final da carreira). Nesta fase da vida do autor, o progresso aparece sempre ameaçado pela natureza humana, em função tanto dos problemas decorrentes da vida moderna como da eficiência bélica que ele traz.

Para Nietzsche, tudo o que é chamado de “progresso” reside na transformação, por isso, quando se enaltece o progresso, refere-se ao movimento e às coisas que impedem que fiquemos no mesmo lugar, assim como quando se fala nesse conceito se pensa na evolução. Mas é um absurdo acreditar que ele necessariamente deva ocorrer. Para ele, o progresso seria um retorno à natureza, um elevar-se.³¹³

A humanidade não representa de *maneira nenhuma* uma evolução para melhor, para o que é mais forte, para o que é mais elevado, no sentido em que se acredita agora. O “progresso” é somente uma ideia moderna, quer dizer, uma ideia falsa. O europeu de hoje permanece, na sua escala de valor, bem acima do europeu do Renascimento. Perseguir a sua evolução, isto não quer absolutamente dizer *necessariamente* crescer, aumentar, ficar forte.³¹⁴

Na trajetória de Monteiro Lobato, as idealizações em torno do progresso e as reflexões feitas a partir dos escritos de Nietzsche tornaram-se mais complexas quando realizou sua viagem aos Estados Unidos. O que se sabe deste período pouco documentado é que o escritor saiu do Brasil no dia 25 de maio de 1927, durante o governo de Washington Luís. Ao chegar aos Estados Unidos, foi recebido por um representante da empresa Ford, pois, antes de partir, Lobato havia traduzido algumas obras do empreendedor Henry Ford.³¹⁵ Em sua estada no país adquiriu automóvel, rádio e morou em apartamento, visitou a sede da Ford em Detroit, procurou despertar o interesse do governo brasileiro para o aproveitamento dos nossos recursos ferríferos e perdeu dinheiro na quebra da bolsa em 1929.³¹⁶

No volume 1 de *Cartas Escolhidas*, em que encontramos algumas correspondências do escritor com inúmeras pessoas. Nessas correspondências, com fins comerciais, políticos,

³¹² LOBATO, Jose Bento Monteiro. **A barca de Gleyre**. São Paulo: Brasiliense, 1959. Obras Completas, v.I, p.65.

³¹³ NIETZSCHE, Friedrich. Progresso e fim da história. In.: _____ . **Escritos sobre história**. Trad. Noéli Correia de Melo Sobrinho. Rio de Janeiro: Ed. PUC - Rio; São Paulo: Loyola, 2005, p. 252-264.

³¹⁴ NIETZSCHE, **op. cit.**, p.266.

³¹⁵ Entre as traduções que Monteiro Lobato fez estão: *Minha philosophia da indústria, Minha vida e minha obra e Hoje e amanhã*.

³¹⁶ NUNES, Cassiano. **Monteiro Lobato: o editor do Brasil**. Rio de Janeiro: Contraponto: PETROBRAS, 2000.

literários e domésticos, percebemos o entusiasmo de Lobato com a tão sonhada nação. Em carta endereçada a Heitor de Moraes, amigo da família:

Já estamos americanizados, isto é, já temos automóvel e rádio. [...] Sente-se em tudo a riqueza espantosa do país. Não há pobres, o pobre daqui equivale ao remediado daí. [...] A cidade é um oceano de automóveis. [...] Tudo é tão desconformemente grande, [...]. A mim o que mais me assombrou foi a New York subterrânea, com as suas numerosas linhas de *subway*, seus trens, suas estações imensas, restaurantes, lojas, cafés, livrarias, etc. etc. tudo invisível para quem anda na New York da superfície. [...] Eu, por mim, não sairia mais daqui, porque o Brasil torna-se grotesco visto de longe. [...] Só agora meço em toda a extensão o atraso infinito e a estupidez maior ainda da nossa gente.³¹⁷

Meu caro Heitor: se soubesses que delícia é viver num país realmente civilizado, 5.000 milhas distantes dessa perpétua e feia mazorca que é o Brasil, darias pinotes para seres nomeado qualquer coisa fora.³¹⁸

Na *Barca de Gleyre*, mais entusiasmo, agora proclamado ao amigo Godofredo Rangel:

Sinto-me encantado com a América. O país com que sonhava. Eficiência! Galope! Ninguém andando de costas! [...] Passarinho aqui é gente, Rangel. Todos os bichos aqui são gente – cães, gatos, esquilos ... E há hospitais para os bichinhos como não há aí para os jécas. [...] Rangel: eu sou um peixe que esteve fora d'água desde 1882, quando nasci, e só agora caiu nela. Isto aqui é o mar do peixe Lobato. Tudo como quero, como sempre sonhei.³¹⁹

O *rush* deste país rumo ao futuro é um fenômeno, Rangel! Quando escrevi *O Choque*, pus entre as maravilhas do futuro a televisão. Pois já é realidade. O *Times* de hoje anuncia que a estação WCFW vai inaugurar comercialmente a irradiação de imagens. O sonho que localizei em séculos futuros encontro realizado aqui.³²⁰

Até a música me entreguei, eu, tão pouco musical. O jazz me deleita, e enlevo-me nos *songs*, nos *Broadway hits*, no perpetuo marulho oceânico desta Broadway onde moro. [...] O nosso Brasil anda tão fora do mundo moderno, tão a parte de tudo, que necessita para o seu estomago de comidinhas *ad hoc*, meio século atrasadas do menu das grandes terras.³²¹

Em Nova York, Lobato, além de comparar o atraso brasileiro com o progresso norte-americano, refletiu sobre as causas destas desigualdades, e concluiu que o referido fenômeno era consequência do não aproveitamento do ferro e do petróleo, recursos naturais existentes no Brasil. O problema, segundo ele, era muito mais de caráter econômico do que político-institucional, como havia insistido anos antes.³²²

³¹⁷ Carta de 26/06/1927 encontra-se em: LOBATO, Jose Bento Monteiro. **Cartas escolhidas**. 3 ed. São Paulo: Brasiliense, 1964. v.I. p. 203-204.

³¹⁸ Carta de 27/08/1929 encontra-se em: LOBATO, **op. cit.**, p. 291.

³¹⁹ Carta de 17/08/1927 encontra-se em: LOBATO, Jose Bento Monteiro. **A barca de Gleyre**. São Paulo: Brasiliense, 1959. v.II. p. 302.

³²⁰ Carta de 17/08/1928 encontra-se em: LOBATO, **op. cit.**, p. 309.

³²¹ Carta de 26/06/1930 encontra-se em: LOBATO, **op. cit.**, p. 321-322.

³²² CAMPOS, **op. cit.**, p.90.

Somente agora vejo claro no complexo problema brasileiro. Todos os nossos males, econômicos, financeiros e morais, inclusive a voracidade política, a falta de saúde, o safadismo carioca, o fermento revolucionário, a peste do militarismo, etc, provêm de uma causa única: pobreza, anemia econômica. Vou além: miséria. Sempre tive a intuição da nossa pobreza e o proclamei, mas foi aqui que vim tirar a prova real dela. [...] Medite no caso e verá que todos os nossos males econômicos e defeitos de caráter vão, quando lhes seguimos os rastros, radicar numa tônica única, a pobreza. Mas por que somos pobres? Como pode ser pobre um país de tal extensão territorial, com tais reservas e potencialidade? A resposta impõe-se: *porque não produz ferro.*³²³

Em *América*, livro que discute o desenvolvimento econômico e tecnológico dos Estados Unidos, e foi publicado pela primeira vez em 1932, pouco depois de Monteiro Lobato retornar daquele país - onde permaneceu por quase quatro anos junto ao consulado brasileiro de Nova York - podemos perceber claramente suas conclusões sobre a produção de ferro e de petróleo no Brasil.

O ferro dará a vocês a máquina, o grande engenho que aumenta a eficiência do homem. [...] Produzindo ferro, terão a máquina e produzindo carbono terão a energia mecânica necessária para mover a máquina. Só assim a unidade territorial do seu país, que é a maior das riquezas, poderá ser assegurada. [...] A primeira significação do ferro é transporte em todas as suas modalidades. Só o transporte, na intensidade em que o temos aqui, suprime o regionalismo e, portanto, só o transporte *nacionaliza*. [...] A escassez de transporte, continuou ele, *regionaliza*. Faz que os grupos de população se diferenciem de mentalidade e acabem antagonísticos. [...] A diferenciação de mentalidade acarreta antagonismos invencíveis, fomenta a idéia secessionista e acaba desagregando o país. O remédio é homogeneizar a massa. Faze-la circular. [...] Só o ferro unifica, porque só ele dá transporte, o grande homegeneizador. [...] Somos o país mais homogêneo do mundo. Daí a nossa força.³²⁴

Como se vê, a pobreza do Brasil, decorre de não produzir ferro e não haver desentranhamento o seu petróleo, numa era em que ferro e petróleo constituem a base econômica dos grandes países, vai lentamente conduzindo o trabalho de sapa da desagregação.³²⁵

Os encontros entre o protagonista da narrativa e o inglês culto e erudito que aparece também em *Mister Slang e o Brasil*, renderam diálogos ocorridos em uma série de visitas a diferentes cidades americanas - Detroit, Washington, Filadélfia - onde os dois fizeram comparações entre a realidade brasileira e a norte-americana. Ao longo dos 36 capítulos, eles buscam possíveis soluções para os problemas enfrentados pelo Brasil na época, como é o caso dos regionalismos e intuítos separatistas já citados acima e de outros, como podemos observar:

Fizera-me ele notar, certa vez, que os brasileiros não descendentes de negro ou índio são puros europeus transplantados, com muito mais sedimentação européia n'alma do que americana. [...] – Esta paisagem

³²³ Carta de 03/05/1928 encontra-se em: LOBATO, Jose Bento Monteiro. **Cartas escolhidas**. 3 ed. São Paulo: Brasiliense, 1964. v.I. p. 233-234.

³²⁴ LOBATO, Jose Bento Monteiro. **América**: os Estados Unidos de 1929. 2 ed. São Paulo: Brasiliense, 1948. p. 276-278.

³²⁵ LOBATO, **op. cit.**, p.290.

tropical, dissera Mr. Slang, só pode falar á alma de negros ou índios, ou dos que têm no sangue predominância de sangue negro ou índio. Só negros ou índios, ou seus descendentes, com milenios de adaptação aos trópicos, reagem diante das formas e tonalidades tropicais. Esta pujança da natureza, crua e brutal, estes verdes que varam o ano sem mudar de tom, nada disto nos toca, a nós europeus, nem pode tocar aos daqui de pura descendência européia. Somos filhos de clima de inverno, [...]. Daí a atração de vocês pela Europa, [...].³²⁶

Também lá no Brasil não fazemos outra coisa senão trabalhar, desde que Pedro Álvares pôs pé em terra – e, no entanto, não enriquecemos. [...] – A soma de trabalho feito no Brasil é mínima comparada com a do feito aqui. Falta a vocês o grande estimulante do trabalho, que é o inverno. O homem só produz o bom trabalho que dá para a subsistência e sobra para ir-se acumulando em riqueza, quando o inverno está atrás dele de chicote em punho. É o frio o supremo criador. [...] A gente das terras quentes, não se vendo sujeita a essa chibata, jamais aprende a acumular – além de que possuem um trabalho de muito fraco rendimento. O melhor das energias é gasto na luta contra o calor depressivo, pois que a boa arma nesse combate se chama “inação”.³²⁷

As mais extensas e férteis planícies de cultura, tão bem ajeitadas para o trabalho mecânico que o serviço não mais necessita ser feito a unha humana ou casco de boi, como é clássico em matéria de agricultura. Tudo a maquina. Daí uma agricultura sempre em crise por excesso de produção. [...] O trabalho bruto foi transferido para a maquina. Ao homem ficou dirigir a maquina. Em todo o mundo, em todo o resto da América, no Brasil – que é o homem do campo? Já fui fazendeiro, sei. O “camarada” ocupa o ultimo degrau da escala social. Ainda no estagio do homem de pé-no-chão, a receber por ele todas as infecções parasitarias. Roupas de riscado toda remendos, chapéu de palha a indígena. Nada de cultura e nem sombra de esperança de poder da-la aos filhos. Morador de casebre de palha, sem mobília, sem conforto, sem assoalho, sem teto. Um ilota que não tem nada além de dividas na venda [...]. Aquele patife lá, de charuto na boca e perneiras, com radio em casa e certamente um Ford no fundo do quintal, ganhará quanto? No mínimo cinco dólares por oito horas de trabalho. O nosso Jeca, por um trabalho muito mais penoso e de sol a sol, apanha, em media, 2.000 réis, que ao cambio de 10\$000 por dólar correspondem a 20 centavos – a vigésima quinta parte do jeca americano! [...] – Outro aspecto totalmente novo para quem chega da América do sul, é este das habitações rurais. Em nada diferem das urbanas. [...] – O grande orgulho do americano está nisto, neste alto padrão de vida jamais alcançado em país nenhum e sempre julgado sonho inatingível, [...]. A América é a terra do ver para crer. [...] – Tudo conseqüência lógica do aumento da eficiência do homem graças ao uso progressivo da maquina.³²⁸

Clima e raça voltam a ser discutidos, assim como a improdutividade do trabalhador brasileiro, que acumulava mais que uma enfermidade, tornando-se um entrave ao progresso e ao desenvolvimento do país. Também são temas das conversas a desvalorização da agricultura e do agricultor e o sistema político e eleitoral brasileiro: “O voto falso é aqui, como em toda a América do Sul, salvo Uruguai e Argentina, a causa de todos os males.”³²⁹

Segundo Thomas Skidmore, junto com a industrialização contínua do Brasil veio, nesse período, um crescente descontentamento com a política interna, que se espalhava sob a forma de uma repulsa cada vez mais forte à crença liberal de que a democracia era o melhor protetor das liberdades individuais e dos interesses econômicos de todos. E, de fato, a

³²⁶ Idem, p.17-18.

³²⁷ LOBATO, **op. cit.**, p.84-85.

³²⁸ Idem, p. 65-68.

³²⁹ Idem, p.174.

democracia no Brasil no início do século XX estava cheia de suspeitas, que correspondiam à realidade de fraude eleitoral.³³⁰

Para o mesmo autor, os ataques ao liberalismo após a Primeira Guerra não ocorriam apenas no Brasil. Pensadores europeus como Oswald Spengler produziam grandes teorias para explicar o declínio da civilização ocidental. Contudo, no Brasil, o enfoque dado ao tema foi outro. A intelectualidade primeiramente se preocupou com os defeitos do sistema político em vez de pensar nas questões filosóficas, como acontecia nos outros países. Um desses defeitos era a frequente crise do próprio sistema político, com fraude generalizada e manipulação eleitoral, tanto no nível federal como no estadual. Uma segunda decepção era com relação ao fracasso da economia que não crescia tão rapidamente e na proporção desejada, pois mesmo tendo, em parte, se industrializado, o Brasil continuava dependente dos ganhos com a exportação, basicamente de um único produto, o café.³³¹

Reclamações como a falta de ética na imprensa brasileira e a organização das eleições, entre outros problemas, são expressas nas cartas:

Que falta faz ao Rio um jornal sereno a sério como o New-York Times! Habituei-me a lê-lo e o contraste que forma com a nossa imprensa tão viciada me entristece profundamente. [...] Tenho feito o que posso no meu cargo, mas esbarro na indiferença nacional. Cada pedido de informação que faço ou não recebe resposta ou chega com tal atraso e deficiência que de bem pouco vale. Já vi que querer nem sempre é poder e que a soneta que o Brasil dorme não é uma figura de retórica.³³²

Que beleza as eleições! Só vendo! 38 milhões de eleitores perfeitamente conscientes e instruídos sobre os méritos dos três candidatos, concorreram às urnas, [...] sem um tumulto, sem porradas, sem berreiro, sem nem sequer interromper a vida comercial do dia.³³³

Lobato colocou todo o seu descontentamento com relação à política do país, na literatura infantil. Em *O Minotauro* e em *A reforma da natureza*, o autor fala sobre democracia:

– Porque para o homem o clima “certo” é um só: o da liberdade. Só nesse clima o homem se sente feliz e prospera harmoniosamente. Quando muda o clima e a liberdade desaparece, vem a tristeza, a aflição, o desespero e a decadência.³³⁴

Mas Dona Benta era a democracia em pessoa: jamais abusou da sua autoridade para oprimir alguém. Todos eram livres no sítio, e justamente por essa razão nadavam num verdadeiro mar de felicidade. [...]

³³⁰ SKIDMORE, Thomas E. **Uma história do Brasil**. Trad. Raul Fiker. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003. p.137.

³³¹ SKIDMORE, **op. cit.**, p. 149.

³³² Carta de 19/09/1927 encontra-se em: LOBATO, Jose Bento Monteiro. **Cartas escolhidas**. 3 ed. São Paulo: Brasiliense, 1964. v.I. p. 212.

³³³ Carta de 17/11/1928 encontra-se em: LOBATO, **op. cit.**, p. 264.

³³⁴ LOBATO, Monteiro. *A reforma da natureza*. **O Minotauro**. São Paulo: Círculo do Livro, 1984. p. 111.

E assim terminou a aventura emiliana da reforma da natureza. Emília aprendeu a planejar a fundo qualquer mudança nas coisas, por menor que fosse. Viu que isso de reformar às tontas, como fazem certos governos, acaba sempre produzindo mais males do que bens.³³⁵

Essa última preocupação do autor com as reformas realizadas pelo governo brasileiro já haviam aparecido em *América*:

Resolver não conserta. O que conserta é *criar, aumentar*. Todas as revoluções explodem em consequência da pobreza, da miséria, da falta de oportunidades. Mas o remédio para a pobreza, para a miséria, para a falta de oportunidades, nunca foi *resolver* e sim *criar*. Com o que vai gastar para *resolver*, o pobre Brasil criaria as duas grandes indústrias cuja ausência determinou o mal estar deflagrado em revolução...³³⁶

Conforme Campos, nos Estados Unidos o escritor confirmou algumas opiniões que já havia desenvolvido, assim como as estratégias para vencer o atraso brasileiro, mas também adquiriu outras. A que mais se acentuou no seu retorno foi a questão industrialista, que tinha como elementos indispensáveis para sua efetivação as riquezas naturais, o trabalho, o transporte e a criação de um mercado interno. Para Lobato, nesta sua nova fase, estes seriam os subsídios norteadores de um projeto de progresso.

Além de trazer o progresso, a industrialização completaria a tarefa de construir a nacionalidade. Segundo Campos, “na concepção de Lobato, a história aparece condicionada a “surto de eficiência” provocados pelo trabalho humano, que age sobre a natureza, com o auxílio da técnica.”³³⁷

Quem diz sistema americano, métodos americanos, está ipso facto referindo-se a sistema ou métodos nos quais a característica fundamental nasce da preocupação da eficiência. E essa preocupação já galgou até a máquina administrativa. Por absurdo que o pareça, a administração americana é eficiente.³³⁸

Depois da experiência nos Estados Unidos (a partir de 1931), inicia sua terceira fase de explicação do Brasil. Nesta, Lobato compara o Brasil com os Estados Unidos, mas em vez de supor que a diferença estava nos elementos humanos, conclui que a diferença fundamental residia na utilização do ferro e do petróleo. A partir de então, sua insistência nesses temas, é uma tentativa de criar uma nova consciência social e política no Brasil. O autor Dante Leite salienta que Monteiro Lobato passou de uma fase nitidamente ideológica, em que

³³⁵ Respectivamente em: LOBATO, Monteiro. **A reforma da natureza**. O Minotauro. São Paulo: Círculo do Livro, 1984. p. 14 e 56.

³³⁶ LOBATO, Jose Bento Monteiro. **América**: os Estados Unidos de 1929. 2 ed. São Paulo: Brasiliense, 1948. p. 292.

³³⁷ CAMPOS, **op. cit.**, p. 98-99.

³³⁸ LOBATO, Jose Bento Monteiro. **América**: os Estados Unidos de 1929. 2 ed. São Paulo: Brasiliense, 1948. p. 281.

responsabilizava a classe mais pobre pelo atraso do país, para uma fase de explicação econômica, pelo desenvolvimento industrial e energético do Brasil.³³⁹

Na leitura de suas obras encontramos ainda inúmeras comparações feitas por Lobato entre os dois países, além da descaracterização e desqualificação atribuída ao Brasil em diversos momentos, como em carta enviada a Heitor em 04/07/1928: “Se eu aí fazia uma idéia triste do Brasil, imagine agora, que pude comparar...”³⁴⁰ ou ao amigo Rangel em 05/09/1927: “O Brasil... Como está longe, no espaço e no tempo!”³⁴¹

Ainda não consegui receber um só dos jornais que mandei assinar. É mesmo um carro de boi o nosso Brasil. Que contraste com esta terra de velocidade, onde tudo pula pra ganhar tempo – a coisa que tem maior valor para o americano... [...] Civilizar-se é enriquecer.³⁴²

Que te dizer deste maravilhoso país? As impressões são tantas que não cabem em carta, nem em livro. [...] Para ter uma idéia imagine tudo ao contrário daí – e consulte o cinema. [...] Vim besta pelo resto da minha vida e com uma tristeza imensa do Brasil não ser assim. [...] E o que mais me assombra aqui – a riqueza, o bem-estar do povo. Pela primeira vez na vida da humanidade uma organização social alcança este assombroso resultado – permitir que todos vivam folgadoamente do seu trabalho, havendo trabalho muito bem pago para todos. [...] Tenho lido nos jornais brasileiros e sei por eles que o caranguejo continua a andar de lado.³⁴³

Que estupidez infinita ter estragado uma vida inteira aí... A ilusão do brasileiro é um caso sério. O mundo, agora vejo já está na hora do rádio – e o Brasil inda lasca pedra. [...] O Brasil dorme. Daqui se ouve o seu ressonar. Dorme e é completamente cego. Caso perdido.³⁴⁴

Como vê, tudo é possível – mesmo porque tudo é arquipossível neste país positivamente maravilhoso. [...] Vim com a idéia de que era isto um grande povo. Já agora estou convencido que é o único povo inteligente que há no mundo. Único, sabe!³⁴⁵

Vivemos em dois mundos bem diversos, por assim dizer polares. O que tem grande importância aí não tem aqui nenhuma, e vice-versa. Apenas eu objetarei que as coisas que têm importância aqui, “resultam”, *work*, como se diz na língua da terra, e as coisas de importância aí causam agitação, consumo de superlativos, rouquidão de garganta – mas tudo fica na mesma.³⁴⁶

A experiência de Lobato nos Estados Unidos foi marcante. Ele conheceu um país industrialmente desenvolvido de forma plena, e ficou apaixonado pela modernidade das máquinas e da tecnologia. Residindo em Nova Iorque, mergulhou em seu sonho. Tomou

³³⁹ LEITE, Dante Moreira. **O caráter nacional brasileiro**: historia de uma ideologia. 6.ed. São Paulo: UNESP, 2002. p. 414.

³⁴⁰ LOBATO, Jose Bento Monteiro. **Cartas escolhidas**. 3 ed. São Paulo: Brasiliense, 1964. v.I. p. 252.

³⁴¹ LOBATO, Jose Bento Monteiro. **A barca de Gleyre**. São Paulo: Brasiliense, 1959. v.II. p. 304-305.

³⁴² Carta de 11/02/1927 encontra-se em: LOBATO, Jose Bento Monteiro. **Cartas escolhidas**. 3 ed. São Paulo: Brasiliense, 1964. v.I. p. 206.

³⁴³ Carta de 18/09/1927 encontra-se em: LOBATO, **op. cit.**, p. 207-209.

³⁴⁴ Carta de 26/10/1927 encontra-se em: LOBATO, **op. cit.**, p. 214.

³⁴⁵ Carta de 10/12/1927 encontra-se em: LOBATO, **op. cit.**, p. 218-219.

³⁴⁶ Carta de 24/01/1929 encontra-se em: LOBATO, **op. cit.**, p. 271.

conhecimento de novas técnicas de beneficiamento de minério de ferro, visitou as indústrias Ford, e deslumbrando-se. Fascinado pelos Estados Unidos, ele planejou a criação de companhias que viabilizassem no Brasil o emprego de técnicas modernas para a transformação do ferro em aço. Sua imersão no mundo capitalista chegou ao auge quando investiu na Bolsa de Valores de Nova Iorque e com ela quebrou.

Mas os reflexos desta experiência não param por aí. Como podemos observar em carta ao amigo Fernando Costa de 1940, as consequências dessa viagem vão muito além das primeiras impressões que o autor teve, culminando na sua desilusão e desencantamento com o Brasil, o mundo moderno e o progresso.

Quando vim da América, veio comigo, no coração, um grande sonho: dedicar minha vida à campanha da solução do problema do ferro e do petróleo, que só na América percebi que eram fundamentais para a nossa economia. E passei dez anos no “maior combate da história”, quase sozinho, abrindo os olhos da nossa gente com artigos de jornais, livros para gente grande, livros para crianças, conferências. A coisa virou mania, fanatismo. Até o Dr. Getúlio, no Catete, sofreu uma das minhas injeções hipodérmicas sobre o petróleo e o ferro. Ninguém acreditava nisso e era preciso que todos acreditassem. [...] A idéia central era dar petróleo ao Brasil para que ele se desencarngasse. [...] Que dolorosa desilusão! As misteriosas forças secretas que nos combatiam, chefiadas por Fleuri, armaram-se, [...]. E o Conselho Nacional do Petróleo transformou-se no que é: numa Câmara de Suplícios, numa guilhotina. [...] Ah! Fernando, a minha dor é grande porque o meu sonho do petróleo foi grande demais.³⁴⁷

Só me entristece uma coisa: ter demorado tanto para me desempear do atoleiro em que permaneci desde 1931, época de minha volta dos Estados Unidos. O Brasil é aquele tremedal que eu descrevo no Bocatorta.³⁴⁸

3.2: Somos todos Jecas Tatus

Segundo Nísia Trindade Lima, em muitos casos na história e na literatura brasileira houve uma autoidentificação do intelectual com o caipira, o caboclo ou o sertanejo, a que se atribuiu um caráter positivo, aparecendo em diversos momentos, como nos depoimentos de Rondon, Euclides da Cunha, Belisário Penna e do próprio Monteiro Lobato.³⁴⁹ No caso do médico do século XIX, ser caipira significava não aderir facilmente a modismos, assumir um ponto de vista mais autêntico, ainda que contrário às tendências em voga na Europa. Ser caipira significava ser brasileiro.

³⁴⁷ Carta escrita em 29/04/1940 encontra-se em: MONTEIRO LOBATO, Jose Renato. **Cartas escolhidas**. v.2. São Paulo: Brasiliense, 1959. p. 52-56.

³⁴⁸ Carta escrita de Buenos Aires a Edgar Cavalheiro, em 14/09/1946 encontra-se em: MONTEIRO LOBATO, **op. cit.**, p. 198.

³⁴⁹ LIMA, Nísia Trindade. **Um sertão chamado Brasil**: intelectuais e representação geográfica da identidade nacional. Rio de Janeiro: Revan/IUPERJ-UCAM. 1998. p.151.

Para a autora, essa autoidentificação está associada também à concepção ruralista ou agrarista, que via na agricultura a essência da sociedade brasileira, e a terra como verdadeiro gerador de riqueza; e à defesa das manifestações folclóricas e o empenho de sua preservação por parte do homem do interior. Contudo, essa autoidentificação não é encontrada apenas nos autores adeptos do ruralismo e do bandeirismo, como é o caso de Monteiro Lobato.

Conforme Lima, o escritor assumiu a identidade do caipira ao reunir seus artigos sobre arte e modernismo no livro *Idéias de Jeca Tatu*.³⁵⁰ A defesa de uma arte nacional, em conteúdo e estilo, mais especificamente do naturalismo como manifestação estética, é a concepção norteadora da obra. Segundo Lima, “Defender o Jeca assume o significado de defender uma posição nacionalista.”³⁵¹

Lançado pela primeira vez em 1919, o livro *Idéias de Jeca Tatu* é uma reunião de 35 artigos de Monteiro Lobato publicados na imprensa paulista da época. Os temas abordados vão das artes plásticas à literatura, da estética à mitologia, sempre com a visão crítica e autêntica do autor, que se questiona “Quando nos virá a esplêndida coragem de sermos nós mesmos [...]?”³⁵²

Nessa obra, Monteiro Lobato fala de arte, e se rebela contra “o francesismo, a francesia, a nossa completa anulação de personalidade diante da França. [...] Em numerosas páginas deste volume a “terra” aparece em suas onímodas expressões – o interior, a roça, a gente da roça, os costumes e comidas da roça.”³⁵³

Já no prefácio da 1ª edição, o próprio autor esclarece e se defende:

Uma idéia central unifica a maioria destes artigos, dados à estampa em “O Estado de São Paulo”, na “Revista do Brasil” e em outros periódicos. Essa idéia é um grito de guerra em prol da nossa personalidade... [...] Jeca Tatu, coitado, tem poucas idéias nos miolos. Mas, filho da terra que é, integrado como vive no meio ambiente, se pensasse, pensaria assim. Justifica-se pois o título.³⁵⁴

E, ao longo dos artigos, sugere a valorização do indivíduo do interior, colocando-se também como um e não esquecendo de relacionar esse tipo brasileiro ao progresso: “O Brasil

³⁵⁰ LIMA, *op. cit.*, p.152.

³⁵¹ Idem, p.153.

³⁵² LOBATO, Jose Bento Monteiro. Arte brasileira. In.: _____ . **Idéias de Jeca Tatú**. 11 ed. São Paulo: Brasiliense, 1964. p.190.

³⁵³ O trecho citado encontra-se na “Nota dos Editores”, logo no início do livro: **Idéias de Jeca Tatu** de Monteiro Lobato.

³⁵⁴ Ver o prefácio da 1ª edição do livro: **Idéias de Jeca Tatu** de Monteiro Lobato.

ainda é o caboclo, empunhando o machado e o facho incendiado na luta, arca por arca, contra a hispidez envolvente para que nas clareiras entreabertas tome assento a civilização.”³⁵⁵

A viagem aos Estados Unidos reforçou essa visão e esta autoidentificação do escritor. Ao se deparar com o progresso e o avanço técnico dos Estados Unidos, Lobato conclui que somos todos Jecas Tatus, independentemente se no campo ou na cidade. Como vemos neste trecho de *A barca de Gleyre*: “O Brasil é uma Jecatatuásia de oito milhões de quilômetros quadrados.”³⁵⁶ Já nas *Cartas Escolhidas* temos a confirmação: “Somos uns mendigos se nos comparamos a este povo.”³⁵⁷

Eu precisaria de escrever um livro para contar tudo o que lá se passou, tudo o que vi e aprendi – e de que maneira eu, este caboclinho de Taubaté ou Buquira, *decidi* dos destinos da metalurgia no Brasil e dei as bases e os nomes da empresa que vai operar aí em conexão com a General Reduction Corporation, uma empresa nova composta de cinco *aggressif men* que vão inverter nela, cada um, cem milhões de dólares.³⁵⁸

Talvez esta autoidentificação do autor nos ajude a compreender a mudança de suas concepções, principalmente com relação ao progresso que veremos adiante. Segundo Lilia Schwarcz, civilização e progresso foram termos de grande estima na época de Lobato, sendo entendidos não enquanto conceitos específicos de uma determinada sociedade, mas como modelos universais.³⁵⁹

O modelo evolucionista seguido durante um bom tempo pela intelectualidade brasileira entendia o progresso como obrigatório e restabelecia a noção de humanidade única, ou seja, progredir não significava e não se referia apenas a termos materiais, mas também ao biológico. Por isso, a evolução da população deveria acontecer primeiro, era pré-requisito básico para o desenvolvimento econômico e industrial.³⁶⁰ Observamos esta concepção bem clara na seguinte frase de Lobato: “A importância de um país não depende do tamanho territorial, nem do número de habitantes. Depende da qualidade do povo.”³⁶¹

Já para os autores adeptos ao darwinismo social, o progresso estaria limitado às sociedades “puras”, que estivessem livres de um processo de miscigenação, deixando a

³⁵⁵ LOBATO, Jose Bento Monteiro. A paisagem brasileira. In.: _____. **Idéias de Jeca Tatú**. 11 ed. São Paulo: Brasiliense, 1964. p.58.

³⁵⁶ LOBATO, Jose Bento Monteiro. **A barca de Gleyre**. São Paulo: Brasiliense, 1959. vol. II. p.40.

³⁵⁷ Carta de 03/05/1928 encontra-se em: LOBATO, Jose Bento Monteiro. **Cartas escolhidas**. 3 ed. São Paulo: Brasiliense, 1964. v.I. p. 234.

³⁵⁸ Carta escrita em 1928 em Nova York, encontra-se em: LOBATO, **op. cit.**, p. 249.

³⁵⁹ SCHWARCZ, Lilia Mortiz. **O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil: 1870-1930**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. p.57.

³⁶⁰ SCHWARCZ, **op. cit.**, p. 58.

³⁶¹ LOBATO, Jose Bento Monteiro. A reforma da natureza. **O minotauro**. São Paulo: Círculo do Livro, 1984. p. 101.

evolução de ser entendida como obrigatória. Para o Brasil, isso não valia, pois a nação já estava miscigenada, era preciso fazer com que a população passasse por um processo de branqueamento. Surgem então, as ideias eugênicas.

Segundo Márcia Naxara, o progresso aparecia como “força inelutável, avassaladora”, que pesava como uma sentença sobre os povos atrasados e que, ao mesmo tempo, instituía também a única saída possível, sob qualquer ponto de vista. A predominante interpretação da história se fez pela dicotomia civilização e barbárie, opondo o atraso e o progresso. No caso brasileiro, a questão se colocava em termos de busca das causas que geravam o atraso e da estimativa das possibilidades para se alcançar o progresso.³⁶²

Podemos dizer que desde seus primeiros escritos, Lobato denunciava o atraso e pedia soluções para o progresso. Seu artigo de 1914 (Uma Velha Praga), falava sobre o atraso da agricultura brasileira, em particular, sobre a região do Vale do Paraíba, com sua precária agricultura de subsistência, focalizando, em especial, a preguiça do caboclo. Nessa primeira versão do Jeca, o mal, o atraso, estava na raça, a miscigenação explicava tudo. Éramos um povo fraco.

Segundo Naxara, as preocupações de Lobato em relação ao progresso e à civilização são assinaladas também em *Urupês*, quando afirma que o caboclo era “inadaptável à civilização”.³⁶³ Para Lobato, uma das vias para se chegar ao progresso, ao desenvolvimento da civilização, da nação, seria por meio do trabalho, por isso, criticou tanto o modo de vida caipira, sem a preocupação de acumular riquezas e apenas produzir para sobreviver. Nesse sentido, o progresso estaria ligado ao desenvolvimento da produção e, conseqüentemente, ao crescimento econômico.

Para a mesma autora, a preocupação de Lobato com o progresso não aceitava o encantamento e o exagero de otimismo que ofuscava e escondia a árdua realidade sobre as condições de vida de grande parte da população cabocla. Ao fazer a denúncia, no entanto, colocou um peso enorme sobre os ombros do caboclo, atribuindo-lhe responsabilidades e o seu próprio estado de miséria, qualificando-o como “incapaz de evolução, impenetrável ao progresso”, pela sua própria natureza.³⁶⁴

Lobato tinha uma preocupação social, vendo na condição do caipira paulista um obstáculo ao progresso que ele julgava necessário e inevitável. Seu tom era de denúncia. Ele, respectivamente, delatava a miséria do caipira e o responsabilizava por isso. Monteiro

³⁶² NAXARA, Márcia Regina Capelari. **Estrangeiro em sua própria terra**. São Paulo: Anna Blume / FAPESP, 1998. p.44.

³⁶³ NAXARA, **op. cit.**, p.44.

³⁶⁴ Idem, p.137.

Lobato, assim, “construiu a imagem do caipira, caricaturizado no personagem Jeca Tatu, como a grande praga nacional.”³⁶⁵

Para Naxara, o que está em questão, para o autor, na elaboração da imagem do caipira, “não é exatamente a preservação da natureza, mas sim a questão da produtividade, do progresso, que está a exigir um uso capitalista da terra, que cobra do caipira a sua própria cultura e estilo de vida, exigindo uma participação efetiva na sociedade.”³⁶⁶

Até por volta de 1915, a suposta incapacidade racial do brasileiro era considerada o obstáculo para a modernização. Depois, segundo os sanitaristas, o atraso se devia à doença e não ao determinismo biológico. Por último, após a passagem pelos Estados Unidos, Lobato defende que nosso atraso, ou pelo menos o atraso da modernização, se dava pela falta de recursos minerais (ferro, petróleo, aço).

Sendo assim, conforme Naxara, atrasado poderia ser definido por não acompanhar o progresso, tanto material como cultural³⁶⁷ e a ideia de progresso era tida basicamente

como crescimento e desenvolvimento da base material da sociedade e, secundariamente, ao menos do ponto de vista imediato, como tendo um caráter mais geral, visando a melhores condições para a sociedade como um todo, ou tomando o desenvolvimento da sociedade como consequência lógica do progresso material.³⁶⁸

Segundo Carlos Jorge Appel, o que estava por trás das histórias de Jeca Tatu que saíam nos almanaques Capivarol e Biotônico Fontoura, era a ideia que Lobato tinha de que qualquer pessoa com saúde poderia progredir e enriquecer.³⁶⁹ Lobato pensava de acordo com o estilo *self made man* americano, em que o homem se faz por si mesmo, por sua própria vontade. E para Landers, a campanha pelo saneamento também tinha a função de promover o progresso do país. Conforme a autora, em Jecatuzinho, “a ideia básica era a de introduzir a noção de prosperidade através da reabilitação da saúde.”³⁷⁰

A identidade tão procurada para o povo brasileiro, devia ser pensada “em função do progresso e da possibilidade da formação de uma sociedade do trabalho no Brasil.”³⁷¹ Isso porque passava-se por um momento de transição entre o trabalho escravo e o livre. O debate

³⁶⁵ Idem, p.134.

³⁶⁶ Idem, p.135.

³⁶⁷ Idem, p.117.

³⁶⁸ Idem, p.49.

³⁶⁹ APPEL, Carlos Jorge. Lobato, um homem da República Velha. In.: ZILBERMAN, Regina (org.). **Atualidade de Monteiro Lobato: uma revisão crítica.** Porto Alegre: Mercado Aberto, 1983. p.26.

³⁷⁰ LANDERS, Vasda Bonafini. **De Jeca a Macunaíma: Monteiro Lobato e o modernismo.** Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1988. p.188.

³⁷¹ NAXARA, **op. cit.**, p. 45.

em torno da questão da identidade, tanto da nação, quanto do povo brasileiro, baseou-se na “concepção evolucionista da história, tendo o progresso como ideia central”.³⁷² Contudo, pairava uma dúvida: seria realmente possível fazer com que nosso país progredisse? Uma vez que era tão “atrasado” se comparado ao mundo “civilizado”?

O liberalismo, o positivismo e o darwinismo social, foram as concepções que então, influenciaram as análises e discussões sobre a “formulação de uma identidade do povo brasileiro e a busca das causas e das soluções possíveis para o atraso dos antigos povos coloniais.”³⁷³ Para Naxara, “a questão do trabalho foi então colocada em pauta como elemento de progresso no Brasil.”³⁷⁴ Os olhares voltaram-se para a população nacional livre e pobre que, para alguns, deveria ser utilizada nesta substituição. Afinal, o progresso e uma civilização pautada nele, eram as ideias que circulavam no Brasil e no mundo, sendo o trabalho o fator determinante para a sua realização e para a organização da sociedade.

Após o fim da escravidão, foi preciso recriar a ideia de trabalho, desvinculada do escravo. A sociedade deveria estar voltada para o trabalho, e este deveria ser visto como qualidade, meio de ascensão econômica e social. Nesse contexto entram os imigrantes, tidos como uma solução para isto, e para a questão racial, pois promoveriam o branqueamento da raça. Eles estavam também, segundo o pensamento da época, mais próximos do progresso. Segundo Naxara, foi da “depreciação do brasileiro como tipo social que emergiu a valorização do imigrante.”³⁷⁵

Após uma revisão a respeito da figura do imigrante e da campanha sanitária, ocorreu um movimento de valorização do sujeito nacional e de revelação das suas difíceis condições de vida, numa tentativa de provar que as tais qualidades negativas que se atribuíam a ele procediam, não de sua natureza, mas do fato de o Brasil possuir uma população doente.³⁷⁶

Nesse período, o pensamento dominante era que, para alcançar o progresso, seria necessário aprimorar a população, fosse promovendo a saúde, através das campanhas sanitárias, a educação e o branqueamento racial. A composição étnica da população era encarada como fator decisivo para o progresso da nação. As doutrinas raciais eram um ponto de partida para descrever e compreender as sociedades, como podemos ver no trecho de A

³⁷² Idem, p.17.

³⁷³ Idem, p.20.

³⁷⁴ Idem, p. 46.

³⁷⁵ Idem, p. 63.

³⁷⁶ Idem, p.72.

mestiçagem das raças na América, de Ayarragaray: “Nas nações da América, sobretudo, o progresso e a estabilidade política não são em definitivo senão uma questão étnica.”³⁷⁷

Em Lobato também encontramos uma opinião a respeito do que seria o progresso. Em *Cartas Escolhidas* temos a seguinte frase: “Civilizar-se é enriquecer.”³⁷⁸ Em *Ideias de Jeca Tatu* aparece o seguinte pensamento: “Progredir, pois, é aumentar o rendimento do trabalho útil pela supressão do atrito.”³⁷⁹ Já em *América*, encontramos:

É da natureza humana, e condição do progresso, a dissatisfação do presente, com ânsia de mais para o futuro.

[...] e progredir é isso, maquirar, inventar [...].

- Apenas vejo no progresso uma lei natural. Sou amigo dele porque sou amigo da lei da gravitação, da lei da evolução, de todas as leis da natureza. Deblaterar contra tais leis me parece das coisas mais ridículas que um homem possa fazer.

Riqueza é trabalho acumulado.

[...] a Ciência produz ferro, matéria prima da civilização.³⁸⁰

Como podemos perceber as concepções com relação ao progresso também mudaram, adquirindo novos contornos em relação ao contexto nacional. Segundo Lígia Militz da Costa, para Lobato, o progresso é uma lei natural, como a lei da evolução. Lobato queria tirar o atraso do país, a partir das potencialidades culturais e econômicas do povo brasileiro.³⁸¹ Todo o progresso obtido até então, com suas máquinas e artefatos, só “realçava o atraso e a miséria e contribuía para uma visão negativa e desesperançada,”³⁸² em relação à parte do país que parecia impermeável ao desenvolvimento. Como nos sugere Enid Yatsuda, o progresso a que Lobato se refere pode ser entendido como sinônimo de capitalismo.³⁸³

A *Revista do Brasil* também expressou não só a preocupação e os ideais da sociedade brasileira, especificamente a paulista, mas, sobretudo, de seu dono, editor e escritor. Em suas páginas, é possível encontrar frequentes discussões ou encaminhamentos sobre o progresso e a Modernidade, como por exemplo, a aplicação das técnicas norte-americanas de organização do trabalho às fábricas brasileiras (taylorismo), a necessidade de modernizar a agricultura,

³⁷⁷ AYARRAGARAY, L. A mestiçagem das raças na América. *Revista do Brasil*, São Paulo, v.1, p.349, mar.1916.

³⁷⁸ Carta de 11/02/1927 encontra-se em: LOBATO, Jose Bento Monteiro. *Cartas escolhidas*. 3 ed. São Paulo: Brasiliense, 1964. v.I. p. 206.

³⁷⁹ LOBATO, Jose Bento Monteiro. *Idéias de Jeca Tatu*. 11 ed. São Paulo: Brasiliense, 1964. p.231.

³⁸⁰ As citações encontram-se respectivamente em: LOBATO, Jose Bento Monteiro. *América: os Estados Unidos de 1929*. 2 ed. São Paulo: Brasiliense, 1948. p. 65,68,72,84 e 275.

³⁸¹ COSTA, Ligia Militz da. Uma obra polêmica e dialógica. In.: ZILBERMAN, Regina (org.). *Atualidade de Monteiro Lobato: uma revisão crítica*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1983. p. 63.

³⁸² NAXARA, *op. cit.*, p.85.

³⁸³ YATSUDA, Enid. O caipira e os outros. In.: BOSI, Alfredo (Org.). *Cultura brasileira: temas e situações*. São Paulo: Atica, 2002. p.111.

assim como debates sobre o equilíbrio ideal entre o nacionalismo e a adoção de métodos estrangeiros na reforma do ensino.

Alguns textos do periódico falam a respeito da pouca receptividade à marcha do progresso. Entre eles estão: *A nossa doença*, *Na retaguarda da civilização e Tradição e progresso*.³⁸⁴ As realizações econômicas, políticas e culturais de um país eram consideradas proporcionais ao estágio da civilização dos seus habitantes. E a condição primeira para o progresso e a modernização seria a existência de uma base étnica estável.³⁸⁵ Aos poucos, a visão negativa, que expunha e propagava os efeitos destrutivos dos cruzamentos, foi cedendo lugar a uma interpretação que elegia a mistura como via privilegiada em direção ao progresso.³⁸⁶

Lobato em “A ação de Osvaldo Cruz” aborda o que faltaria ao brasileiro para progredir ou porque ainda não pôde fazê-lo:

Nas demais manifestações, letras artes e ciência, ainda não criou coisa nenhuma; sempre satelitante, qual lua morta, em torno dos movimentos europeus, copia-lhe com servilismo a letra sem nunca assimilar o espírito. O “nosce te ipsum”, preceito fundamental do progresso pedra básica de toda criação social e individual, não o praticamos ainda: a fauna mentirosa dos panegiristas vigentes prova como nos conhecemos pouco.³⁸⁷

Segundo Alberto Luiz Schneider, “a modernização serviria para reformar o povo brasileiro, tornando-o apto para o progresso”.³⁸⁸ Pois, a partir dos anos 70, do século XIX, introduziram-se na cultura brasileira, temas e percepções pertinentes ao universo do Modernismo. Os fins do século XIX até meados do século XX, concentrou um intenso fluxo de mudanças que atingiram todos os níveis da experiência social.

Estimuladas sobretudo por um novo dinamismo no contexto da economia internacional, essas mudanças irão afetar desde a ordem e as hierarquias sociais até as noções de tempo e espaço das pessoas, seus modos de perceber os objetos ao seu redor, de reagir aos estímulos luminosos, a maneira de organizar suas afeições e de sentir a proximidade ou o alheamento de outros seres humanos. De fato, nunca em nenhum período anterior, tantas pessoas foram envolvidas de modo tão completo e tão rápido num processo dramático de transformação de seus hábitos cotidianos, suas convicções, seus modos de

³⁸⁴ Os referidos textos encontram-se respectivamente em: LOBATO, Monteiro. A “nossa doença”. **Revista do Brasil**, São Paulo, v. XIV, p.4-5, jan./mar. 1918. SERVA, Mário Pinto. Na retaguarda da civilização. **Revista do Brasil**, São Paulo, v. VII, p.208, jul. 1920. BRITO, Luiz Araujo Corrêa de. Tradição e progresso. **Revista do Brasil**, São Paulo, v. XIV, p.142-143, jun. 1920.

³⁸⁵ DE LUCA, **op. cit.**, p.160.

³⁸⁶ *Idem*, p.170.

³⁸⁷ LOBATO, Monteiro. A ação de Osvaldo Cruz. In.: _____. **Problema vital**. 8.ed. São Paulo: Brasiliense, 1957. p.225. Esse texto foi publicado em sua 1ª edição com o nome de: “Saneamento do Brasil”.

³⁸⁸ SCHNEIDER, Alberto Luiz. **Silvio Romero, hermenêutica do Brasil**. São Paulo: Annablume, 2005. p.42.

percepção e até seus reflexos instintivos. Isso não apenas no Brasil, mas no mundo tomado agora como um todo integrado.³⁸⁹

A partir dessa afirmação de Nicolau Sevcenko, fica mais fácil compreender o fascínio e a crença irredutível no progresso pelo qual a humanidade passava no período de vivência de Lobato. Este deslumbramento com relação ao progresso veio acompanhado do advento da chamada Segunda Revolução Industrial, também intitulada como Revolução Científico-Tecnológica, que ocorreu de meados do século XIX até a sua completa configuração em 1970.³⁹⁰

No curso dessas transformações, surgiu uma imensa variedade de novos equipamentos, produtos e processos que passaram a fazer parte do cotidiano da sociedade. Contudo, o mais impressionante foi o ritmo com que essas inovações apareceram, ocasionando drásticas modificações no modo de vida das pessoas, especialmente na última década do século XIX e nas primeiras décadas do século XX. Além disso, a partir da Segunda Revolução Industrial, ocorreu a consolidação da unidade global do mercado capitalista.³⁹¹

No Brasil, a ideia das novas elites provenientes da cafeicultura, da geração de 1870 e dos políticos republicanos, era promover uma industrialização imediata e a modernização do país de qualquer maneira. Segundo Sevcenko, isso gerou dois resultados: um curso incomum de entrada de capitais ingleses e americanos no país e “a mais escandalosa fraude especulativa de todos os tempos no mercado de ações”, chamada de Encilhamento, configurando a entrada triunfal do Brasil na modernidade.³⁹²

Na ânsia do esforço modernizador, as novas elites se empenhavam em reduzir a complicada realidade social brasileira, diminuída pelas moléstias herdadas do colonialismo e da escravidão, ao ajuste em harmonia com padrões abstratos de gestão social, inspirados em modelos europeus ou norte-americanos. Fossem esses os modelos da missão civilizadora das culturas da Europa do Norte, do urbanismo científico, da opinião pública esclarecida e participativa ou da crença conformada na infalibilidade do progresso.³⁹³

Era como se o estabelecimento do novo regime – republicano – implicasse pela mesma ação à extinção de toda a herança do passado histórico do país e apenas pela reforma institucional ele tivesse fixado uma integração com a cultura e a sociedade das potências

³⁸⁹ SEVCENKO, Nicolau. **Introdução:** O prelúdio, astúcias da ordem e ilusões do progresso. In.: NOVAIS, Fernando A. (Coord.). *História da vida privada no Brasil, 3: República: da Belle Époque à era do rádio*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999. p.7-8.

³⁹⁰ SEVCENKO, **op. cit.**, p. 8.

³⁹¹ Idem, p.10-11.

³⁹² Idem, p. 15.

³⁹³ Idem, p. 27.

industrializadas. A compreensão dos fenômenos do subdesenvolvimento e das desigualdades intrínsecas ao sistema de trocas de mercado internacional levou um longo tempo para desabrochar e conquistar um expressivo conteúdo crítico entre as elites republicanas.³⁹⁴

E enquanto essa consciência crítica não amadurecia, predominou o sentimento de vergonha, desprezo e aversão em relação ao passado, aos grupos sociais e rituais da cultura que evocassem hábitos de um tempo que se julgava para sempre superado.³⁹⁵

O resultado globalizante da Revolução Científico-Tecnológica e a enorme quantidade de ideias que a seguiam, iriam proferir a inclusão do país nesse contexto modernizador e propiciar a formação das novas elites constituídas nos padrões de um pensamento científico cosmopolita. Essas elites agiriam na ordem republicana, como intermediárias na integração do país aos novos termos da gestão internacional do capitalismo.³⁹⁶

3.3 O desencantamento

Conforme Skidmore, os anos correspondentes à Primeira Guerra Mundial haviam mudado o contexto do debate brasileiro sobre o desenvolvimento nacional, que passou de uma discussão a respeito da raça para a mobilização de recursos. Nessa última, a elite pensante do país passou por um período em que julgavam o progresso do Brasil como nação pela capacidade de criar e mobilizar um sentimento de intenção nacional.³⁹⁷

Segundo Campos, “a fé no progresso, a esperança de conquistar um futuro de bem-estar na Terra, a crença em que a redenção do homem brasileiro passava pela construção da sociedade industrial [...] vão ser colocadas em dúvida num dos últimos livros infantis de Lobato: *A Chave do Tamanho*.”³⁹⁸ Pela primeira vez na obra infantil de Lobato a sociedade americana é descrita de maneira negativa.

O desencantamento em relação ao progresso que Monteiro Lobato teve nos seus últimos anos de vida pode ser encontrado em obras das décadas de 1930 e 1940, como *A Chave do Tamanho*, *O Minotauro* e *América*. Além disso, ao sair da prisão em 1941, sente-se desencantado e amargurado. Por este desencanto e amargura de Lobato nos anos 40, são responsáveis não só a prisão, mas também a morte de seus dois filhos homens, o suicídio de

³⁹⁴ SEVCENKO, *op. cit.*, p.27.

³⁹⁵ *Idem*, p.27-28.

³⁹⁶ *Idem*, p.35.

³⁹⁷ SKIDMORE, Thomas E. **Preto no branco**: raça e nacionalidade no pensamento brasileiro. Trad. Raul de Sá Barbosa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976. p.198.

³⁹⁸ CAMPOS, *op. cit.*, p.147.

seu cunhado e a precariedade de sua situação financeira. Ele sobrevive, então, de direitos autorais e de traduções.

A tradução é a minha pinga. Traduzo como o bêbedo bebe: para esquecer, para atordoar. Enquanto traduzo, não penso na sabotagem do petróleo.

A beleza que encontramos nas coisas e nas gentes não estão nelas, estão em nós – e a idade a vai apagando. [...] Aqui nesta terra, nem animo de bruxolear eu tenho. Não vale a pena. Depois que me vi condenado a 6 meses de prisão, e posto numa cadeia de assassinos e ladrões só porque teimei demais em dar petróleo a minha terra, morri um bom pedaço na alma.

Perdi o meu segundo filho, o Edgar, [...]. E assim vamos também nós morrendo. Morrendo nos filhos, pedaços de nós mesmos que seguem na frente. Morrendo nas tremendas desilusões em que desfecham nossos sonhos. E morrendo fisiologicamente no torpor das glândulas, no decair da vista, no desinteresse cada vez maior por coisas que na mocidade nos eram de tremenda importância.

Foi a tradução que me salvou depois do meu desastre no petróleo. Em vez de recorrer ao suicídio, ao álcool ou a qualquer estupefaciente recorri ao vício de traduzir, e traduzi tão brutalmente que me acusaram lá fora de apenas assinar as traduções. Mas era o meio de me salvar. Hoje me sinto perfeitamente curado, - e por isso abandono o remédio.³⁹⁹

Ainda preso escreveu a Alarico Silveira, referindo-se à morte: “mas acho que este mundo anda tão indecente, que o melhor que um homem como ele tem a fazer, é de fato mudar-se de casa. [...] a Morte é o Grande Alvará – e que, portanto, lamentar uma morte é não compreender a sua maravilhosa significação.”⁴⁰⁰

Nesta fase do autor, o progresso está sempre ameaçado pela natureza humana em função, tanto dos problemas decorrentes da vida moderna como da eficiência bélica que ele traz. O que veremos agora são trechos da obra do autor em que ele expõe seu descontentamento com relação ao progresso. Como na passagem do livro, *Mr. Slang e o Brasil*, “Nunca houve na terra progresso que não perturbasse o anterior equilíbrio da vida.”⁴⁰¹

No próprio livro *América*, em que Lobato exalta a modernização norte-americana, ele já dá sinais de sua percepção sobre o que tudo aquilo poderia causar às pessoas, como problemas de saúde, a solidão e a massificação da sociedade.

A cidade que tonteia o recém-chegado e não raro lhe perturba o equilíbrio dos miolos. [...] a população flutuante de New York despende 20% mas de energia vital do que a média dos seus habitantes fixos, nela nascidos ou já com longa residência. [...] aumento da respiração, tensão muscular fora do comum e muitas vezes perturbações cardíacas.

³⁹⁹ As referidas citações encontram-se respectivamente em: LOBATO, Jose Bento Monteiro. **A barca de Gleyre**. São Paulo: Brasiliense, 1959. vol. II. p.334, 336, 345-346, 366.

⁴⁰⁰ Carta escrita em 29/04/1940 encontra-se em: MONTEIRO LOBATO, Jose Renato. **Cartas escolhidas**. v.2. São Paulo: Brasiliense, 1959. p. 77-78.

⁴⁰¹ LOBATO, Jose Bento Monteiro. **Mr. Slang e o Brasil**. 8.ed. São Paulo: Brasiliense, 1957. p. 34.

[...] O urbanismo intenso favorece o divórcio. ⁴⁰²

O chamado progresso não passa duma escravização cada vez mais apertada, que as massas consentem e aplaudem e, portanto, impõem a minoria individualista. [...] Ignoro se é para bem ou para mal nosso que progredimos em corporatividade e diminuimos em indivíduo. Vamos tendendo para a vida da colméia, onde o indivíduo não conta. A marcha para a frente é dirigida, mais e mais, por fatores corporados, com rumo a um ideal coletivo.[...] Cada novo invento significa passo a frente para a vida agregada, para a uniformidade, para o padrão. A tendência é fortificar os grupos, fundi-los em grupos sempre maiores, integrar o indivíduo na massa, fazer da média, não da exceção, o ideal. [...] Vivemos todos sufocados pelo excesso de coisas. Coisas demais, vida intensa demais, ciência demais a serviço da indústria para promover a “gravage” de toda uma nação. Excesso, excesso, eis o verdadeiro mal da América, o não sei quê causador do indefinível mal estar que todos sentimos. [...] – Mas temos que nos adaptar ao excesso de coisas. O impulso é nessa direção. ⁴⁰³

O livro *A chave do tamanho* foi lançado pela primeira vez em 1942, ano em que o Brasil entrou na Segunda Guerra Mundial, e contém uma crítica aos governantes que mataram milhares de pessoas e destruíram cidades inteiras na Europa.

Nessa história, Dona Benta e toda a turma do Sítio do Picapau Amarelo estão tristes com as notícias que chegam pelo rádio e pelos jornais contando sobre os bombardeios e as mortes causadas pela guerra. Escondida de todos, Emília resolve dar um jeito nessa situação. Querendo acabar com a guerra, por um triz a boneca não acabou com a humanidade inteira. Depois de mudar o tamanho de todos os seres humanos, a bonequinha sai pelo mundo enfrentando perigos e fazendo descobertas. Em suas andanças chega a encontrar o temido Adolf Hitler e os governantes das outras nações que estavam em guerra. Neste livro vemos a clara intenção de Lobato, que desencantado com os acontecimentos, só vê uma solução possível, destruir a civilização.

Incrível! Destruir o tamanho das criaturas!... Sabe que isso corresponde a destruir toda a civilização humana? Desde que o mundo é mundo, os homens, com as maiores dificuldades, foram construindo essa civilização feita de casas, máquinas, estradas, veículos, idéias. Tudo estava em relação com o tamanho natural dos homens. Mas agora, com a redução do tamanho, nada mais serve e, portanto, o que você fez Emília, foi destruir a civilização! ⁴⁰⁴

Em carta enviada a Artur Coelho, o autor também manifesta a intenção de destruir grande parte da civilização, mas nesse momento, pensando na continuidade do que já foi produzido:

A desgraça da guerra atual é matar pouca gente e destruir muita “coisa feita”. A coisa feita é que constitui a riqueza do mundo, como obra do aturado trabalho das gerações. Destruir isso é o maior dos

⁴⁰² LOBATO, Jose Bento Monteiro. **América:** os Estados Unidos de 1929. 2 ed. São Paulo: Brasiliense, 1948. p. 180-197.

⁴⁰³ LOBATO, **op. cit.**, p. 258-259- 261.

⁴⁰⁴ LOBATO, Jose Bento Monteiro. **A chave do tamanho.** 15.ed. São Paulo: Brasiliense, 1977. p.69.

crimes imagináveis – ao passo que destruir gente é apenas sangria aliviadora do grande mal que é o excesso de gente. [...] Eis porque acho esta guerra de Hitler horrendamente calamitosa; mata muito pouca gente e destrói muita coisa feita. O balanço dessa guerra vai ser catastrófico devido à intensidade do empobrecimento. A guerra de 1914 foi uma guerra enriquecedora, porque tendo matado 20 milhões de criaturas e destruído relativamente muito pouca coisa feita aliviou o mundo de 20 milhões de bocas e pois melhorou a situação de todos os que escaparam. Vem daí o progresso em que entrou o mundo depois que a paz se consolidou. [...] Minha esperança está na guerra química. Fatalmente há de haver alguns terríveis gases novos que venham salvar a situação. Porque, meu caro Coelho, se nesta guerra não morrerem de 30 a 40 milhões de homens, a bancarrota do mundo será inevitável e a miséria excederá à da China e alcançará até o States.⁴⁰⁵

Talvez o escritor queira expressar por meio da metáfora do tamanho reduzido na história, a pequenez da humanidade em se matar, destruir e guerrear por qualquer coisa. Ao amigo Godofredo Rangel em carta, ele explica: “A *Chave* é filosofia que gente burra não entende. É demonstração pitoresca do princípio da relatividade das coisas.”⁴⁰⁶

- Pense bem, Visconde. A tal “civilização clássica” estava chegando ao fim. Os homens não viam outra solução além da guerra, isto é, matar, matar, matar, destruir todas as coisas criadas pela própria civilização: as cidades, as fábricas, os navios, tudo. Pense bem, Visconde. Essa tal civilização havia falhado. Havia enveredado por um beco sem saída e a saída que achava qual era? Suicidar-se a tiros de canhão.⁴⁰⁷

Se em *América*, o autor enaltece a utilização do fogo e do ferro como caminho e solução para o progresso - “o fogo abriu caminho para a dominação da natureza”⁴⁰⁸, em *A chave do tamanho* ele abomina esses instrumentos e sua utilização.

Felizmente estamos livres daquela peste chamada fogo, que foi a verdadeira perdição da humanidade. [...]
 Não só subsistir, como até criar uma nova civilização muito mais agradável que a velha, sem os horrores da desigualdade social, da fome, das Blitzriegs [guerra relâmpago] e das inúteis complicações criadas pelos inventos mecânicos. [...]
 Aquele tipo de civilização que havíamos realizado era uma simples conseqüência do fogo. Enquanto o homem não descobriu o fogo, viveu muito bem dentro da lei biológica, a civilizar-se lentamente. Veio o fogo e tudo mudou, começou o galope sem fim. [...]
 Tudo naquela civilização era um produto do ferro [...] e o ferro era filho do fogo. Felizmente estamos livres do fogo, [...]. Estamos livres do fogo e do seu filho, o ferro, e das mil renações que os dois faziam no mundo, como as grandes guerras em que tudo era ferro e fogo. [...] Que foi a última guerra se não o desabamento em cima do homem de toda a civilização baseada no ferro, sob forma de tanques, canhões, fuzis, metralhadoras, bombas aéreas, etc.? Sempre o ferro e o seu maldito pai, o fogo! Ora, um, ora outro, quase sempre os dois juntos, não faziam outra coisa senão torturar os homens. [...] Estou convencido de que a desgraça da velha civilização veio das conseqüências sociais do fogo. [...] – Livres

⁴⁰⁵ Carta escrita em 1º de agosto de 1943 ou 1944 encontra-se em: MONTEIRO LOBATO, Jose Renato. **Cartas escolhidas**. v.2. São Paulo: Brasiliense, 1959. p. 131-133.

⁴⁰⁶ Carta de 01/02/1943 encontra-se em: LOBATO, Jose Bento Monteiro. **A barca de Gleyre**. São Paulo: Brasiliense, 1959. v.II. p. 341.

⁴⁰⁷ LOBATO, Jose Bento Monteiro. **A chave do tamanho**. 15.ed. São Paulo: Brasiliense, 1977. p.70-71.

⁴⁰⁸ LOBATO, Jose Bento Monteiro. **América: os Estados Unidos de 1929**. 2 ed. São Paulo: Brasiliense, 1948. p. 46.

do fogo, nós vamos agora construir uma civilização muito mais natural e vantajosa para nós mesmos, sem guerras, sem máquinas, sem aquele desvario das invenções que nos iam levando para o bebeléu.⁴⁰⁹

O livro *O minotauro*, escrito por Monteiro Lobato em 1939, traz informações e curiosidades sobre a época de glórias da Grécia e a importância do país para a cultura, política e filosofia de todo o mundo. O desaparecimento da Tia Nastácia, na festa de casamento de Branca de Neve, é ponto de partida para as aventuras da Turma do Sítio por duas diferentes “Grécias”: a Antiga, do tempo de Péricles, e a Mitológica, do tempo do Minotauro, o monstro do Labirinto de Creta. Emília, Narizinho, Visconde e todo pessoal do Sítio conhecem lugares históricos como o Monte Olimpo e o Partenon, além de importantes personalidades gregas, como o escultor Fídias e o pensador Sócrates, que se impressionam com as revelações sobre o futuro, contadas pela “vidente” Dona Benta.

Nele, também podemos encontrar menções sobre os males causados pelo progresso:

O movimento urbano não lembrava o das grandes cidades modernas. Nada do tumulto que vemos nesses horrores a que chamamos “ruas centrais”. [...] – Que diferença, vovó! – disse Pedrinho. – Lá nas cidades modernas a gente anda com o coração nas mãos, porque esbarra num, recebe um tranco de outro; e se vamos atravessar uma rua, dez automóveis fedorentos precipitam-se para nos esmagar. Aqui este sossego. Que maravilha! Agora compreendo por que esta gente pensou tantas coisas bonitas – é que não vivia atropelada, como nós, pelas horríveis máquinas que o demônio do progresso inventou. [...] Que pena o tal progresso do mundo... [...] – Mas então, vovó, o progresso mecânico é um erro – observou Pedrinho. – Talvez seja, mas não podemos fugir dele porque é também uma fatalidade. Com as suas invenções constantes, o progresso nos empurra para a frente – para delícias e também para mais tumulto, mais aflição, mais correria, mais pressa, mais insegurança, mais inquietude, mais guerra, mais horror. Essa é a razão da loucura estar tomando conta dos homens. Comparem a expressão sossegada destes gregos com a dos homens que vimos nas grandes capitais modernas, de cara amarrada, toda rugas, muitas vezes falando sozinhos.

Se as mais máquinas do seu mundo futuro mostram a sagacidade desta, chego a temer pela sorte dos homens: acabarão vencidos por tais inteligências mecânicas. [...] – A característica do mundo moderno – concluiu Dona Benta – é o desenvolvimento da máquina até aos últimos limites. Tudo é feito por meio de máquinas – e cada vez mais.

- Realmente, o progresso do homem é um fato – confirmou Dona Benta. – Não parará nunca, apesar das longas interrupções da barbárie. [...] Infelizmente, parece que há uma coisa irreduzível: a estupidez humana. Por mais que a inteligência se desenvolva, a estupidez não deixa o trono – e as guerras, filhas dessa estupidez, vão sendo cada vez mais terríveis.⁴¹⁰

No volume 2 das *Cartas Escolhidas*, também podemos encontrar referências a estes males: “Nunca S. Paulo esteve tão incômodo, tão cheio, tão caro, tão besta. Se eu não fosse uma árvore prês a ao solo por mil raízes, mudava-me [...]”⁴¹¹ A situação de desacordo de Lobato com a política e a situação do país ficam nitidamente expressas nessas cartas, na sua

⁴⁰⁹ As citações encontram-se respectivamente em: LOBATO, Jose Bento Monteiro. **A chave do tamanho**. 15.ed. São Paulo: Brasiliense, 1977. p. 121, 122, 123-124.

⁴¹⁰ As citações encontram-se respectivamente em: LOBATO, Monteiro. **O Minotauro**. São Paulo: Círculo do Livro, 1984. p. 115 – 116, 138, 233, 253 e 257 – 258.

⁴¹¹ MONTEIRO LOBATO, Jose Renato. **Cartas escolhidas**. v.2. São Paulo: Brasiliense, 1959. p. 157.

retirada da União Cultural Brasil-Estados Unidos e na viagem que fez a Argentina no final da vida.

Nada de estranho há no meu pedido de retirada da União Cultural Brasil-Estados Unidos. Há apenas um pouco de lógica. Como verifiquei que os americanos fazem a maior das guerras ao fascismo na Europa e dão todo o apoio moral e material ao mesmo fascismo aqui, achei de bom conselho não contribuir para a união cultural entre os dois povos, de medo que o brasileiro acabe ainda mais sem-vergonha do que é. Como o prezado amigo vê, trata-se apenas dum bocadinho de lógica.⁴¹²

O quadro é sinistro: saúva, erosão, gerais, ditador, comodismo, cabeça de avestruz sob as asas, o café na agonia, o agricultor pai de tudo, na miséria; prospera, só uma coisa: o parasitismo recrescente e já canceroso.⁴¹³

Felizmente estou com 62 anos e breve morro e fico livre de tudo – desta terra, destes governos, da luta armada e da futura paz, que você vai ver, sairá uma porcaria tão grande como foi a de depois de 1918.⁴¹⁴

E como ainda não há sombra de reação contra a cuscuta federal, estadual e municipal, permanece tudo na mesma e o Brasil, coitado, vai lentamente *morrendo de fome*.⁴¹⁵

O boato de “A Gazeta” não tem fundamento. Ainda não pensei em voltar, porque as causas que me fizeram sair persistem e até acentuadas. O Brasil é um país com 8 milhões de quilômetros quadrados de miséria. Ora, isso é um pouco meio muito para um sujeito de maus pulmões que não é obrigado a viver aí. Miséria é uma coisa que tanto dói sendo na gente como nos outros – e a miséria brasileira estava a me doer demais.⁴¹⁶

Segundo Michael Lowy,

Nas obras literárias, são raros os autores que denunciam, abertamente e sem rodeios, os males da sociedade onde vivem. O artista transmite, de preferência, seu ponto de vista através da maneira como elabora sua narrativa, da sugestão, da ironia, em suma, de um arsenal de técnicas literárias.⁴¹⁷

Como podemos perceber, Monteiro Lobato combina essas técnicas com o seu jeito arrojado de escrever e defender aquilo que acreditava. Afetado pelo desencantamento, ele procurou combatê-lo com uma postura romântica - uma vez que, “a visão romântica constitui uma “autocrítica” da modernidade”⁴¹⁸ - de crítica ao sistema, e da organização social, já que o desencantamento é um dos resultados desta sociedade, que atinge alguns grupos críticos, como os românticos.

⁴¹² Carta de 02/01/1944 a Jorge Americano, encontra-se em: LOBATO, Jose Renato Monteiro. **Cartas escolhidas**. v.2. São Paulo: Brasiliense, 1959. p. 125.

⁴¹³ Carta de 18/09/1944 ao amigo Pinto de Carvalho, encontra-se em: LOBATO, **op. cit.**, p. 135.

⁴¹⁴ Carta de 18/11/1944 a Artur Coelho, encontra-se em: LOBATO, **op. cit.**, p. 144.

⁴¹⁵ Carta de 06/01/1948 a Oscar Cordeiro, encontra-se em: LOBATO, **op. cit.**, p. 253.

⁴¹⁶ Carta de 23/11/1946 escrita de Buenos Aires ao amigo Jerônimo Monteiro, encontra-se em: LOBATO, **op. cit.**, p. 201.

⁴¹⁷ LOWY, Michael. *Revolta e melancolia: o romantismo na contramão da modernidade*. Trad.: Guilherme João de Freitas Teixeira. Petrópolis: Vozes, 1995. p.39.

⁴¹⁸ LOWY, **op. cit.**, p. 39.

O que Michael Lowy faz em suas obras, aqui tomadas como base, é sistematizar a análise da visão social de mundo, romântica. Em *Romantismo e Messianismo*, por exemplo, ele elenca alguns tipos ideais das principais figuras políticas do Romantismo, que seriam: 1- O romantismo passadista ou retrógrado (também chamado de reacionário) que visa restabelecer o estado social precedente, ou seja, voltar atrás para a Idade Média católica. Seu principal representante foi Novalis. 2 – O Romantismo conservador, que deseja a manutenção da sociedade e do Estado tal como existem nos países não atingidos pela Revolução Francesa e o restabelecimento das estruturas que existiam na França em 1789. Burke é um de seus propagadores. 3 – O Romantismo desencantado, que considera o retorno ao passado, impossível, sendo o capitalismo industrial um fenômeno irreversível. Tem como emissários os sociólogos alemães Tonnies e Max Weber. 4 – O Romantismo revolucionário ou utópico que recusa o retorno às comunidades do passado, mas também abdica a reconciliação com o presente capitalista, procurando uma saída na esperança do futuro. Fourier, Gustav Landauer e Ernst Bloch, são alguns de seus enunciadores.⁴¹⁹

Partindo da análise das últimas obras de Monteiro Lobato, acreditamos que o autor se enquadre tanto na visão desencantada do romantismo, visto que tornou-se um ser desencantado a partir dos eventos desencadeados pela sociedade em que viveu, quanto na visão revolucionária do movimento, pelo viés da crítica marxiana da civilização industrial-capitalista que se opõe a todas as formas industriais de produção existentes e da sociedade burguesa moderna.⁴²⁰

Lowy, em sua proposta, apresenta o romantismo com várias facetas. Em algumas, a crítica social ganha força. De uma maneira geral, o Romantismo é, por essência, anticapitalista, é uma reação contra o modo de vida da sociedade capitalista. Surgiu de uma oposição a essa realidade capitalista e moderna, a visão romântica (que é uma visão de mundo), instalou-se na segunda metade do século XVIII e ainda não desapareceu.⁴²¹ Contudo, essa crítica foi ganhando novos contornos ao longo do tempo, como é o caso de um de seus seguimentos que estaria na ameaça permanente em que vivemos, fruto do progresso técnico alcançado após o desenvolvimento industrial e capitalista da humanidade.

Para o mesmo autor, a crítica dos românticos incide sobre as características do capitalismo, que são várias, mas das quais ele destaca a quantificação e a mecanização do

⁴¹⁹ Ver: LOWY, Michel. Marxismo e romantismo revolucionário. In.: _____. **Romantismo e messianismo**: ensaios sobre Lukács e Benjamin. São Paulo: Edusp, 1990. p.11-34.

⁴²⁰ LOWY, **op. cit.**, p. 33.

⁴²¹ Ver: LOWY, Michael. Revolta e melancolia: o romantismo na contramão da modernidade. Trad.: Guilherme João de Freitas Teixeira. Petrópolis: Vozes, 1995. p. 30-36.

mundo; a abstração racionalista; a dissolução dos vínculos sociais; e, baseado em Max Weber, Lowy afirma que entre as principais características da modernidade, está o desencantamento do mundo.⁴²² As características citadas irão, por sua vez, servir de base para a formulação dos principais componentes da visão romântica que são: a recusa da realidade social presente, a experiência de perda, a nostalgia melancólica e a busca do que está perdido.⁴²³

Entre as várias faces do sistema capitalista, suscetíveis de concentrar a crítica romântica, estão o Estado e o aparelho político que administra o sistema social. É uma das críticas de Lobato, como pudemos ver nos seus textos de *O Minotauro*, *A reforma da natureza e América*. A mecanização do mundo, outra característica da modernidade, também é criticada pelos românticos. Lobato, em *O Minotauro* e *A chave do tamanho*, também manifestou, como vimos, uma profunda hostilidade a tudo o que era mecânico, artificial e construído.

A nostalgia do passado está ligada à crítica do mundo capitalista, e este passado pode ser mitológico ou legendário e, nos casos reais, geralmente sofre uma idealização.⁴²⁴ Na obra *O Minotauro*, Lobato delimitou esse passado à antiguidade grega. Mas podemos perceber que nos textos aqui citados, em que aparecem os personagens do Sítio do Pica-Pau Amarelo, Lobato descreve um paraíso perdido, fruto de sua imaginação, mas de certa forma com base no real.

Nos trechos citados das referidas obras, podemos perceber claramente o que Lowy nos fala: “Nostálgicos da harmonia perdida entre o homem e a natureza à qual dedicam um culto místico, eles observam com melancolia e desolação os progressos do maquinismo, da industrialização, da conquista mecanizada do meio ambiente.”⁴²⁵ Na perspectiva que se orienta para uma realização futura, como a de Walter Benjamin, a lembrança do passado serve como arma para lutar pelo futuro.⁴²⁶

Para Lowy, a modernidade capitalista desemboca em impasses. Por um lado, devido a seu caráter destruidor do ponto de vista humano, social e cultural; por outro, devido à ameaça que faz pesar sobre a própria sobrevivência da espécie, com o perigo das catástrofes ecológicas. É esse pensamento que Lobato expressa em suas últimas obras. É esse, também, o sentimento e a verificação do autor, perante todos os fatos presenciados.

⁴²² Idem, p.35.

⁴²³ Idem, p.44.

⁴²⁴ Idem, p.41.

⁴²⁵ Idem, p.63.

⁴²⁶ Idem, p. 41.

Se os críticos românticos viram a quantificação, a perda dos valores qualitativos, humanos e culturais, a solidão dos indivíduos, o desenraizamento, a alienação pela mercadoria, a dinâmica incontrolável do maquinismo e da tecnologia, e a degradação da natureza, Lobato também os viu e denunciou, mais uma vez.

Monteiro Lobato que era um apaixonado defensor do progresso econômico e técnico, do principal modelo da época do sistema capitalista (EUA), foi atingido por inúmeras das características e consequências da modernidade, sobretudo, o desencantamento. Terminou sua carreira como crítico dessa modernidade, como um crítico romântico, como forma de vencer seus conflitos interiores e prever formas diferentes de futuro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: A construção de um mito...

“É trabalho do historiador compreender a obra no tempo e decifrar os códigos cuja fluência se perdeu. A imagem do passado muda ao longo do tempo, pois é sempre matizada pelo olhar do presente.”⁴²⁷

Partindo desta citação, inicio as considerações finais deste trabalho que procurou mostrar um homem e sua produção em seu tempo. Se para Carlos Jorge Appel, Lobato foi um homem contraditório, “revolucionário por um lado, destruidor de falsos ídolos e ideias, iconoclasta que luta pela afirmação econômica e social do país e criticando a idealização do caboclo, ou seja, do Jeca Tatu, se expressa ao mesmo tempo com os ideais estilísticos de um mundo ultrapassado.”⁴²⁸ Para mim, ele foi um homem do seu tempo, um homem que viveu todas as modificações sofridas por sua época.

Em carta de 24/01/1948, à João Palma Neto, explicou as duas maneiras (que acreditava ser possível) de um escritor se comportar diante da literatura:

Há dois modos de escrever. Um, é escrever com a idéia de não desagradar ou chocar ninguém – escrever ataulfamente, acadêmicamente, gaspardutamente, cardinaliciamente, nãoofedenemcheiramente. E o meio mais prático de não ser lido por ninguém de perpetuar-se inédito embora publique mil obras. Outro modo é dizer desassombadamente o que pensa, dê onde der, haja o que houver – cadeia, fôrca, exílio.
429

Com toda certeza, Monteiro Lobato seguiu a segunda opção, em suas obras – sejam elas para adultos ou crianças – temos uma escrita autêntica, cheia de sentimento e sonhos. O seu modo de fazer literatura esteve ligado àquilo em que acreditava, principalmente, à transformação. Para ele, mudar o país não era uma ação exclusiva daqueles que ocupavam o poder, mas de todos os sujeitos que compunham a nação.

Conforme Alberto Luiz Schneider, no Brasil de fins do século XIX, sob a energia da cultura beletrista e bacharelesca da República das Letras, a crítica literária desfrutava de um prestígio jamais alcançado em qualquer outro momento da vida intelectual brasileira. Naqueles anos, a crítica literária serviu, frequentemente, como um espaço para a polêmica, o debate de ideais e a discussão sobre temas nacionais, exercendo sobre os intelectuais um

⁴²⁷ SCHNEIDER, Alberto Luiz. **Silvio Romero, hermenêuta do Brasil**. São Paulo: Annablume, 2005. p.13-14.

⁴²⁸ APPEL, Carlos Jorge. Lobato, um homem da República Velha. In.: ZILBERMAN, Regina (org.). **Atualidade de Monteiro Lobato: uma revisão crítica**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1983. p.29.

⁴²⁹ MONTEIRO LOBATO, Jose Renato. **Cartas escolhidas**. v.2. São Paulo: Brasiliense, 1959. p. 254-255.

enorme fascínio. Em nome da crítica, debateram-se ideias políticas, temas sociais e, claro, literatura.⁴³⁰

Podemos perceber que, nesse período, entre a intelectualidade, existia a ideia de dois Brasis: um que poderia vir a ser, vastamente idealizado, e o outro, o Brasil real, condenado ao desaparecimento, uma vez que acreditava-se na supressão das “raças inferiores” e “mestiças”, que formavam o povo nacional. De tal modo, não era diferente o pensamento de Monteiro Lobato.

Além dessa dicotomia, temos ainda a oposição entre interior e litoral. Segundo Thomas Skidmore, no início da década de 1900, a grande maioria dos brasileiros (quase 84% em 1900) viviam em duas áreas costeiras principais – o Sudeste e o Nordeste – como sempre aconteceu ao longo da história do Brasil. Os mais observadores podiam identificar então, a existência de ao menos dois Brasis: o do litoral e o do interior.⁴³¹ Segundo Nísia Trindade Lima, sertão e litoral surgiram “no pensamento social brasileiro como imagens de grande força simbólica, que expressam os contrastes e, no limite, o antagonismo de distintas formas de organização social e cultural.”⁴³²

Na *Revista do Brasil*, podemos encontrar ainda outra divisão: o Brasil do sul e do norte. O primeiro, pólo aglutinador de europeus, favorável a uma rápida miscigenação e europeização. O segundo, uma região isolada, fruto de uma natureza desfavorável que contava apenas com os seus próprios recursos.⁴³³

A diferença entre campo e cidade foi enfatizada pela necessidade de pensar num Brasil moderno e de procurar por uma identidade nacional. A literatura regional salientou então, as diferenças existentes entre a população, num momento em que se procurava a homogeneidade.⁴³⁴

No processo de formação da nação, os elementos identitários ganharam importância, tocando a sensibilidade dos indivíduos e combinando sentimentos de pertencimento a algo maior. Durante o século XIX, através da literatura, procurou-se estabelecer as origens da nação, buscando uma unidade identitária, garantidora da coesão social. Os limites desta identidade se construíram através de ações políticas e culturais, uma vez que, para organizar

⁴³⁰ SCHNEIDER, *op. cit.*, p.21.

⁴³¹ SKIDMORE, Thomas E. **Uma história do Brasil**. Trad. Raul Fiker. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003. p. 113.

⁴³² LIMA, Nísia Trindade. **Um sertão chamado Brasil**: intelectuais e representação geográfica da identidade nacional. Rio de Janeiro: Revan/IUPERJ-UCAM. 1998. p.22.

⁴³³ Ver: COARACY, Vivaldo. Os dois Brasis. **Revista do Brasil**, São Paulo, v.19, p. 310, abr. 1922.

⁴³⁴ NAXARA, Márcia Regina Capelari. **Estrangeiro em sua própria terra**. São Paulo: Anna Blume / FAPESP, 1998. p.117.

este país como um Estado nacional com bases sólidas, era preciso, aos olhos das lideranças políticas e intelectuais, entender e explicar o Brasil e seu povo a fim de conservar sua integridade territorial, além de projetar sua atuação no campo internacional.

A expressão “males de origem” é bastante utilizada no período estudado e serve para se referir àqueles que seriam os males do Brasil, ou seja, a herança colonial, a composição étnica da população e a ausência de poder público nas áreas de educação e saúde. Este termo foi utilizado por Manoel Bonfim para explicar que a condição patológica do Brasil, como do resto da América, baseava-se na história e no caráter nacional e não na raça, como afirmavam os demais pensadores do período.⁴³⁵

Segundo Lima e Hochman, a referência aos males do Brasil é tema constante em diversos momentos de nossa história intelectual, principalmente quando o assunto em debate é a identidade nacional, a civilização e o progresso. Foram poucos os autores que não usaram tons negativos para retratar o país. A partir da primeira década do século XX, esses males foram reunidos e sintetizados em torno do personagem Jeca Tatu. Agora com um perfil e identificado por todos, este poderia ser combatido.⁴³⁶

Num primeiro momento, Jeca Tatu foi a síntese, a personificação dos males ligados a nossa herança colonial, ao clima do país, à raça, ao ambiente que habitava, enfim, uma mão-de-obra que não era possível ser utilizada e sua produção, impossível de ser incorporada aos moldes agro-exportadores do período. Para os defensores do progresso ele era um problema. Num segundo momento, representou o mal das doenças e das injustiças sociais sofridas por grande parte da população que habitava os sertões. E num terceiro momento, em *Zé Brasil*, a temática dos males é deslocada para a atitude “das classes dominantes e para a estrutura fundiária responsável pelo nomadismo e pela pauperização do Jeca.”⁴³⁷ A ideia de males do Brasil faz referência àquilo que poderia ser tido como obstáculo ao progresso ou à civilização.

Para Márcia Naxara, o Jeca Tatu é a “cristalização das representações negativas do trabalhador nacional das décadas anteriores.”⁴³⁸ Ele é produto da formação racial do país em sua primeira fase. Já na segunda, é considerado o resultado das más condições de saúde e higiene. E em *Zé Brasil*, sua última versão, é a decorrência da exploração socioeconômica.

⁴³⁵ Ver: BONFIM, Manuel. *América Latina: Males de Origem*, 1903.

⁴³⁶ HOCHMAN, Gilberto; LIMA, Nísia Trindade. Pouca saúde, muita saúde, os males do Brasil são...discursos médico-sanitários e interpretação do país. In.: HOCHMAN, Gilberto. **Cuidar, controlar, curar**: ensaios históricos sobre saúde e doença na América Latina e Caribe. Rio de Janeiro: Ed. Fio Cruz, 2004. pp.493-533. p.496.

⁴³⁷ LIMA, **op. cit.**, p. 150.

⁴³⁸ NAXARA, **op. cit.**, p.12.

Vemos assim, que a questão social também ganhou destaque através das metamorfoses sofridas pelo Jeca, assim como passou a construir o quadro de sustentação da composição desse símbolo das ambiguidades do país, ou seja, todo o histórico do Jeca foi construído sobre este tema.

Conforme Botelho, essas “metamorfoses” do Jeca, nada mais são do que as vividas pelo escritor, resultantes, na sua vez, das mudanças pelas quais passava a sociedade brasileira.⁴³⁹ Portanto, defini-lo como uma dimensão simbólica representativa do homem brasileiro ou como uma caricatura do caipira, como nos diz Nísia Trindade Lima, não é tarefa fácil, pois em torno deste personagem não estão apenas questões sociais, mas, acima de tudo, encontramos questões pessoais da vida e do pensamento de seu criador.

Segundo Jorge Coli, “As nações fabricam seus mitos identitários.” O do Brasil é o mito das 3 raças.⁴⁴⁰ Admite-se, neste período compreendido por este estudo, que o povo brasileiro é constituído pela fusão de três raças: o branco, o negro e o índio. O primeiro ganhou maior destaque e o segundo apareceu nas discussões somente após a abolição da escravidão.

Como o branco era considerado um ser superior, uma vez que os seres evoluem através do tempo, o índio e o negro não teriam passado por essa evolução, tornando-se, portanto, obstáculos no processo civilizatório. Para os cientistas da época surge um grande problema: como fazer a nação progredir e como criar uma identidade nacional em meio a essa disparidade racial?

A partir deste pensamento, procurou-se encontrar no mestiço, um ponto de equilíbrio. Contudo, este elemento não é de todo convincente “enquanto produto do cruzamento entre raças desiguais, encerra, para os autores da época, os defeitos e taras transmitidas pela herança biológica.”⁴⁴¹ Para que de fato fosse construída uma nação era preciso que ocorresse o branqueamento da sociedade brasileira, eliminando assim as características das ditas “raças inferiores”.

Mas não podemos desconsiderar Jeca Tatu também como um mito, afinal, conforme Naxara, um mito, “Atua como simplificador da realidade, abolindo toda complexidade nela existente e, por conseguinte, qualquer questionamento a seu respeito. Ele simplesmente constata e é nessa simples constatação que está a sua eficácia.”⁴⁴² Já para os românticos, uma das principais modalidades de reencantamento do mundo é o retorno às tradições religiosas.

⁴³⁹ Ver: Censos e construção nacional no Brasil Imperial, Tempo Social, 2005.

⁴⁴⁰ Prefácio do livro: SCHNEIDER, **op. cit.**, p.11.

⁴⁴¹ ORTIZ, Renato. **Cultura brasileira e identidade nacional**. 4.ed. São Paulo: Brasiliense, 1985. p.21.

⁴⁴² NAXARA, **op. cit.**, p.145.

Contudo, segundo Michael Lowy, o recurso ao mito ocupa um lugar à parte, incluindo a tentativa de criar novos mitos.⁴⁴³ Podemos perceber, nessa atitude de construção do Jeca enquanto um mito, a tentativa de Lobato reencantar-se pelo mundo e explicar constantemente a situação do país.

A imagem do Jeca Tatu opilado foi uma criação literária, que passou por um processo de assimilação social, no momento mesmo da sua composição e, mais que isto, assumiu, ao longo do tempo, um caráter de abrangência com relação ao brasileiro de forma geral, tomado como símbolo de identidade. Esse processo de apropriação foi tão forte que permaneceu enraizado e parte constituinte do imaginário brasileiro e nem mesmo o seu autor foi capaz de revertê-lo, apesar das tentativas realizadas.⁴⁴⁴

A construção de Jeca Tatu enquanto um mito se deu através de uma criação histórica, porque literária, adotada e consolidada na cultura como símbolo da nacionalidade. “Carregava em si todo um imaginário, formado ao longo do tempo e que foi, por fim, mágica e tragicamente sintetizado num único personagem representativo de todo um universo. Não mais questionado, passou a ser tido como verdadeiro, como um mito.”⁴⁴⁵ Jeca tatu representa as ideias de seu autor sobre o progresso e a civilização, pensamentos esses que marcaram as primeiras décadas do século XX no Brasil.

O Jeca Tatu não era exclusivamente um ancilostomado, mas sim um indivíduo fraco, subnutrido, apático e desvalido. Em outras palavras, um brasileiro que não poderia pertencer a um país que pretendia constituir sujeitos hígidos e sadios, prontos para contribuir com o braço forte para o progresso e futuro da nação. O novo Jeca (Tatuzinho) tinha o espírito do capitalismo agrário americano para, a partir de São Paulo, remover as estruturas tradicionais e improdutivas.⁴⁴⁶

Nesse sentido, a ação saneadora e higiênica esperava criar a possibilidade de rever o tema da formação dos brasileiros e todas as ambiguidades que cercavam a discussão. Portanto, o meio rural brasileiro constituiu importante objeto de discurso de intelectuais e médicos, nas primeiras décadas do período republicano. Pela primeira vez, o campo e seus problemas sócio-econômicos, epidemiológicos, sanitários e educacionais foram expostos de maneira complexa e integral.

⁴⁴³ LOWY, Michael. *Revolta e melancolia: o romantismo na contramão da modernidade*. Trad.: Guilherme João de Freitas Teixeira. Petrópolis: Vozes, 1995. p.51-54.

⁴⁴⁴ Idem, p. 146.

⁴⁴⁵ Idem, p. 147.

⁴⁴⁶ HOCHMAN, Gilberto; LIMA, Nísia Trindade. *Condenado pela raça, absolvido pela medicina: o Brasil descoberto pelo movimento sanitarista da Primeira República*. In.: MAIO, Marcos Chor; SANTOS, Ricardo Ventura. **Raça, ciência e sociedade**. Rio de Janeiro: FIOCRUZ/CCBB, 1996. p.33.

As campanhas de saúde das décadas de 1910 e 1920, “ajudaram brasileiros esclarecidos a desafiar as teorias deterministas raciais e climáticas que tão frequentemente dominavam as discussões da elite sobre o lugar do Brasil no mundo.”⁴⁴⁷ O que estas variadas acepções vão orientar, é a busca pela identidade e por caminhos que levassem à civilização e ao progresso.

Nessa busca incessante, Lobato foi parar nos Estados Unidos e de lá voltou ainda mais obstinado e obcecado pelo progresso e pela modernização do país, radicalizando ainda mais seu engajamento crítico-social. Contudo, a grande maioria de suas ideias não puderam ser colocadas em prática, pois o governo de Getúlio Vargas foi um grande boicotador dos sonhos do escritor. Seu ideal de progresso, por muitas vezes, lhe custou muito caro, com a falência de seus negócios, prisão, exclusão, diversos rótulos e desencantamento com o mundo.

Ao final da carreira, completamente desencantado, Lobato proclama a ruína do homem e da sociedade por conta do progresso, a exemplo do que Jean Jacques Rousseau fez na obra *Discurso sobre as ciências e as artes* (1749), quando chocou os enciclopedistas ao defender a tese de que o progresso, ao invés de melhorar o homem, o havia, na realidade, deteriorado. E, através de sua revolta contra a sociedade capitalista moderna, apontando em seus textos as deficiências do progresso, podemos, de acordo com a análise que Michel Lowy faz da crítica romântica, inserir Monteiro Lobato nela.

Segundo Nísia Trindade Lima,

talvez a força de Jeca Tatu encontre-se precisamente na perda de sua referência específica ao agregado ou ao trabalhador rural improdutivo, quando ganha a dimensão de símbolo nacional. Percebe-se em textos de Lobato e de outros intelectuais a auto-identificação com o personagem, que passa a ser visto como expressão de autenticidade e representação simbólica da nação.⁴⁴⁸

Segundo Aluísio Alves Filho,⁴⁴⁹ a conservação de Jeca Tatu no imaginário social brasileiro se deve a alguns motivos primordiais. Entre eles estão:

- 1) o fato de ter nascido com um objetivo específico, mas ao longo do tempo, tornar-se um personagem com forma, mas sem conteúdo definido, “uma casaca vazia”;
- 2) de ser uma figura que pode ser retomada a qualquer momento para delinear diferentes situações do homem ou da cultura brasileira;

⁴⁴⁷ SKIDMORE, *op. cit.*, p.117.

⁴⁴⁸ LIMA, Nísia Trindade. **Um sertão chamado Brasil**: intelectuais e representação geográfica da identidade nacional. Rio de Janeiro: Revan/IUPERJ-UCAM. 1998. p.150.

⁴⁴⁹ ALVES, Filho Aluísio. **As metamorfoses do Jeca Tatu**: a questão da identidade do brasileiro em Monteiro Lobato. Rio de Janeiro: Inverta, 2003. p.93.

- 3) o caminho do Jeca no pensamento de Monteiro Lobato corresponder a construções de identidades brasileiras que foram confirmadas por discursos de várias origens. Apoiado em teorias e ideologias em voga, e com base nelas, o escritor construiu o primeiro Jeca e reconstruiu suas identidades posteriores. A primeira versão encontrou respaldo em teorias científicas (raciais) que circulavam, como a de Agassiz sobre a degenerescência do mestiço. A segunda ancorou-se nas doutrinas higienistas e a terceira inseriu-se na dialética do explorador versus o explorado. Estrutura-se, deste modo, nas discussões que ganharam impulso no pós 1945 e que se fazem presentes na literatura de outros autores;
- 4) o modelo de caboclo de Monteiro Lobato teve fácil aceitação desde sua edificação original, pois estava apoiado em conhecidas imagens literárias;
- 5) a bondade foi mantida em todas as versões. Além de ter a seu favor a crença na “alma rural” do homem brasileiro e da tranquilidade da vida no campo;
- 6) o intenso apelo emocional contido em seu nome. Segundo Aluizio, Jeca é a alteração de Zeca, tratamento coloquial e carinhoso dado a José. “Mesmo que não seja uma popular decodificação consciente do termo Jeca Tatu, o nome Jeca induz a pensar a figura-tipo construída por Lobato como alguém “íntimo e querido”.⁴⁵⁰ Uma vez que, na expressão composta, o coloquial Jeca domina o “perverso” Tatu, impondo-se a ele. Independente do significado que adquiriu ao longo do tempo, Jeca Tatu é assimilável “como configuração permanente de identidade nacional.”⁴⁵¹
- 7) a intensa propaganda que sempre teve. Incluindo as inúmeras cópias distribuídas pelo laboratório Fontoura, o que o tornou familiar e conhecido em todo o país;
- 8) as inumeráveis charges que adotam o personagem como referencial;
- 9) os diversos filmes produzidos e encenados por Mazzaropi;
- 10) as abundantes matérias que foram e ainda são publicadas nos jornais tendo o Jeca como referencial, ora como identidade do caipira, ora do brasileiro pobre, ora do brasileiro em geral;
- 11) o volumoso número de músicas que, em suas letras, enfatizam a simplicidade dos hábitos e os bons sentimentos do Jeca, supondo tratar-se de maneiras de ser bem brasileiras.

Segundo o pensamento do mesmo autor, não basta somente que alguém imagine e anuncie uma identidade regional ou nacional para que ela seja socialmente aceita e resista. Para que uma identidade consiga adentrar o imaginário social e manter-se em destaque, além de vias de comunicação e de amparo em teorias ou crenças da moda que lhe deem crédito

⁴⁵⁰ ALVES, **op. cit.**, p.109.

⁴⁵¹ Idem. P.110.

enquanto indivíduo, é imprescindível que encontre “probabilidades” de assimilação dadas por intenso respaldo ideológico e identificação popular.⁴⁵²

Conforme Aluizio, Jeca Tatu possui uma composição essencial que é nutrida, enquanto constância, por impulso ideológico sempre presente em nossa história: a crença que os brasileiros (pobres) não progridem porque são preguiçosos.⁴⁵³

Maria das Graças Paulino nos aponta outros motivos para a perpetuação do Jeca em nosso meio. Para ela, Lobato criou uma narrativa que pode ser recontada, e por isso é popular. Afinal, o repetido está entrelaçado à vida popular (como nos ritos e refrões), e Lobato sabia disso. Suas obras são repletas de diálogos inconclusos e polêmicos, e de um conhecimento que emancipa socialmente o indivíduo. Além disso, Lobato é um dos escritores do Pré-modernismo que, enquanto ficcionista, esteve próximo do universo popular e do texto simples para atingir o leitor comum e o seu universo, avesso a mudanças radicais.⁴⁵⁴

Monteiro Lobato, com suas campanhas nacionais, está inserido dentro do Pré-modernismo, uma vez que este período abrange tudo o que, problematizando a nossa realidade social e cultural, rompeu de alguma maneira com a cultura oficial do início do século XX e abriu caminho para as pesquisas sociais e estéticas retomadas a partir de 1922.⁴⁵⁵

Segundo Ligia Militz da Costa, o Jeca é o personagem padrão das letras regionais. Lobato foi um intelectual que participou e lutou, do seu jeito, pelo progresso social e mental do povo brasileiro, constantemente reformulando os seus próprios pontos de vista. No entanto, de uma forma geral, a mentalidade de Lobato coincide, em vários aspectos, com a modernidade do pensamento contemporâneo vinculado à sociedade industrial.⁴⁵⁶

Por fim, podemos dizer que, Monteiro Lobato através de sua literatura e de seu personagem, mostrou seu engajamento social e conseguiu inserir-se no cenário nacional de uma maneira muito peculiar, abordando dos temas mais corriqueiros aos mais incomuns para sua época. Com originalidade, conseguiu discutir assuntos de extrema importância para o país, acompanhar a evolução da sociedade da qual fazia parte, encantar-se e desiludir-se com ela. Mais do que um simples literato ou industrial do livro no Brasil, Monteiro Lobato foi um grande colaborador para a formação de uma imagem do país e da identidade brasileira.

⁴⁵² ALVES, *op. cit.*, p.117-118.

⁴⁵³ Idem, p.118.

⁴⁵⁴ PAULINO, Maria das Graças R. Leitura popular: o novo e o repetido. In.: ZILBERMAN, Regina (org.). **Atualidade de Monteiro Lobato**: uma revisão crítica. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1983. p.55-58.

⁴⁵⁵ COSTA, Lígia Milit da. Uma obra polêmica e dialógica. In.: ZILBERMAN, Regina (org.). **Atualidade de Monteiro Lobato**: uma revisão crítica. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1983. p.59.

⁴⁵⁶ COSTA, *op. cit.*, p.59-61.

FONTES PRIMÁRIAS

LOBATO, Jose Bento Monteiro. **A barca de Gleyre**. São Paulo: Brasiliense, 1959. (Obras Completas, v.11 e 12)

LOBATO, Monteiro. Velha Praga. In.: _____. **Urupês**. 3.ed. São Paulo: Brasiliense, 1948.

LOBATO, Monteiro. **Idéias de Jéca Tatú**. 11 ed. São Paulo: Brasiliense, 1964.

LOBATO, Monteiro. **Mr. Slang e o Brasil e Problema Vital**. 8.ed. São Paulo: Brasiliense, 1957.

LOBATO, Monteiro. **A reforma da natureza. O Minotauro**. São Paulo: Círculo do Livro, 1984.

LOBATO, Jose Renato Monteiro. **Cartas escolhidas**. v.1. São Paulo: Brasiliense, 1969.

LOBATO, Jose Renato Monteiro. **Cartas escolhidas**. v.2. São Paulo: Brasiliense, 1959.

LOBATO, Jose Bento Monteiro. **A chave do tamanho**. 15.ed. São Paulo: Brasiliense, 1977.

LOBATO, Jose Bento Monteiro. **América: os Estados Unidos de 1929**. 2 ed. São Paulo: Brasiliense, 1948.

LOBATO, Monteiro. Uma velha praga. **O Estado S. Paulo**, São Paulo, 12.nov. 1914. p.3. Rolo nº 60, de 01 nov. a 31 dez. de 1914, gaveta 10/n.30, Biblioteca Pública de Curitiba.

LOBATO, Monteiro. Urupês. **O Estado S. Paulo**, São Paulo, 23.dez. 1914. p.6. Rolo nº 60, de 01 nov. a 31 dez. de 1914, gaveta 10/n.30, Biblioteca Pública de Curitiba.

Revista do Brasil. São Paulo, v.I, ano1, jan./abr., 1916. Código R06/218, Arquivo Público do Estado de São Paulo.

Revista do Brasil. São Paulo, v.II, ano1, maio/ago., 1916. Código R06/219, Arquivo Público do Estado de São Paulo.

Revista do Brasil. São Paulo, v.III, ano1, set./dez., 1916. Código R06/220, Arquivo Público do Estado de São Paulo.

Revista do Brasil. São Paulo, v.IV, ano2, jan./abr., 1917. Código R06/221, Arquivo Público do Estado de São Paulo.

Revista do Brasil. São Paulo, v.V, ano2, maio/jul., 1917. Código R06/222, Arquivo Público do Estado de São Paulo.

Revista do Brasil. São Paulo, v.VI, ano2, set./dez., 1917. Código R06/223, Arquivo Público do Estado de São Paulo.

Revista do Brasil. São Paulo, v.VII, ano3, jan./mar., 1918. Código R06/226, Arquivo Público do Estado de São Paulo.

Revista do Brasil. São Paulo, v.VIII, ano3, maio/ago., 1918. Código R06/227, Arquivo Público do Estado de São Paulo.

Revista do Brasil. São Paulo, v.IV, ano3, set./dez., 1918. Código R06/259, Arquivo Público do Estado de São Paulo.

Revista do Brasil. São Paulo, v.X, ano 4, jan./abr., 1919. Código R06/225, Arquivo Público do Estado de São Paulo.

Revista do Brasil. São Paulo, v.XI, ano 4, maio/ago., 1919. Código R06/224, Arquivo Público do Estado de São Paulo.

Revista do Brasil. São Paulo, v.XII, ano 4, set./dez., 1919. Código R06/228, Arquivo Público do Estado de São Paulo.

Revista do Brasil. São Paulo, v.XIII, ano 5, jan./abr., 1920. Código R06/230, Arquivo Público do Estado de São Paulo.

Revista do Brasil. São Paulo, v.XIV, ano 5, maio/ago., 1920. Código R06/231, Arquivo Público do Estado de São Paulo.

Revista do Brasil. São Paulo, v.XV, ano 5, set./dez., 1920. Código R06/232, Arquivo Público do Estado de São Paulo.

Revista do Brasil. São Paulo, v.XVI, ano 6, jan./mar., 1921. Código R06/233, Arquivo Público do Estado de São Paulo.

Revista do Brasil. São Paulo, v.XVII, ano 6, abr./jun., 1921. Código R06/234, Arquivo Público do Estado de São Paulo.

Revista do Brasil. São Paulo, v.XVIII, ano 6, set./dez., 1921. Código R06/235, Arquivo Público do Estado de São Paulo.

Revista do Brasil. São Paulo, v.XIX, ano 7, jan./abr., 1922. Código R06/236, Arquivo Público do Estado de São Paulo.

Revista do Brasil. São Paulo, v.XX, ano 7, maio/ago., 1922. Código R06/237, Arquivo Público do Estado de São Paulo.

Revista do Brasil. São Paulo, v.XXI, ano 7, set./dez., 1922. Código R06/238, Arquivo Público do Estado de São Paulo.

Revista do Brasil. São Paulo, v.XXII, ano 8, jan./abr., 1923. Código R06/239, Arquivo Público do Estado de São Paulo.

Revista do Brasil. São Paulo, v.XXIII, ano 8, maio/ago., 1923. Código R06/240, Arquivo Público do Estado de São Paulo.

Revista do Brasil. São Paulo, v.XXIV, ano 8, set./dez., 1923. Código R06/241, Arquivo Público do Estado de São Paulo.

Revista do Brasil. São Paulo, v.XXV, ano 9, jan./abr., 1924. Código R06/242, Arquivo Público do Estado de São Paulo.

Revista do Brasil. São Paulo, v.XXVI, ano 9, maio/ago., 1924. Código R06/243, Arquivo Público do Estado de São Paulo.

Revista do Brasil. São Paulo, v.XXVII, ano 9, set./dez., 1924. Código R06/244, Arquivo Público do Estado de São Paulo.

Revista do Brasil. São Paulo, v.XXX, ano 10, jan./abr., 1925. Código R06/245, Arquivo Público do Estado de São Paulo.

BIBLIOGRAFIA

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. Trad. Alfredo Bosi. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

ALEIXO, Adriana Cristina Venturoso - A imagem literária de um sertão chamado Brasil. *Revista da UFG, Vol. 7, No. 01, junho 2004 on line*
<http://www.proec.ufg.br/revista_ufg/agro/V11_imagem.html> acesso em 17/04/10

ALVES, Filho Aluízio. **As metamorfoses do Jeca Tatu**: a questão da identidade do brasileiro em Monteiro Lobato. Rio de Janeiro: Inverta, 2003.

ANDRADE, Mário. **Macunaíma, o herói sem nenhum caráter**. 25. ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1988.

AUROUX, Sylvain. **Dicionário de filosofia**: temas e autores. Trad. Miguel Serras Pereira. Lisboa: Asa, 1997.

BELLO, José Maria. “Jeca Tatu e Mané Chique-Chique”. In: **À margem dos livros**. Rio: Anuário do Brasil, 1923.

BOSI, Alfredo. As letras na primeira república. In.: FAUSTO, Boris (org.). **O Brasil republicano: sociedade e instituições (1889-1930)**. 5.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997. v.2. p.293-319.

BOTELHO, R. Tarcísio. **Censos e construção nacional no Brasil Imperial**. Tempo Social, vol.17, n.1, São Paulo, jun.2005.

BOURDIEU, Pierre. Linguagem e poder simbólico. In.: _____ . **A economia das trocas lingüísticas**: o que falar quer dizer. São Paulo: Edusp, 1996.

BRITO, Mário da Silva. **História do modernismo brasileiro,1**:antecedentes da semana de arte moderna. 6.ed. Rio de Janeiro:Civilização Brasileira, 1997.

CAMPOS, André Luiz Vieira de. **A República do pica-pau amarelo**: uma leitura de Monteiro Lobato. São Paulo: Martins Fontes, 1986.

CANDIDO, Antonio. **Os parceiros do Rio Bonito**. 2 ed. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1971.

CAVALHEIRO, Edgard. **Monteiro Lobato**: vida e obra. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1955. v. II. p.473-850.

CHIARELLI, Tadeu. **Um jeca nos vernissages**: Monteiro Lobato e o desejo de uma arte nacional no Brasil. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1995.

COHEN, Ilka Stern. Diversificação e segmentação dos impressos. In.: MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tânia Regina de (org). **História da Imprensa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2008. p.103-130.

CONCEIÇÃO, Nádia. **A língua portuguesa e a identidade cultural brasileira na Revista do Brasil**. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufsc.br>> Acesso em: 20/04/2009.

DANTAS, Paulo (org.). **Vozes no tempo de Lobato**. São Paulo: Traço Editora, 1982.

DANTAS, Robson Norberto. Uma difícil caminhada até a *Revista do Brasil*. **Histórica**, São Paulo, n.1, p.12-14, abr. 2000.

DEL PRIORE, Mary. O nascimento do ensino agrícola. In.: _____ . **Uma história da vida rural no Brasil**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006. p. 173 -190.

DE LUCA, Tania Regina. **A Revista do Brasil**: um diagnóstico para a (N) ação. São Paulo: UNESP, 1999.

DE LUCA, Tania Regina. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi. (org.). **Fontes históricas**. SP: Contexto, 2005. p. 111-153.

DE LUCA, Tania Regina. A grande imprensa na primeira metade do século XX. In.: MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tânia Regina de (org). **História da Imprensa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2008. p.149-175.

DIAS, Maria Odila Leite da Silva. **Texto introdutório, Raízes do Brasil**. Coleção Intérpretes do Brasil, cor. Silvano Santiago, Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 2000, v.3. p. 899-928.

DIEHL, Astor Antônio. A ideia de progresso na História. In.: _____ . **Cultura historiográfica**: memória, identidade e representação. Bauru, SP: EDUSC, 2002. p.21-44.

DUPAS, Gilberto. **O mito do progresso**. Novos estudos. – CEBRAP, São Paulo, n.7, mar. 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/scielo.php?lng=pt>> Acesso em: 15/02/2010.

DUPAS, Gilberto. **O mito do progresso**; ou progresso como ideologia. São Paulo: Editora UNESP, 2006.

DURHAM, Eunice. As comunidades rurais tradicionais e a migração. In: _____ **A dinâmica da cultura: ensaios de antropologia**. São Paulo: Cosacnaify, 2004.

ELEUTÉRIO, Maria de Lourdes. Imprensa a serviço do progresso. In.: MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tânia Regina de (org). **História da Imprensa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2008. p.83-102.

FAUSTO, BORIS (org.) **O Brasil republicano, volume 1: estrutura de poder e economia (1889-1930)**. In.: História Geral da Civilização Brasileira. 6 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

FERREIRA, Aurelio Buarque de Holanda. **Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa**. Curitiba: Positivo, 2004.

FONTANA, Josep. A invenção do progresso. In.: _____. **A história dos homens**. Bauru: Edusc, 2004. p.143-170.

FIORIN, José Luiz. **Linguagem e ideologia**. São Paulo: Editora Ática, 2000.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Trad. Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

HOBSBAWN, Eric. O presente como história. In.: _____. **Sobre história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p.243-255.

HOCHMAN, Gilberto; LIMA, Nísia Trindade. Condenado pela raça, absolvido pela medicina: o Brasil descoberto pelo movimento sanitarista da Primeira República. In.: MAIO, Marcos Chor; SANTOS, Ricardo Ventura. **Raça, ciência e sociedade**. Rio de Janeiro: FIOCRUZ/CCBB, 1996. pp.23-40.

HOCHMAN, Gilberto. **A era do saneamento**: as bases da política de saúde pública no Brasil. São Paulo, Hucitec/Anpocs, 1998.

HOCHMAN, Gilberto. Regulando os efeitos da interdependência: sobre as relações entre saúde pública e construção do Estado (Brasil 1910-1930). *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v.6, n. 11, pp.40-61, 1993.

HOCHMAN, Gilberto; LIMA, Nísia Trindade. Pouca saúde, muita saúde, os males do Brasil são...discursos médico-sanitários e interpretação do país. In.: HOCHMAN, Gilberto. **Cuidar, controlar, curar**: ensaios históricos sobre saúde e doença na América Latina e Caribe. Rio de Janeiro: Ed. Fio Cruz, 2004. pp.493-533.

HOUAISS, Antonio. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

HUNT, Lynn. **A nova história cultural**. Trad. Jefferson Luiz Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

JORGE, Janes. A imprensa paulistana: entre as demandas do povo e os interesses oligárquicos (1890-1920). *Histórica*, São Paulo, n.7, jun./jul./ago. 2002.

KUMMER, Carmem Sílvia da Fonseca. Não esmorecer para não desmerecer: as práticas médicas sobre a saúde da população rural paranaense na Primeira República, 1916-1930. 154 f. Dissertação (Mestrado) - Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal do Paraná, Curitiba. 2007.

LAJOLO, Mariza. “Jeca Tatu em três tempos”. In: Schwarz R. (Org.) **Os Pobres na Literatura Brasileira**. São Paulo: Brasiliense, 1983.p.101-105.

LAJOLO, Marisa. **Monteiro Lobato**: a Modernidade do Contra. São Paulo, Brasiliense, 1985.

LANDERS, Vasda Bonafini. **De Jeca a Macunaíma**: Monteiro Lobato e o modernismo. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1988.

LEITE, Dante Moreira. **O caráter nacional brasileiro**: historia de uma ideologia. 6.ed. São Paulo: UNESP, 2002.

LIMA, Nísia Trindade. **Um sertão chamado Brasil**: intelectuais e representação geográfica da identidade nacional. Rio de Janeiro: Revan/IUPERJ-UCAM, 1998.

LOWY, Michel. Marxismo e romantismo revolucionário. In.: _____. **Romantismo e messianismo**: ensaios sobre Lukács e Benjamin. São Paulo: Edusp, 1990. p.11-34.

LOWY, Michel. A crítica romântica e a crítica marxista da civilização moderna. In.: _____. **Romantismo e messianismo**: ensaios sobre Lukács e Benjamin. São Paulo: Edusp, 1990. p.35-51.

LOWY, Michael. **Revolta e melancolia**: o romantismo na contramão da modernidade. Trad.: Guilherme João de Freitas Teixeira. Petrópolis: Vozes, 1995.

LOWY, Michael. **Walter Benjamin**: aviso de incêndio. Uma leitura das teses “Sobre o conceito de história”. Trad. Wanda Nogueira Caldeira Brant. São Paulo: Boitempo, 2005.

LOWY, Michel. O romantismo revolucionário de Maio 68. Trad.: Celuy Roberta Hundzinski. Revista Espaço Acadêmico. Maringá, nº 84, maio 2008. Disponível em: < <http://www.espacoacademico.com.br> > Acesso em: 14/03/10.

MARTINS, Wilson. **O modernismo** (1916-1945). A literatura brasileira. 4.ed. São Paulo: Editora Cultrix, 1973. v.VI.

MELLO e Souza, Antonio Candido. Literatura e cultura de 1900 a 1945. In.: _____. **Literatura e sociedade**: estudos de teoria e história literária. 8.ed. São Paulo: T.A.Queiroz, 2000. p.109-138.

MELLO e Souza, Antonio Candido. A literatura na evolução de uma comunidade. In.: _____. **Literatura e sociedade**: estudos de teoria e história literária. 8.ed. São Paulo: T.A.Queiroz, 2000. p.139-167.

MICELI, Sérgio. **Poder, sexo e letras na República Velha**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1977.

MICELI, Sérgio. **Intelectuais e classe dirigente no Brasil (1920-1945)**. Rio de Janeiro: Difel, 1979.

MORAES, Eduardo Jardim de. A questão da brasilidade. In.: _____. **A brasilidade modernista**: sua dimensão historiográfica. Rio de Janeiro: Gaaf, 1998. p.73-109.

NAPOLITANO, M. Mário de Andrade e a cultura brasileira moderna. In.: **Portugal – Brasil – Uma visão interdisciplinar do século XX**. Quartetto Ed., oimbac, 2003. p. 287-299.

NAXARA, Márcia Regina Capelari. **Estrangeiro em sua própria terra**. São Paulo: Anna Blume / FAPESP, 1998.

NIETZSCHE, Friedrich. Progresso e fim da história. In.: _____. **Escritos sobre história**. Trad. Noéli Correia de Melo Sobrinho. Rio de Janeiro: Ed. PUC - Rio; São Paulo: Loyola, 2005. p.249-288.

NETO, Machado Antônio Luiz. Profissão e vocação. In.: _____ . **Estrutura social da república das letras**. Sociologia da vida intelectual brasileira (1870 – 1930). São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1973. p.77-105.

NUNES, Cassiano. **Monteiro Lobato: o editor do Brasil**. Rio de Janeiro: Contraponto: PETROBRAS, 2000.

OLIVEIRA, Lúcia Lippi. **A questão nacional na Primeira República**. São Paulo: Brasiliense, 1990.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

ORTIZ, Renato. **Cultura brasileira e identidade nacional**. 4.ed. São Paulo: Brasiliense, 1985.

ORTIZ, Renato. **A moderna tradição brasileira**. São Paulo: Brasiliense, 1999.

OUTHWAITE, William. **Dicionário do pensamento social do século XX**. Trad. Eduardo Francisco Alves. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

PASSIANI, Enio. **Na trilha do Jeca: Monteiro Lobato e a formação do campo literário no Brasil**. Bauru, Edusc, 2003.

PICCHIA, Menotti Del. **Juca Mulato**. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 2001.

SANTOS, Washington dos. **Dicionário de sociologia**. Belo Horizonte: Del Rey, 1995.

SANTOS, Luiz Antonio de Castro. O pensamento sanitaria na Primeira República: Uma ideologia de construção da nacionalidade. *Dados. Revista de Ciências Sociais*, Rio de Janeiro, v.28, n.2, p.193-210, 1985.

SANTOS, Dheyne de Souza. A figura do homem rural na literatura brasileira: alguns recortes. *Revista da UFG, Vol. 7, No. 01, junho 2004 on line*
<http://www.proec.ufg.br/revista_ufg/agro/U32_homens.html> acesso em 17/04/10

SCHNEIDER, Alberto Luiz. **Silvio Romero, hermeneuta do Brasil**. São Paulo: Annablume, 2005.

SCHWARCZ, M. K. L. Nomeando as diferenças: a construção da idéia de raça no Brasil: In.: Boas, Glaucia Villas; GONÇALVES, Marco Antonio. **O Brasil na virada do século: o debate dos cientistas sociais**. Rio de Janeiro : Relume-Dumara, 1995 .

SCHWARCZ, Lilia Mortiz. **O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil: 1870-1930**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SETUBAL, Maria Alice. **Vivências caipiras: pluralidade cultural e diferentes temporalidades na terra paulista**. São Paulo: CENPEC, 2005.

SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão**: tensões sociais e criação cultural na primeira república. São Paulo: Brasiliense, 1999.

SEVCENKO, Nicolau. **Introdução**: O prelúdio, astúcias da ordem e ilusões do progresso. In.: NOVAIS, Fernando A. (Coord.). História da vida privada no Brasil, 3: República: da Belle Époque à era do rádio. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

SILVA, Mario Camarinho da. **A Revista do Brasil**: de Monteiro Lobato a Chateaubriand. Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, 1985. v.349. p.61-73.

SKIDMORE, Thomas E. **Preto no branco**: raça e nacionalidade no pensamento brasileiro. Trad. Raul de Sá Barbosa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

SKIDMORE, Thomas E. **Uma historia do Brasil**. Trad. Raul Fiker. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003.

SOUZA, Ricardo Luiz de. **Explicando o fracasso**: Monteiro Lobato e a identidade nacional. Estudos de Sociologia, Rev. do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFPE, v.12, n.1, p. 131-158.

VELLOSO, Mônica Pimenta. **A brasilidade verde-amarela**: nacionalismo e regionalismo paulista. Estudos Históricos, 11, CPDOC/FGV, Rio de Janeiro, 1993. p.89-112.

VENTURA, Roberto. **Estilo tropical**: historia cultural e polêmicas literárias no Brasil 1870-1914. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

VOVELLE, Michel. Ideologias e mentalidades: um esclarecimento necessário. In.: _____ . **Ideologias e mentalidades**. São Paulo: Brasiliense, 1987. p.9-25.

WILLEMS, Emíli. *O problema rural brasileiro visto do ponto de vista antropológico*. São Paulo: Secretaria de Agricultura, Indústria e Comércio de São Paulo, 1944. / Tempo Social, revista de sociologia da USP, v.21,n1. p187-210.

WILLIAMS, Raymond. **O campo e a cidade**: na história e na literatura. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

YATSUDA, Enid. O caipira e os outros. In.: BOSI, Alfredo (Org.). **Cultura brasileira**: temas e situações. São Paulo: Atica, 2002.

ZILBERMAN, Regina (org.). **Atualidade de Monteiro Lobato**: uma revisão crítica. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1983.